

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Instituto de Psicologia

Programa de Pós Graduação em Teoria Psicanalítica

Stephanie Soares Brum

PARA ALÉM DE UMA ECONOMIA DO PRAZER

Rio de Janeiro

2018

Stephanie Soares Brum

PARA ALÉM DE UMA ECONOMIA DO PRAZER

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ -, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Orientador: Prof. Dr. Julio Verztman

Co-orientadora: Prof. Dra. Fernanda Pacheco
Ferreira

Rio de Janeiro

2018

Brum, Stephanie Soares.

Para Além de uma economia do prazer/ Stephanie Soares Brum.

- Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2018.

Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, 2017

Orientador: Prof. Dr. Julio Verztman

Co-orientadora: Prof. Dra. Fernanda Pacheco Ferreira

Referências Bibliográficas: f. 110-114.

1. Prazer. 2. Descarga. 3. Relação. 4. Integração. 5. Continuidade. I Verztman, Julio (Orient.)

II. Pacheco-Ferreira, Fernanda (Co-orient.) III. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em teoria Psicanalítica. IV. Título.

PARA ALÉM DE UMA ECONOMIA DO PRAZER

STEPHANIE SOARES BRUM

Orientador: Prof. Dr. Julio Verztman

Co-orientadora: Prof. Dra. Fernanda Pacheco Ferreira

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Aprovada por:

Prof. Dr. Julio Verztman (Orientador)

Profa. Dra. Fernanda Pacheco Ferreira (Co-orientadora)

Prof. Dr. Sergio Gomes da Silva

Profa. Dra. Diane Almeida Viana

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2018

Agradecimentos

Aos meus pais Carlos e Marta, por sempre acreditarem em mim, pelo carinho, amor e paciência com os quais sempre estiveram presentes. À minha irmã Tiphane, pelo apoio, olhar de admiração - que sempre me impulsionou - e toda a leveza e descontração que traz para meus dias. À minhas avós Marilene e Alda por estarem sempre presentes me apoiando. Em memória de meus avôs Guará e Zeca que mesmo não estando mais aqui ainda aquecem meu coração com todo o amor que me dedicaram. À todos os amigos que estiveram presentes ao longo deste percurso. Ao professor Julio Veztman por ter acreditado nas minhas ideias. À professora Fernanda Pacheco Ferreira pelas contribuições e trocas ao longo da construção da minha dissertação. À Sergio Gomes, pelo carinho e todas as discussões (teóricas e clínicas) que ajudaram no enriquecimento deste trabalho. À Diane Viana pela disponibilidade e atenção. À equipe de pesquisa do NEPECC, pelos debates e aprendizado. Ao CNPQ pela bolsa de estudos concedida nestes dois últimos anos.

S.S.B.

Resumo

A presente dissertação tem por objetivo analisar a questão do prazer desatrelado de uma dinâmica metapsicológica, segundo a qual o movimento de descarga seria entendido como principal fonte do prazer. Para este propósito, busca-se nos escritos winnicottianos as ferramentas necessárias para trabalhar com uma vertente de prazer que se afirma estar remetida a um panorama relacional. Esta relação será traçada a partir de movimentos próprios do desenvolvimento emocional, tais quais: a integração, a continuidade e a segurança. Visto isso, almejando delimitar o conceito de prazer seguindo as linhas do arcabouço teórico proposto por Winnicott, no primeiro capítulo será delineada uma diferenciação entre satisfação, desejo e prazer, conceitos que se encontram próximos na concepção freudiana. No segundo capítulo, percorre-se o rumo da satisfação ao prazer, a fim de propor não apenas uma proximidade entre estes conceitos, mas também uma continuidade própria a uma ideia de desenvolvimento integral, contínuo e permanente. No último capítulo, discutem-se as questões apresentadas em conjunto com ilustrações clínicas baseadas em atendimentos realizados pelo Núcleo de Estudos em Psicanálise e Contemporaneidade (NEPECC) de pacientes que apresentam queixas relacionadas a um agir compulsivo. Objetiva-se, por meio deste percurso, compreender uma forma outra de prazer - que não se encontra atrelada ao movimento de descarga -, e o lugar ocupado pelos sintomas compulsivos na clínica contemporânea.

Palavras chave: prazer; descarga; relação; integração; continuidade

Abstract

The purpose of this dissertation is to analyze the question of pleasure out of a unmasked pleasure in a metapsychological dynamic - which has the discharge movement as the main source of pleasure. In this regard, we seek in winnicottian writings the necessary tools necessary to work with a pleasure strand that we claim to be connected to a relational panorama. Such a relationship will be drawn from the movements of the emotional development, such as: integration, continuity and security. As aforesaid, aiming to delimit the concept of pleasure following the lines of the theoretical framework proposed by Winnicott, in the first chapter we draw a distinction among satisfaction, desire and pleasure - concepts that are extremely close in a Freudian's conception. In the second chapter we will follow the path of satisfaction to pleasure, in order not only to propose a closeness between these concepts, but a proper continuity to an idea of integral, continuous and permanent development. In our last chapter, we are going to discuss the issues presented together with clinical illustrations - of the current NEPECC clinical care of patients who have a complaint related to compulsive behavior. We aim to understand not only this other form of pleasure - which is not tied to the discharge movement - but also the place occupied by compulsive symptoms in these cases.

Keywords: pleasure; discharge; relationship; integration; continuity

Résumé

Le but de cette thèse est d'analyser la question du plaisir détaché dans une dynamique métapsychologique (dont le mouvement de décharge est la principale source de plaisir). À cette fin, nous chercherons dans les écrits winnicottiennes les outils nécessaires pour travailler avec un brin de plaisir que nous prétendons être expédié à un panorama relationnel. Une telle relation sera tirée des mouvements du développement émotionnel, tels que l'intégration, la continuité et la sécurité. Dans cette perspective, visant à délimiter la notion de plaisir suivant les lignes proposées par Winnicott, nous allons tracer dans le premier chapitre une distinction entre satisfaction, désir et plaisir - concepts extrêmement proches dans la conception freudienne. Dans le deuxième chapitre, nous suivrons le chemin de la satisfaction au plaisir, non seulement pour proposer une proximité entre ces concepts, mais une continuité propre à une idée de développement intégral, continu et permanent. Dans notre dernier chapitre, nous discuterons des problèmes présentés en même temps que des illustrations cliniques - des soins cliniques actuellement effectués par NEPECC pour les patients qui ont une plainte liée à un comportement compulsif. L'objectif de ce cours est de comprendre non seulement cette autre forme de plaisir, qui n'est pas liée au mouvement de décharge, mais aussi la place occupée par les symptômes compulsifs dans ces cas.

Mots-clés : plaisir; décharge; relation; intégration; continuité

Sumário

Introdução	11
Capítulo 1: Considerações iniciais sobre o prazer	15
1.1 - A problemática do prazer na obra freudiana	15
1.1.1 - O prazer na primeira tópica	15
1.1.2 - O prazer na segunda tópica	17
1.1.3 - Traçando novos rumos para o entendimento do prazer	19
1.2 - Traçando um percurso para uma analogia da noção de prazer em Winnicott	20
1.2.1 – A satisfação nas relações objetais	25
1.2.2 – Desejo	33
1.2.3 - Seria possível trabalhar com o prazer fora de uma dimensão econômica? --	38
Capítulo 2: Da satisfação ao prazer: uma perspectiva relacional	45
2.1 - O surgimento de um vir a ser a partir da agressividade primária	46
2.1.1 - Uma delimitação do conceito de agressividade em Winnicott	47
2.1.2 – A satisfação própria do encontro imerso na mutualidade	54
2.2 – A continuidade de uma existência no intervalo entre estados calmos e excitados ----	58
2.3 - Uma terceira área da experiência	62
2.3.1 – O brincar e o papel da criatividade	65
Capítulo 3 - Lançando um olhar sobre a problemática do prazer a partir da clínica --	71
3.1 – Uma existência marcada por um eterno presente	74
3.1.1 - Os benefícios de uma existência paralisada	79
3.2 – O sintoma enquanto potencialidade	80
3.2.1 - Uma forma de comunicação	84
3.3 - O sintoma compulsivo e o campo do sexual	87
3.3.1 - A ideia de sexualidade integrada em Winnicott	88
3.3.2 - Angústia	93
3.4 - O prazer na relação com o outro	96

3.5 - Um prazer não restrito ao movimento de descarga -----	101
4 – Considerações Finais -----	106
5 - Referências Bibliográficas -----	110

Introdução

O prazer foi amplamente trabalhado por Freud, que lhe conferiu um lugar de destaque na fundação da psicanálise. Em sua obra, nos deparamos com uma dinâmica do prazer atrelada a uma economia psíquica, a partir da qual seriam os movimentos de excitação e descarga os responsáveis por um direcionamento do aparelho - o que garantiria a vida do próprio sujeito (FREUD, 1895/2006). Neste contexto, o prazer é inserido na metapsicologia freudiana como algo basal e inerente ao aparelho psíquico. Essa dinâmica atrela o prazer a um movimento constante promovido pela variação entre os estados de tensão e de descarga, vivenciado como prazeroso. Contudo, esta organização, tão bem elaborada - capaz de nos fazer conceber a maquinaria por trás dos estados de prazer e desprazer -, não tem se mostrado suficiente diante de casos em que a questão central parece não se remeter a um conflito psíquico. Tendo isso em vista, somos levados a indagar se existiriam formas outras de ter acesso ao prazer que não a proposta por Freud (1911/2010), ou seja, uma modalidade de prazer que não seria acessada apenas pelo movimento de descarga libidinal.

O presente tema de pesquisa surge da comunhão de nosso interesse particular pela questão do prazer e os estudos realizados juntamente com o Núcleo de Estudos em Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade (NEPECC) sobre as semelhanças e diferenças observadas entre a categoria de neurose obsessiva, descrita por Freud, e os pacientes que apresentam queixas relacionadas a um agir compulsivo. Ao nos dedicarmos ao estudo do prazer tendo em vista os casos de compulsão contemporâneos, deparamos com uma problemática que, ao que tudo indica, se encontra fora do terreno conflitual da neurose.

Tem se revelado um grande desafio para a clínica da atualidade pacientes que chegam ao consultório trazendo consigo uma queixa na qual o conflito psíquico parece não estar presente. Neste panorama, o modelo das compulsões vem ganhando grande relevo, se mostrando um campo enriquecedor por meio do qual nossas considerações, no que tange à questão do prazer, parecem se aplicar. Embora a grande maioria dos sujeitos atendidos pela pesquisa tenham o diagnóstico psiquiátrico de Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC), não trabalharemos diretamente com este diagnóstico, mas sim com diferentes formações sintomáticas vinculadas à categoria de ato compulsivo.

Pode-se dizer que o ato compulsivo se apresenta de maneira intensa e algumas vezes ininterrupta por longos períodos de tempo, adquirindo uma característica quase automática e

contínua. Este agir parece desvinculado do próprio sujeito, que se perde em meio a um turbilhão de atos quase sem intervalos, muitas vezes levando-o até a exaustão. Esses pacientes buscam atendimento tomados por um sofrimento com o qual não parece se vincular, de forma intensa e realmente significativa, um tecido fantasmático ou um pano de fundo desejante que justifique tais ações. O sentido conferido a esses atos parece frouxo e desarticulado. Tal forma de expressão sintomática - diferente do proposto no modelo da neurose - não parece se inscrever como substituto do ato sexual, cuja realização promoveria uma satisfação desejante na fantasia e promoveria um movimento de descarga prazeroso. Sobre isso, Gondar (2001) ressalta que as compulsões em si não são uma novidade para a Psicanálise; o que chama a atenção é a grande abrangência destes sintomas em modos de subjetivação distintos do modelo da neurose.

Visto isso, traçamos algumas distinções entre esta forma de expressão pautada em um agir compulsivo e o modelo da neurose obsessiva: 1) Na neurose obsessiva observamos uma íntima ligação entre agir compulsivo e pensamento obsessivo; já nas modalidades de ato compulsivo que estamos abordando, este vínculo parece praticamente inexistente; 2) Na neurose obsessiva, devido ao papel dos sintomas enquanto formação de compromisso, percebe-se um tecido fantasmático que serve de alicerce para sua expressão. Em contrapartida, os atos compulsivos em questão não parecem remetidos tão intimamente a esta relação; 3) Na neurose obsessiva, o prazer seria alcançado a partir do movimento de contraste promovido pela descarga de uma tensão libidinal através da realização fantasmática de um desejo inconsciente, enquanto que nos atos compulsivos contemporâneos evidencia-se uma dimensão do prazer não necessariamente ligada à descarga.

Logo, a partir da clínica atual, somos confrontados com uma dimensão do prazer que implica em caminhos tortuosos na contemporaneidade, suscitando o questionamento: existiriam formas de prazer para além do modelo predominantemente pautado na descarga, conforme proposto por Freud? Tendo isso em vista, objetivamos, com a presente dissertação, traçar as linhas pelas quais o prazer pode ser encontrado para além desta dinâmica já tão intensamente estudada pela psicanálise clássica, levantando perguntas como: que prazer estaria em questão fora de uma perspectiva econômica? Existe um prazer que não se encontra necessariamente atrelado ao movimento de descarga? Que modalidade de prazer podemos trabalhar para além de uma economia do prazer?

Tais questionamentos nos levam a buscar, nos escritos de D. W. Winnicott, ferramentas que nos permitam trabalhar a categoria de prazer não necessariamente atrelada a um movimento de descarga. Vale ressaltar que não estamos, com isso, indo contra as considerações freudianas no que se refere a uma economia do prazer, mas traçando uma nova perspectiva a partir da qual a questão do prazer poderá ser contemplada de uma maneira mais abrangente - considerando desafios inerentes à própria constituição subjetiva e a intimidade decorrente de um panorama relacional.

Esse autor da escola inglesa de psicanálise, membro do chamado "grupo do meio", ingressa na psicanálise após formação e atuação como pediatra. Tal percurso profissional, assim como as observações e atendimentos realizados com bebês e suas mães, lhe possibilita lançar um olhar diferenciado sobre o que ele nomeará de "desenvolvimento emocional primitivo" (WINNICOTT, 1945/2000) e todos os processos a ele inerentes que, na saúde, possibilitarão a emergência e consolidação de um *self*¹. Neste movimento de traçar as linhas de um desenvolvimento emocional do indivíduo, Winnicott prioriza as ditas "necessidades do ser" sobre a própria exigência instintual (WINNICOTT, 1988/1990). Essa mudança de paradigma não só o afasta dos preceitos metapsicológicos traçados por Freud, como também o leva a considerar a importância primordial que a relação de intimidade entre mãe e infante - inicialmente indistintos - adquire no processo de constituição do *ser*. Dito de outro modo, a satisfação inicial promovida pelos cuidados dedicados ao infante não diz respeito, em Winnicott, apenas à satisfação de exigências instintivas, mas a um conjunto de necessidades que possibilitarão a descoberta e constituição do próprio indivíduo.

Neste panorama, os estados de tranquilidade e os processos a eles inerentes ganham grande relevo, constituindo-se como pano de fundo sobre o qual os estados excitados podem ser vividos de maneira prazerosa. Além disso, é a continuidade proporcionada por um cuidado suficientemente bom o que garante que, nestes intervalos entre as excitações, possa se dar um outro tipo de experiência - um intervalo no qual o sujeito pode regredir a estados de menor integração sem com isso experienciar o sentimento de desintegração -, próprio de um espaço no qual é possível vivenciar algo verdadeiramente seu em contato com o mundo.

É justamente nessas experiências inerentes aos estados de tranquilidade que acreditamos poder localizar uma faceta prazerosa própria ao verdadeiro *self* e ao viver espontâneo, tendo o

¹ Este conceito será trabalhado ao longo da presente dissertação.

brincar como modelo. Forma de prazer esta que pode ser alcançada por meio da confiabilidade no ambiente, da sensação de continuidade e da integração.

A fim de elucidar esta problemática seguindo as diretrizes do pensamento winnicottiano, nos dedicaremos, no primeiro capítulo, às delimitações do conceito de prazer na obra deste autor. No capítulo seguinte, investiremos nossos esforços sobre o estudo da passagem de um estado de satisfação para a vivência desta modalidade distinta de prazer que objetivamos propor. Por fim, no terceiro capítulo, traçaremos algumas considerações sobre nossa temática central, juntamente com a apresentação de algumas ilustrações de casos atendidos pela pesquisa atual do NEPECC - os quais serão trabalhados por meio de balizadores que permitirão a contemplação não apenas de nossas considerações sobre o prazer, mas também do próprio sintoma compulsivo e sua função para estes pacientes.

Capítulo 1 - Considerações iniciais sobre o prazer

A noção de prazer é basal na edificação da teoria psicanalítica e seu emprego é na maior parte das vezes vinculado à ideia de descarga, remetendo diretamente a um prazer sexual. A presente dissertação tem como principal objetivo problematizar essa noção, o que significa apontar para possíveis dimensões ainda não inteiramente exploradas do prazer pela psicanálise. Por se tratar de uma noção complexa e já muito discutida pela psicanálise clássica, optamos por não nos ater ao desenvolvimento das diversas concepções de Freud sobre o tema, nos restringindo apenas a um resumo introdutório de suas principais considerações sobre a concepção de prazer, expondo-as como pano de fundo de nossa questão central. Sabemos dos riscos de imprecisão que corremos ao realizar tal resumo, mas decerto esse procedimento preparará o terreno para adentrarmos na obra de outro autor que evidencia temáticas distintas das até então trabalhadas pela teoria psicanalítica.

Referimo-nos aqui à obra de Winnicott, a qual, sem negar as contribuições de Freud sobre a dinâmica das neuroses, aponta um quadro novo, nos levando a compreender a própria clínica para além do terreno das neuroses clássicas. Neste primeiro capítulo, teremos como objetivo central um mapeamento e delimitação, na obra de Winnicott, de uma forma de experienciar o prazer não referida necessariamente ao modelo econômico, tal qual proposto por Freud. Deste modo, a fim de seguir as linhas percorridas por esse autor da escola inglesa, abordaremos nossa temática fora de uma perspectiva metapsicológica. Os desafios que se colocam diante deste capítulo decerto se mostrarão frutíferos no desenvolvimento de nosso objetivo principal.

1.1 - A problemática do prazer na obra freudiana

1.1.1 - O prazer na primeira tópica

Prazer: esta parece ser a palavra de ordem ao nos dedicarmos ao estudo dos processos e formas de sofrimento psíquico em um contexto psicanalítico. Afinal, quando Freud (1984/2006) propõe que haveria nas neuropsicoses de defesa - neurose obsessiva, histeria e fobias - um fator quantitativo² em comum, ele engloba as três em um mesmo grupo, o qual apresentaria como pano de fundo a mesma dinâmica; e esta diria respeito à busca pela

² É importante ressaltarmos que, ao falarmos em um fator quantitativo que estaria em jogo no psiquismo, este seria hipotético, proposto a fim de facilitar o entendimento dos processos psíquicos, sendo assim “mensurável” apenas por meio do contraste entre seu aumento, diminuição, deslocamento e descarga.

descarga de um acúmulo de excitações, mesmo que tal propósito seja alcançado por caminhos diferentes. É em meio a esse contexto, presente já nas primeiras contribuições freudianas, que se inscreve a ideia de que o par prazer-desprazer é apreendido por meio do contraste entre descarga de excitação e acúmulo de excitação, respectivamente.

Essa ideia surge de forma mais clara em 1895 quando Freud, ao se dedicar à construção de seu primeiro modelo de aparelho psíquico, propõe que este teria por meta a passagem das quantidades para as qualidades. Em meio ao direcionamento apresentado no "Projeto para uma psicologia científica" (FREUD, 1895/2006), fica claro que os processos envolvidos na dinâmica psíquica apresentariam um caráter muito mais intensivo do que quantitativo propriamente dito³. Contudo, as questões apresentadas nesse texto são deixadas em segundo plano. Em 1900, Freud nos apresenta seu primeiro modelo oficial de um aparelho psíquico que, além de ser regido por uma dinâmica inconsciente, teria por objetivo o movimento de descarga do acúmulo de energia que assola o psiquismo (FREUD, 1900/2006). Nesse panorama, o conceito de censura adquire uma importância particular no que tange à questão do prazer. Afinal, é graças às modificações promovidas pela censura que o conteúdo capaz de gerar desprazer pode ser isolado no inconsciente e alguma satisfação pode ser alcançada. Neste ponto, o prazer é apresentado por Freud como o intuito buscado pelo aparelho psíquico, sendo assim elevado à categoria de *princípio básico de funcionamento*. Isso posto, temos a proposição de um princípio do prazer que teria por fim garantir que a satisfação se dê da forma mais rápida e direta possível.

Contudo, em 1911 é trazido à tona um novo princípio: com a apresentação do princípio de realidade, nos deparamos também com a primeira relativização do até então supremo princípio do prazer. Com o ingresso do sujeito em uma realidade compartilhada, e as limitações que esta acarreta, surge o princípio de realidade como um desenvolvimento do princípio do prazer (FREUD, 1911/2010). Devemos ressaltar que, embora o princípio de realidade instaure uma nova ordem no psiquismo, segundo a qual o prazer passa a ser alcançado em conformidade com a realidade e não mais de forma imediata, o direcionamento do psiquismo continua apontando para o movimento de descarga da forma mais rápida e direta possível; mas, agora, esta descarga deve se dar também sobre um objeto real, não recorrendo apenas às vias alucinatórias, mesmo que com isso demore mais para ser alcançada.

³ Este ponto foi amplamente discutido em um trabalho anterior: "O estatuto do prazer em Freud" (BRUM, 2016).

É justamente a partir do vislumbre do prazer enquanto princípio de funcionamento do aparelho psíquico que podemos entender sua íntima articulação com o conceito de pulsão na primeira tópica freudiana.

A relação entre prazer e pulsão se coloca em decorrência da unificação das pulsões parciais. Esta junção das diversas pulsões parciais promove uma mudança de um organismo cujo contato com o prazer ocorre por meio de um prazer de órgão desarticulado para um organismo regido por uma força unificadora, o que garante à pulsão um lugar de articulador do par prazer-desprazer, agora remetido a um princípio organizador. A partir dos pontos apresentados, somos levados a compreender o prazer na obra freudiana enquanto referido à categoria de processo e a de princípio, ponto que discutiremos mais adiante neste capítulo.

Em "Intintos e seus destinos" (FREUD, 1915/2010), Freud se propõe o estudo do conceito de pulsão, exposto anteriormente nos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (FREUD, 1905/2016), lhe conferindo uma maior delimitação. Neste panorama, a pulsão é declarada como força motriz do psiquismo, o que a aproxima das necessidades e lhe garante a qualidade de: "(...) representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida de trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo." (FREUD, 1915/2010, p. 57). As pulsões, contrapostas aos estímulos externos, são uma força constante, as quais só podem ser suprimidas a partir de sua satisfação. Devemos reconhecer que a relação direta entre pulsão e prazer na primeira tópica se deve não apenas à satisfação enquanto meta pulsional, mas também à afirmação de que toda pulsão teria uma parcela de atividade. Neste sentido, é através da ação impulsionada por uma estimulação interna e constante, que visa a satisfação, que a descarga se dá; e, juntamente com ela, o prazer.

1.1.2 - O prazer na segunda tópica

Em 1920, Freud traz à tona sua segunda e mais controversa relativização do princípio do prazer. A partir da postulação de um mais além do princípio do prazer, Freud sugere que o movimento de repetição, próprio do psiquismo, não se daria apenas por meio de vivências prazerosas, mas também através daquelas experiências que nunca foram fonte de prazer. Embora em "Além do princípio do prazer" (FREUD, 1920/2010) seja afirmada a existência de estados de tensão prazerosos, estes ainda se encontram de acordo com o princípio do prazer uma vez que visam à descarga em um futuro próximo. É importante notarmos que essas

considerações não apenas acarretam a proposição de uma segunda tópica, na qual se estabelece um novo dualismo pulsional⁴, mas também trazem à tona impasses que não puderam ser resolvidos anteriormente, como a questão da experiência e dor (ANTONELLO, 2011; CAROPRESO, SIMANKE, 2006). Tais mudanças nos levam a perceber que esse novo leque de questões e problemáticas parece recontextualizar o que vinha sendo considerado sobre o princípio do prazer e sua função no psiquismo.

Em 1924, a temática do prazer é introduzida novamente a partir das indagações suscitadas pelo masoquismo, sob a luz das considerações de 1920. A questão do masoquismo é inserida a partir da não dissociação entre as pulsões de vida e de morte, o que coloca a experiência de dor em íntima relação com o prazer. Além disso, Freud dá um passo importante no que diz respeito ao estudo do prazer, trazendo à discussão novamente o impasse proveniente da oposição entre qualidades e quantidades referente às relações de prazer. Nesse sentido, o autor se interroga sobre a relação entre tensão e desprazer e distensão e prazer, atribuindo aos fatores qualitativos uma importância que não se encontrava presente desde a proposição da ideia de período⁵, em 1895: "Prazer e desprazer, portanto, não podem ser referidos ao aumento ou diminuição de uma quantidade que chamamos de tensão devida a estímulos, embora claramente tenham muito a ver com isso." (FREUD, 1924a/2011, p. 186). A referida afirmação de Freud expõe a relevância dos fatores qualitativos, sem com isso dispensar a importância de uma vertente quantitativa. Tal posicionamento decerto se espelha em um movimento de amalgamação de vertentes opostas suscitado pelas considerações de 1920. Nesse sentido, fica claro que, embora nossa problemática central, que visa trabalhar formas de prazer que não dependam de um modelo quantitativo, não tenha sido trabalhada por Freud, também não se configura como um ponto completamente desconsiderado por ele. Apesar de podermos reconhecer uma certa relativização da primazia da descarga no que tange ao princípio do prazer, ela se mantém como algo fundamental, apesar de não mais diretamente

⁴ Na segunda tópica teríamos um novo dualismo pulsional composto por: Eros (oriundo da junção das pulsões sexuais e pulsões do Eu; representante da pulsão de vida, de ligação) e Thanatos (representante da pulsão de morte, de desligamento, uma força que impulsiona o organismo em direção a seu fim).

⁵ Em 1895, Freud se propõe a resolver o problema das qualidades a partir da ideia de período. Sua tese se constrói a partir da consideração de que um determinado tipo de neurônio (os neurônios ω) não receberiam diretamente as quantidades de excitação, sendo sensíveis apenas a incidência de um período de excitação que possibilita a emergência de uma quantidade suficiente ao funcionamento do sistema. Freud elucida que estes neurônios seriam excitados juntamente com a percepção, mas não com a reprodução desta percepção, e seus diferentes estados de excitação produziram então as qualidades, ou sensações conscientes propriamente ditas; estando estes neurônios ligados à consciência - não uma consciência tópica ou instância, mas enquanto função.

proporcional ao prazer; em contrapartida, conquanto sejam elucidados os fatores qualitativos a partir do reconhecimento de "(...) tensões prazerosas e distensões desprazerosas" (FREUD, 1924a/2011, p. 186), o autor considera ainda não ser possível definir a que se devem esses fatores qualitativos. "O que concluímos dessa discussão é que não se pode recusar a denominação de guardião da vida para o princípio do prazer." (FREUD, 1924a/2011, p. 187).

Em *O mal estar na civilização*, Freud (1930/2010) se refere novamente à questão do prazer, mantendo sua consideração de que este se daria sempre em decorrência de uma descarga, caracterizada por uma experiência de satisfação. Tal afirmação estabelece que o prazer só poderia ser percebido como tal a partir da contraposição com seu oposto, sendo atrelado à ideia de oscilação, variação e movimento: "Quando uma situação desejada pelo princípio do prazer tem prosseguimento, isso resulta apenas em um morno bem-estar; somos feitos de modo a poder fruir intensamente só o contraste, muito pouco o estado" (FREUD, 1930/2010, p. 31). Assim, podemos pensar que frequentemente a ideia de descarga aparece vinculada ao prazer⁶, estando então em pauta até o final da obra freudiana (FREUD, 1930/2010).

1.1.3 - Traçando novos rumos para o entendimento do prazer

Ao refletirmos sobre a supracitada consideração de Freud em 1930, um ponto ao qual não podemos deixar de levar em consideração diz respeito à vinculação entre prazer e a ideia de movimento - sendo este definido como uma variação perceptível. Essa vinculação parece excluir a possibilidade de os ditos *estados de morno bem-estar* também se configurarem como algo prazeroso. Contudo, ao nos dedicarmos ao estudo de períodos precoces do desenvolvimento emocional, tal como proposto por Winnicott, percebemos que esses momentos de calma, bem-estar, tranquilidade e continuidade se constituem como uma conquista em si. São momentos em que o indivíduo⁷ é capaz de suportar estados de uma menor integração sem perder a sensação de continuidade de sua existência. Desprovido desta capacidade, a sensação na qual o bebê se veria imerso seria da ordem da não existência, as ditas "angústias impensáveis" ou o "cair para sempre".

⁶ Tendo em vista a ideia de um Eu que também pode ser foco dos investimentos pulsionais (FREUD, 1914/2010), nos perguntamos se há outros modelos de prazer que não passam pela ideia de descarga no pensamento freudiano.

⁷ Ao adentrarmos no estudo de nossa temática a partir das contribuições de Winnicott nos apropriaremos também do vocabulário utilizado por este autor. Assim, nos referiremos à indivíduo e não mais sujeito, assim como privilegiaremos a utilização de instinto em detrimento do termo pulsão.

Muitas coisas que dizem respeito à qualidade desse estado tranquilo são tidas como inteiramente garantidas, presumindo-se que o bebê tenha sido (fisicamente) bem cuidado, tanto no útero antes do nascimento, quanto no manejo geral após o parto. Podemos estudar com proveito as consequências da falha no cuidado físico, e assim tentar descobrir o que é realmente produzido pelo cuidado bem-sucedido, para além da satisfação das exigências instintivas (WINNICOTT, 1988/1990, p. 134).

Considerando que o prazer inerente ao contraste só pôde ser alcançado devido à consolidação desses ditos estados de *morno bem-estar*, somos direcionados à categoria do prazer, assim como à sua relação causal com o movimento de descarga. É levando tudo isso em conta que propomos problematizar a questão do prazer, a partir do estudo de pacientes que apresentam como principal sintoma os atos compulsivos. Neles, apesar de haver descarga, o prazer parece não ser alcançado em decorrência desta. Poderíamos então pensar em um prazer que não segue o modelo da descarga? A fim de lançar luz sobre esta discussão, recorreremos à obra de Winnicott, um autor que se dedicou ao estudo dos processos pelos quais o indivíduo saudável deve passar ao longo de seu desenvolvimento emocional. Reconhecemos que, embora o autor não se oponha à dinâmica conflitual edípica, esta não recebe em sua obra o estatuto de fundadora do psiquismo. Visto isso, somos levados ao texto winnicottiano a fim de lançar luz sobre nossa temática central - o que justifica nosso movimento, que não visa encontrar utilizações distintas da categoria de prazer, mas buscar processos presentes na saúde que sejam análogos ou que cumpram funções semelhantes à noção de prazer presente nos escritos freudianos, sem renunciar definitivamente à íntima relação apresentada por este autor com a ideia de descarga.

1.2- Traçando um percurso para uma analogia da noção de prazer em Winnicott

A fim de trabalhar com um panorama distinto do proposto por Freud ao longo de sua obra, nos dedicaremos à problemática do prazer a partir das contribuições winnicottianas. Primeiramente somos lançados à tarefa de definir o que seria prazer para Winnicott. Neste ponto, embora o autor da escola inglesa não entre em desacordo com o proposto por Freud sobre a dinâmica psíquica própria às psiconeuroses⁸, seu foco de pesquisa encontra-se referido a processos, relações e aquisições anteriores⁹ à instauração de uma dinâmica triangular

⁸ Fulgencio (2006) propõe que Freud (1894/2006) ao apresentar o conceito especulativo de *quantum de afeto* agrupa a histeria, a neurose obsessiva e a fobia em um mesmo grupo de patologias - apesar de suas tão diferentes manifestações. Este grupo de patologias possuiria assim uma dinâmica comum, a qual buscaria a descarga de suas excitações - mesmo que para isso se valesse de caminhos diferentes.

⁹ "Uma vez aceita a psique como todo, então a fisiologia pode concentrar-se nas mudanças específicas relativas ao desejo e à ira, e também ao amor afetuoso, ao medo, ao luto e outros afetos que representam facetas de sofisticadas fantasias, fantasias específicas ao indivíduo." (WINNICOTT, 1988/1990, p. 44 - 45).

edípica¹⁰. Os escritos de Winnicott se revelam enquanto um estudo, pautado em observações clínicas, do desenvolvimento emocional do indivíduo, tomando como ponto de partida um estado de dependência absoluta, e culminando, na saúde, na inclusão do indivíduo em um meio cultural. Tal perspectiva, que tem por base na maior parte do tempo um cenário distinto do percorrido por Freud, torna o estudo do prazer e dos conceitos a ele atrelados algo de difícil apreensão, colocando-se como um grande desafio para a presente pesquisa. Isso se torna visível ao considerarmos que o próprio termo prazer é empregado por diversas vezes no texto winnicottiano com a mesma conotação atribuída por Freud. Por exemplo:

Se a satisfação é encontrada no momento culminante da exigência, surge a recompensa do prazer e também o alívio temporário do instinto. A satisfação incompleta ou mal sincronizada acarreta alívio incompleto, desconforto, e a ausência de um período de descanso muito necessário entre duas ondas de exigência. (WINNICOTT, 1988/1990p. 57)

Ou ainda:

Como consequência deste fenômeno endocrinológico de adiamento, o assim chamado período de latência, a criança deve extrair o máximo proveito da identificação com os pais e outros adultos, e deve utilizar as possibilidades de experimentação no decorrer dos sonhos e das brincadeiras, das fantasias com ou sem a inclusão do corpo e dos prazeres corporais obtidos sem a ajuda de outras pessoas. (WINNICOTT, 1988/1990p. 75)

Essas citações nos levam a considerar que a engrenagem do prazer proposta por Freud, assim como suas considerações no que tange às neuroses de transferência, não são de modo algum rejeitadas por Winnicott. Nesse sentido, podemos afirmar que este último autor não se opõe à ideia de que o prazer seria alcançado pela variação de energia no aparelho, promovida pelo movimento de descarga. Entretanto, também devemos reconhecer que o estudo do desenvolvimento emocional primitivo permite lançar luz sobre um panorama até então não trabalhado pela psicanálise, possibilitando vislumbrar a existência do indivíduo como uma conquista de seu próprio movimento potencial em direção à vida, e não como algo dado desde o princípio. Recorrer a essa perspectiva, que valoriza toda a trajetória do indivíduo até o mesmo adquirir o estatuto de ser, nos faz lançar um olhar ampliado sobre a própria psicanálise, não mais contemplando apenas a questão da sexualidade e do desamparo - duas temáticas introduzidas por Freud -, mas também os processos e desdobramentos decorrentes da própria relação.

¹⁰ Devemos ter em mente que o conflito edipiano se configura como um ponto central das neuroses de transferência, tão bem estudadas por Freud.

Neste sentido, seguindo as linhas do pensamento freudiano, teríamos o surgimento de um desejo inconsciente, que, ao se deparar com as limitações à sua realização, promove uma tensão no aparelho – e, nesse sentido, entendemos a consideração sobre a qual um mesmo desejo pode ser fonte de prazer para uma instância e de desprazer para outra (FREUD, 1920/2010). Tal ponto nos direciona para a impossibilidade de uma realização total do desejo inconsciente, na medida em que, ao passar pelos processos de modificação que o tornam acessível à consciência, o próprio desejo sofre distorções a ponto de se tornar inidentificável, satisfazendo-se apenas de maneira indireta. Percebe-se que o desejo não se relaciona de maneira restrita ao prazer, mas também se inscreve como fonte de desprazer. Ao mesmo tempo, não podemos deixar escapar que a construção desejante possibilita ao sujeito uma perspectiva de futuro, o que lhe garante o estatuto de motor do aparelho psíquico. Da mesma forma, a relação entre desejo e pulsão¹¹ se articula, na medida em que o "primeiro desejo" seria proveniente de um investimento alucinatório da recordação da satisfação (FREUD, 1900/2006). Deste modo, a realização de um desejo pode desencadear também uma satisfação pulsional, mas devemos ressaltar que se trata de dois processos distintos que podem ocorrer de forma inter-relacionada.

Já no que diz respeito à pulsão, reconhecemos esta como a força que impulsiona o sujeito rumo à satisfação, não possuindo, no entanto, um objeto específico previamente estabelecido (FREUD, 1915/2010). Não devemos perder de vista que a satisfação plena não pode ser alcançada, mas somente satisfações parciais que, por promoverem um movimento de descarga, se configuram como fonte de prazer para o aparelho. Tal ponto é destacado ao nos direcionarmos à primeira experiência de satisfação proposta por Freud (1985/2006). Segundo ele, embora o investimento *da mãe* no bebê receba um lugar de destaque, a relação que *o infante* estabelece é antes com a satisfação de suas necessidades e com o objeto que passa a ser percebido e alucinado devido a esta função. Neste sentido, a figura materna e todo o refinamento próprio de um outro que deve se colocar como ambiente capaz de sustentar, amparar e limitar não são problematizados de maneira tão ampla.

¹¹ Devemos ter em mente que, embora desejo e pulsão sejam conceitos extremamente próximos, também apresentam uma distância teórica importante. O desejo se encontra referido à ideia de repetição da memória perceptiva de satisfações passadas que moveriam o sujeito em direção a experiências futuras de satisfação (FREUD, 1900/2006); sendo assim, o desejo estaria ligado à ideia de representação. A pulsão seria o limite entre o somático e o psíquico, a força que teria como meta a satisfação. Neste sentido, a pulsão apresenta sua plasticidade, constituindo seu objeto de satisfação através dos encontros que se dão ao longo da história do sujeito (FREUD, 1905/2016, 1915/2010).

Isso posto, podemos afirmar que a obra freudiana confere um lugar de destaque, no surgimento do aparelho psíquico, a um conjunto de satisfações pulsionais, garantindo o protagonismo à satisfação e não às relações com o objeto em si. Assim, a dependência inicial do ser humano ganha em Freud o caráter de concessão por parte do bebê (PHILLIPS, 1988/2013; ROUSSILLON, 1991/2006), diante da impossibilidade de satisfazer-se por conta própria. Em contrapartida, os escritos freudianos nos levam a compreender o prazer em sua relação com o investimento, o que implica lançar luz sobre as relações com o objeto investido. Esse recorte da teoria freudiana, embora tenha sido trabalhado nas considerações referentes à dinâmica edípica, a constituição narcísica ou a própria escolha dos objetos amorosos, não foi profundamente explorado pelo autor no que tange às relações com os objetos de investimento propriamente. Neste ponto somos levados a atentar para a proximidade que o prazer adquire com relação a ambos os termos, satisfação e desejo, podendo estar presente tanto na realização de desejo quanto na satisfação da pulsão.

Ao nos dedicarmos ao estudo da obra de Winnicott, percebemos que nesta a própria relação é uma questão chave, se constituindo como algo fundamental para o alcance do prazer - o que garante à problemática das relações uma atenção particular e um desenvolvimento distinto do proposto até então. Lançamos assim luz sobre a categoria de prazer não estando referida apenas à descarga sobre um objeto específico, mas enquanto algo proveniente da própria *relação*. "Não há possibilidade alguma de um bebê progredir do princípio de prazer para o princípio de realidade ou no sentido, e para além dela, da identificação primária (ver: FREUD, 1923/2011), a menos que exista uma mãe suficientemente boa" (WINNICOTT, 1952/2000, p. 24).

Seguindo este ponto, Phillips (1988/2013) afirma que, em Winnicott, o bebê se direciona ao outro não apenas em busca de uma satisfação instintual a partir do objeto. Ele almeja o próprio encontro, dotado de intimidade e contato, e não apenas o alívio de tensão ou a satisfação de um instinto. E nesse sentido podemos compreender que o sentimento de que "a vida vale a pena ser vivida" (WINNICOTT, 1967/1975) advém não de um aparelho psíquico oriundo dos vestígios das satisfações pulsionais propriamente, mas da integração de uma unidade psicossomática e constituição de um *self* que se torna possível por meio deste contato

com o outro, inicialmente tão amalgamado com o infante, que sua própria existência depende deste par¹².

Podemos compreender a utilização do termo “prazer” no texto winnicottiano para se referir a experiências outras que não se enquadrariam na fórmula proposta por Freud, como por exemplo nas suas considerações sobre o brincar. Sabemos que o autor da escola inglesa considera que o brincar é fonte de prazer para a criança; contudo, o prazer, assim como o próprio brincar, teriam seu fim caso o infante alcançasse o clímax de excitação (WINNICOTT, 1967/1975). Logo, já que, para o pai da psicanálise, o clímax de excitação promove o movimento de descarga, sendo este o responsável pelo desencadeamento do prazer, localizamos no brincar um contraponto em relação ao proposto por Freud:

(...) enquanto estava sobre meus joelhos *tornou-se capaz de sentir prazer em brincar*. (...) Parecia estar descobrindo e experimentando, repetidas vezes, para sua grande satisfação, que, enquanto as espátulas podiam ser postas na boca, jogadas fora e perdidas, os artelhos não podiam ser arrancados fora. (WINNICOTT, 1968/1975, p. 82-83 - grifos do autor).

De acordo com Lejarraga (2015) o brincar para Winnicott expressa uma faceta prazerosa, distinta do prazer erógeno, trazendo à tona um prazer que não deriva de uma satisfação instintual. Ao invés disso, se encontra remetido ao interjogo entre uma expressão criativa própria e a realidade compartilhada. Tal consideração culmina na afirmativa de que, "(...) para Winnicott, o prazer não é sinônimo de prazer erógeno, como costuma-se pensar na abordagem clássica" (LEJARRAGA, 2015, p. 46). Tendo isso em vista, consideramos que, embora o termo *prazer* também seja empregado por Winnicott ao se referir a um prazer erógeno, podemos observar que em sua obra ele abarca um panorama mais amplo, englobando experiências que não se encontram remetidas apenas à erogeneidade ou à satisfação instintual. Neste sentido, também teríamos uma aproximação do prazer com a categoria de necessidade¹³, além de ser colocado lado a lado da experiência de bem-estar¹⁴.

¹² "O outro é indispensável ao *self* para que este possa ser e tornar-se ele mesmo." (GREEN, 1974/1984)

¹³ "Existem muitas e variadas combinações entre o físico e o psicológico. Um exemplo bastante comum é o da criança com um palato fendido congênito, incapaz de usufruir normalmente o prazer da alimentação (...)" (WINNICOTT, 1988/1990, p. 40)

¹⁴ "Muito do que foi escrito sobre a integração aplica-se também à localização da psique no corpo. As experiências tranquilas e excitadas dão cada qual a sua própria contribuição. O processo de localização da psique no corpo se produz a partir de duas direções, a pessoal e a ambiental: a experiência pessoal de impulsos e sensações da pele, de erotismo muscular e instintos envolvendo excitação da pessoa total, e também tudo aquilo que se refere aos cuidados do corpo, à satisfação das exigências instintivas que possibilita a gratificação. Podemos dar neste ponto uma ênfase especial ao exercício físico, especialmente àquele realizado de forma

É importante atentarmos, neste ponto de nossa discussão - embora não seja nosso objetivo sua exploração mais aprofundada -, que o prazer na psicanálise tradicional se encontra imerso em um paradigma metapsicológico, o qual Winnicott não toma enquanto ponto de partida. Tendo isso em vista, a utilização de uma lógica ou conceitos metapsicológicos para a exposição de uma teoria do desenvolvimento emocional¹⁵ se coloca como um problema potencial, nos levando a não adotar tal vocabulário ao nos referirmos as considerações deste autor. Neste ínterim, concordamos com a asserção de Fulgencio (2013) segundo a qual a metapsicologia não teria sido descartada ou renegada por Winnicott, ao invés disso teria sido refundada. A partir de tal reformulação, conceitos como: ego, superego e id foram repensados levando em conta a imaturidade inicial do bebê humano. Em decorrência disso, uma importante mudança de paradigma se dá, e, conseqüentemente, noções como: *self*, continuidade de ser, sustentação e adaptação - real - do ambiente nos momentos iniciais, quando o infante se encontra imerso em uma relação de dependência absoluta com o ambiente, ganham um papel central em suas formulações. Dito isso, buscaremos nos escritos deste autor experiências próprias da saúde, que sejam análogas à noção de prazer, ou que cumpram funções semelhantes a esta, sem se apresentar de forma atrelada necessariamente à noção de descarga. Para tal, partiremos do estudo do conceito de satisfação no contexto do desenvolvimento emocional proposto por Winnicott, para que, em seguida, possamos conceber o desejo em sua obra. Isso levará a uma delimitação do nosso campo de pesquisa a partir da circunscrição dos conceitos de satisfação e desejo, tão intimamente relacionados à noção de prazer no texto freudiano.

1.2.1 - A satisfação nas relações objetais

Satisfação, termo fundamental na teoria Psicanalítica, possui nesta disciplina significações deveras distintas. Através do conceito apresentado por Freud por meio da imagem de um bebê faminto, é possível relacionar satisfação à dita experiência primária de

espontânea. Hoje em dia reconhece-se o valor positivo do pequenino prazer que o bebê usufrui ao ser deixado deitado, nu e esperneando." (WINNICOTT, 1988/1990, p.144)

¹⁵ A utilização do paradigma metapsicológico implica não somente a integração de uma unidade psicossomática, mas a própria constituição e desenvolvimento de um aparelho psíquico, regido por uma dinâmica psíquica própria derivado dos movimentos oscilatórios de sua energia interna, o que poderia sustentar os três pilares metapsicológicos: dimensão tópica, dinâmica e econômica. Winnicott critica a abstração da qual os conceitos metapsicológicos são dotados, apontando que isso acarreta em uma maior confusão pela não compreensão destes conceitos (FULGENCIO, 2006). Tal perspectiva faz com que ele não trabalhe com termos como: libido - que em sua obra ganha uma conotação distinta da proposta por Freud -, e pulsão - que é substituído pelo termo instinto.

satisfação. O bebê humano seria dotado de uma reconhecida fragilidade, necessitando de um outro capaz de realizar a ação específica capaz de pôr fim ao crescente excesso excitatório em seu interior (FREUD, 1895/2006). O adulto, ao realizar essa ação específica, não proporciona ao infante apenas o alimento, mas também o suporte psíquico e afetivo – acolhimento, carinho, etc. – que apaziguam a criança e fazem surgir nela a sensação de plenitude. O choro do bebê humano não apenas convoca seu cuidador a responder sua demanda, mas também a significá-la.

Essa experiência, por meio da qual se instaura a diferenciação tanto quantitativa quanto qualitativa do par prazer-desprazer (GARCIA-ROZA, 1986/1993), é designada por Freud como *experiência primária de satisfação* (FREUD, 1895/2006). Por meio da ação específica realizada pelo adulto bem adaptado às necessidades do bebê, a descarga é efetuada, gerando prazer. Neste contexto, o objeto que possibilitou a descarga é percebido, ocorrendo o que Freud (1895/2006) chama de *facilitação* entre: 1) o objeto proveniente da satisfação, representado pela figura do seio apaziguador, e 2) a ação específica responsável pelo alcance de tal satisfação.

Como vimos anteriormente, podemos localizar na teoria freudiana também a satisfação enquanto meta pulsional (FREUD, 1915/2010). Embora esta meta seja a mesma para toda e qualquer excitação pulsional, pode ser alcançada por vias completamente distintas umas das outras. Neste caso, contaríamos com satisfações diversas para uma mesma pulsão, sem com isso nos afastar da premissa segundo a qual a satisfação só pode ser alcançada pelo fim da estimulação pulsional. Até mesmo as pulsões inibidas em sua meta seguiriam este objetivo central em certa medida, visto que o direcionamento à satisfação é tolerado até ser inibido ou desviado (FREUD, 1915/2010).

Um ponto que não podemos deixar de elucidar neste momento é o fato de um objeto de satisfação receber, graças não apenas a sua correlação com o prazer mas também com o desejo, uma relevância particular no texto freudiano. Os objetos de satisfação anteriores e os caminhos pelos quais a realização do desejo são alcançados fornecem, ambos, o material necessário para que o objeto do desejo possa ser constituído. Afinal: "O conjunto desta experiência - satisfação real e satisfação alucinatória - constitui a base do desejo. O desejo tem efetivamente sua origem numa procura de satisfação real, mas constitui-se segundo o modelo da alucinação primitiva." (LAPLANCHE, PONTALIS, 1991/2012, p. 531). Sendo

assim, é por meio das satisfações anteriores que o objeto de desejo pode ser criado, o que aponta para uma maior delimitação entre os termos desejo e pulsão.

Devido a sua proximidade na dinâmica psíquica freudiana, a ideia de uma realização do desejo e da satisfação da pulsão podem suscitar confusões, o que nos leva a ressaltar novamente o caráter plástico da pulsão. É devido a esta plasticidade, no que tange ao objeto da pulsão, que sua satisfação plena nunca pode ser alcançada, estando disponível apenas a satisfação parcial da pulsão. Seguindo a proposta freudiana, temos que a satisfação plena foi alcançada em um momento precoce, colocando a busca por satisfação como uma tentativa de reedição desta satisfação plena anteriormente vivenciada. "Cada objeto apropriado pela pulsão revela ao mesmo tempo que não é nele ou por ele que ela encontrará a satisfação, embora uma satisfação parcial seja obtida." (GARCIA-ROZA, 1995/2008, p. 91). A partir disso, torna-se possível traçar a distinção entre realização de desejo e satisfação da pulsão: "Entre a pulsão e seu objeto, há o desejo e a fantasia" (GARCIA-ROZA, 1995/2008, p. 92). Logo, é através da tentativa constante de repetição, que pode ser definida como motor do desejo, que os objetos capazes de satisfazer (parcialmente) a pulsão são criados, descobertos e encontrados - o que nos leva a ressaltar que tratam-se de dois processos distintos, embora possam se dar de maneira interligada. Deste modo, mesmo que a realização de um desejo possa ocorrer em conformidade com a satisfação parcial da pulsão, nunca desencadeará a tão almejada satisfação plena. Afinal, como afirma Garcia-Roza (1995/2008), a satisfação parcial ocorre no campo do princípio do prazer, em que os objetos se apresentam como pretendentes à categoria de objeto absoluto, quando na verdade são da ordem da representação e, assim, incapazes de se apropriar deste lugar de objeto perdido/nunca tido.

Tendo em vista essas considerações, devemos reconhecer também a relação entre prazer e satisfação. Segundo os preceitos da psicanálise clássica, a satisfação seria uma das formas de alcançar prazer¹⁶, assim como o prazer desencadeado pelo movimento de descarga se configuraria como a própria satisfação. Conceber o prazer como satisfação possibilita que se torne compreensível a ideia de que o organismo seria sempre direcionado pela busca do prazer (FREUD, 1911/2010). Ora, se a pulsão é a força motriz do psiquismo em sua ligação com o somático e o guia à ação, este organismo tende a ser impulsionado à satisfação que é a

¹⁶ Não podemos afirmar que a satisfação seja a única forma de alcançar prazer seguindo os moldes da psicanálise clássica. Tal consideração se deve ao fato de que, como vimos, movimentos de descarga seriam em si o modelo através do qual o organismo encontraria o prazer, podendo vir este acompanhado da satisfação pulsional ou não.

meta da pulsão; a partir da satisfação da pulsão se daria o alívio da tensão que antes assolava o organismo, o que promoveria a aproximação entre satisfação e prazer. Desta forma, a satisfação desencadearia prazer, seja satisfação alucinatória ou satisfação por meio de um objeto.

Há uma economia do prazer/desprazer que tem que ser levada em conta no que se refere à satisfação da pulsão. Em princípio, a satisfação da pulsão, considerada em si mesma, é sempre prazerosa, mas pode ser inconciliável com exigências feitas a partir de uma das instâncias psíquicas. (GARCIA-ROZA, 1995/2008, p. 175)

Ao nos voltarmos para as considerações winnicottianas sobre a temática da satisfação, somos levados a perceber uma importante mudança de perspectiva. Como trabalhado acima, para Freud o conceito de satisfação se encontra intimamente vinculado à questão do prazer, graças ao movimento de descarga que a satisfação da pulsão desencadeia. Já em Winnicott, nos vemos diante de uma ampliação considerável do que seria a satisfação. Isso se deve à consideração de uma vertente relacional na experiência de satisfação, o que não apenas desvincula a satisfação de uma satisfação puramente instintual, como destaca também a necessidade de que esta se dê no seio de uma relação suficientemente boa com o outro e a realidade. Nesse sentido, verifica-se uma certa quebra de proximidade entre satisfação e prazer econômico na obra de Winnicott, englobando processos e relações que não necessariamente dizem respeito a uma economia do prazer. Este ponto será estudado no capítulo seguinte a partir da discussão sobre a agressividade primária.

Tomando como referência o termo satisfação na obra de Winnicott, logo percebemos que ele se encontra atrelado à ideia de uma satisfação instintual¹⁷, tal como é trabalhada por Freud. Todavia, se vislumbrarmos a questão através de um panorama propriamente winnicottiano, partindo do mesmo modelo proposto por Freud em 1895 na experiência de satisfação, nos deparamos com a ampliação da ideia de satisfação que esta perspectiva proporciona. Ou seja, a ideia de satisfação se mantém referida à uma satisfação instintual, contudo em Winnicott não se resume apenas a esta. O contato primário entre mãe e bebê é concebido pelo autor da escola inglesa como algo cuja ênfase não está remetida unicamente

¹⁷ A utilização do termo “instinto” - *instinct* no original em inglês - representa uma grande controvérsia: afinal, a utilização da palavra instinto desencadearia uma aproximação entre homem e animal que Freud descarta com o conceito de pulsão. Em contrapartida, além de Winnicott promover uma certa aproximação entre homem e animal, referindo-se a um *animal humano*, o autor também se utiliza do termo para referir-se a experiências ditas pulsionais pelo pai da psicanálise. Não entraremos nessa discussão por acreditar que ela não venha a influenciar nossa argumentação.

ao encontro do infante com o objeto que pode lhe proporcionar o fim de suas excitações¹⁸, mas *à forma como esta experiência se dá*.

Neste sentido, surge algo inovador em sua obra, uma figura que inicialmente ainda não está diferenciada do bebê e é completamente adaptada às suas necessidades. A existência deste par em unidade permite que a mãe seja capaz de garantir que o primeiro contato entre infante e mundo, que inicialmente dispensa fronteiras, se dê de maneira satisfatória. Levando em conta essas afirmações, consideramos que, para Winnicott, satisfação, antes de tudo, se refere à relação, fruto do encontro adaptado de duas figuras fundidas. Isso coloca a satisfação como consequência da adaptação materna precoce. Seguindo esta discussão, Phillips (1988/2013) afirma: "O bebê começa a vida como um ser profundamente sociável: ele clama por intimidade, não apenas pelo alívio da tensão - pela proximidade, não só pela satisfação. Na verdade, a satisfação só é possível em um contexto de proximidade com a mãe." (PHILLIPS, 1998/2013, p.31).

Analisando essa distinção superficialmente, poderíamos questionar se tal divergência, que pode ser tida como sutil, de fato acarreta mudanças consideráveis em nossa problemática. À essa questão responderemos com a contundente afirmativa de que é por meio de uma perspectiva distinta que podemos nos deparar com todo um panorama ainda inexplorado em sua profundidade e complexidade, no que tange ao prazer. Enquanto, por um lado, a psicanálise clássica parte da especulação teórica a fim de propor o surgimento de uma dinâmica que estará presente por toda a vida do sujeito; por outro, as considerações de Winnicott sobre o desenvolvimento emocional partem da observação clínica de crianças em sua relação com a mãe, resultando em um arcabouço teórico cuja ênfase se encontra não apenas no mapeamento da ocorrência de processos inerentes ao desenvolvimento, mas no *modo* como estes se dão. É na importância ímpar colocada no *modo* e não apenas nos processos em si que o autor localiza a diferença entre saúde e doença.

Isso se deve ao fato de que o mesmo ato de alimentar, por exemplo, pode ser realizado por uma mãe adaptada às necessidades do bebê, que lhe oferecerá o seio no momento em que é requerido, estando de fato presente, garantindo à atividade de amamentar o estatuto de experiência; ou, pelo contrário, esta mesma demanda também pode ser recebida de forma paranoide pela mãe, que vê na criança a figura de um canibal pronto para devorá-la. Ambas as

¹⁸ Como exemplo, podemos pensar no leite enquanto forma de saciar a estimulação proporcionada pela fome.

cenar decerto incidirão de maneira distinta sobre o infante. Isso nos leva a considerar que satisfação para Winnicott é de fato uma *experiência* dotada de múltiplas facetas. Contudo, não podemos deixar de lado que a própria ideia de experiência em Winnicott se apresenta como algo distinto da citada experiência de satisfação freudiana.

Ao longo da teoria winnicottiana, a ideia de experiência surge em diversos momentos, pressupondo principalmente a existência de um Eu. A experiência para Winnicott seria então a capacidade de vivenciar algo de si no encontro com o outro, ou seja, poder encontrar, de certa forma, a *si mesmo* em meio à realidade compartilhada. No entanto, como pensar em uma experiência nos primórdios da vida, se neste ponto não contaríamos ainda com um Eu constituído? Para responder a esse questionamento, devemos nos remeter à relação inicial entre mãe e bebê, na qual a mãe adquire um lugar de continente para a existência ainda não assegurada do infante, nos levando a considerar que, o que é vivenciado nesta relação, pode ser experienciado: "A mãe tem o seio e o poder de produzir leite, e a ideia de que ela gostaria de ser atacada por um bebê faminto. Esses dois fenômenos não estabelecem uma relação entre si até que a mãe e o bebê *vivam juntos uma experiência*" (WINNICOTT, 1945/2000, p. 227 - grifos do autor). Pautados na consideração de que em um período inicial a mãe atua como um suporte físico e psíquico para seu infante, consideramos a experiência como fruto do encontro deste par inicialmente misturado em uma única figura, sendo vividas posteriormente de maneira independente. Já a experiência de satisfação freudiana se exprime como uma vivência mítica a qual o sujeito tenta a todo custo reviver; um momento em que a satisfação plena teria sido vivenciada e cujo objeto capaz de proporcionar este evento passa a ser buscado, criado, fantasiado e desejado.

Tendo em vista a noção de experiência para Winnicott, assim como o estado inicial de indissociação entre o infante e seu cuidador, somos direcionados às ideias apresentadas por Roussillon em seu artigo: "L'objet, l'expérience de satisfaction et l'intelligibilité" (2001). Neste texto, o autor aborda um tema que considera central e de vital importância para a psicanálise: a sexualidade primária possuiria um caráter autoerótico ou heteroerótico? Este tema desemboca, sem dúvida alguma, na oposição Eu não-Eu, que, segundo o autor, está presente no seio da sexualidade. Contudo, acreditamos que essa questão se configura de fato como ponto de partida para uma problematização mais ampla no que diz respeito ao próprio desenvolvimento do ser humano e sua constituição psíquica; e é justamente aqui que vislumbramos suas implicações para a presente dissertação.

Retomando as considerações de Roussillon (2001), o autor afirma que a distinção entre auto e heteroerotismo na sexualidade primária é uma questão de vital importância em um debate metapsicológico, e que, caso haja sua supressão, a forma como é realizada determina não apenas a qualidade da argumentação mas também sua aceitação em um panorama psicanalítico. O que nos coloca diante da teoria winnicottiana, a qual não se ocupa propriamente dos conflitos inerentes à sexualidade, assim como não se sustenta unicamente sobre os pilares de uma sexualidade primordial. Ela trabalha a própria questão da distinção entre Eu e mundo, a partir de um processo de constituição do *self*. Segundo Roussillon (2004), mesmo diante deste foco diferenciado, Winnicott tece uma teoria da passagem do autoerotismo ao heteroerotismo. A imagem utilizada para descrever esta passagem é o encontro do bebê com o seio, que ao mesmo tempo que é descoberto, é criado de maneira alucinatória. Isso lança luz sobre uma faceta da experiência em que a satisfação se dá em sua comunhão com o ambiente bem adaptado e ainda indiferenciado do infante. O autor afirma que, a partir desta perspectiva, "(...) le sexuel « primordial », et la vertu des circuits hallucinatoires de l'infants, ne peuvent alors être pensés indépendamment du sexuel « maternel » et de ses régulations propres qui se manifestent dans la réponse et la qualité de la présence de l'objet"¹⁹ (ROUSSILLON, 2004, p. 1380). O autor aponta, assim, para uma relação que não seria nem somente autoerótica, na medida em que se manifestaria neste contato com o seio, nem tampouco completamente heteroerótica, uma vez que toda a existência do bebê se encontra amparada inicialmente na continência oferecida pela figura materna - que forma uma amálgama com o lactente.

Isso posto, somos levados a refletir para além de uma problemática inerente a distinção entre Eu e não Eu no seio de uma sexualidade primordial citada por Roussillon (2004), lançando o foco sobre uma propriedade outra da sexualidade que diz respeito à própria relação. Neste sentido, Fulgencio (2006) afirma que, em Winnicott, o próprio termo *libido*, que seria a energia sexual proposta por Freud, não caracteriza um ponto de vista econômico tal qual na metapsicologia freudiana; ao invés disso, é utilizado não apenas para referir-se à sexualidade, mas também como sinônimo de relação, seja ela afetiva ou amorosa. A dupla acepção cujo termo *libido* é adotada no texto winnicottiano, embora acarrete, por um lado, a atribuição de um sentido mais vago ao termo, por outro, torna-o adequado para se referir a

¹⁹ " (...) o sexual "primordial" e a virtude dos circuitos alucinatórios dos infantes não podem ser pensados independentemente do sexual "maternal" e de suas regulamentações próprias que se manifestam na resposta e na qualidade da presença do objeto." (Tradução nossa)

aspectos observáveis das relações humanas – coincidindo desta forma com o objetivo de Winnicott de fugir da abstração metapsicológica e ser mais fiel à observação clínica.

Seguindo essa perspectiva, percebemos que, diante dos processos inerentes à experiência de satisfação²⁰, o movimento de descarga e de ligação não se constituem como antagonistas, mas como duas faces da mesma moeda, afinal, além da descarga se dar sobre um objeto, esta forma de investimento também é uma forma de ligação. Levando isso em conta, concebemos o fator qualitativo inerente ao entrelaçamento entre descarga e ligação com o objeto o que constitui a essência da satisfação, e não a descarga em si. Por outro lado, enquanto o vínculo se torna algo primordial para a satisfação winnicottiana, a descarga passa a não ser algo de suma importância, podendo a satisfação dar-se com ou sem ela, mas sempre através da relação. Deste modo, a correlação observada entre satisfação e ligação recebe grande ênfase na obra de Winnicott, devido ao lugar privilegiado concedido às relações. Vale lembrar que o relacionar-se para o autor não se dá apenas com objetos que ao longo do desenvolvimento passam a ser percebidos como externos, mas também com objetos constituídos internamente.

Tendo em vista os pontos aqui apresentados, reconhecemos que a ideia de satisfação em Winnicott estaria remetida à relação, mesmo que esta se dê entre objetos inicialmente fusionados. O autor não nega que esta relação seja capaz de promover uma satisfação instintual; entretanto, como é a partir do suporte de um ambiente bem adaptado ao infante que se dá o desenvolvimento saudável, entendemos que a satisfação, em seus escritos, não se restringe aos momentos de alívio das pressões instintuais. Essa concepção, por sua vez, abre o campo para trabalharmos com satisfações que não são, por si só, fontes de um prazer econômico - tal como proposto pela psicanálise clássica. Nesse sentido, enquanto que, para a psicanálise clássica, a ênfase da experiência de satisfação se encontra remetida à vertente econômica, em Winnicott, a experiência de satisfação não se constitui apenas de satisfação instintual, mas advém da própria relação amalgamada que ali se institui.

Um último ponto do qual não podemos nos abster nesta discussão é a relação entre experiência de satisfação e prazer, proposta por Roussillon (2004). Partindo da afirmação de que "L'expérience de satisfaction est globale, elle amalgame dans son éprouvé les différents

²⁰ Teríamos como processos próprios da experiência de satisfação: 1) a instauração de circuitos alucinatórios autoeróticos; 2) circuitos de autoconservação; 3) o estreitamento das trocas eróticas que se dão em decorrência da ligação com os objetos (ROUSSILLON, 2001).

types de plaisir qui la constituent et qui contribuent à lui conférer sa qualité particulière" ²¹ (ROUSSILLON, 2004, p. 426), o autor propõe que a experiência de satisfação pode ser destrinchada em quatro formas de prazer-desprazer distintas. Essa elaboração parte do pressuposto de que os diferentes prazeres em jogo na experiência de satisfação podem ser conflituais entre si, ao mesmo tempo que se encontram amalgamados, formando em conjunto a dita experiência primária de satisfação. Segundo Roussillon (2004), teríamos: 1) um prazer referente à satisfação da auto conservação - que estaria vinculada a uma redução de tensão e ao movimento de descarga; 2) um prazer ligado às zonas erógenas - estas enquanto forma de interlocução e trânsito entre conteúdos internos e externos; 3) prazer do encontro com a mãe; 4) prazer vinculado à faceta enigmática da relação com a mãe.

A presente argumentação de Roussillon (2004), além de corroborar para nossa consideração segundo a qual a satisfação, na obra de Winnicott, estaria muito mais referida ao modo pelo qual a satisfação instintual se dá - só sendo possível em meio à proximidade com a mãe e adaptação desta ao infante -, abre também o campo para vislumbrarmos a experiência de satisfação e sua correlação com o prazer a partir de uma ótica distinta, apresentando facetas outras do prazer que não a encontrada no movimento de descarga. Embora amplie, por um lado, nosso campo investigativo, por outro não se revela como uma solução para nossa problemática central: ao propor que tais modalidades de prazer em sua amálgama formariam a experiência primária de satisfação, o movimento de descarga estaria paradoxalmente distanciado e incluso em todas elas.

1.2.2 - Desejo

Ao nos dedicarmos ao estudo do que seria o desejo para Winnicott, somos levados a considerar que, na obra deste psicanalista inglês, desejo não implica necessariamente falta. Dito isso, não estamos discordando da afirmativa segundo a qual a falta se coloca enquanto condição primeira para que o desejo possa emergir; o que difere dos escritos freudianos, nesse sentido, é o fato de o bebê se encontrar inicialmente indiferenciado do mundo à sua volta. Esse ponto parece algo simples, mas produz mudanças cruciais para suas proposições.

Sabemos que, embora Freud discuta um estado de autoerotismo (FREUD, 1905/2016) e também o ingresso no Édipo a partir de um estágio anterior de narcisismo (FREUD,

²¹ “A experiência de satisfação é global, ela amalgama em sua vivência dos diferentes tipos de prazer que a constituem e que contribuem a lhe conferir essa qualidade particular”. (Tradução nossa)

1914/2010), a passagem de uma vivência autoerótica para o investimento objetal não é teorizada pelo pai da psicanálise. Isso confere à teoria psicanalítica um grande espaço desconhecido no que se refere a esta fase primeira do desenvolvimento. É justamente sobre essa problemática que Winnicott irá se debruçar, dedicando-se à teorização de como o indivíduo passa de um estado inicial de não existência a um estado de existência.

Retomando a questão do desejo, temos que, para Freud, a ênfase da experiência desejante recai sobre a busca constante da repetição da mítica satisfação primária; essa busca pelo retorno a um estado de plenitude utópico acarreta a construção de um tecido desejante que abarca em si vestígios de todas as satisfações passadas. É por meio destes resquícios que o objeto que possibilitará a satisfação futura ganha forma, sendo assim buscado e constituindo-se como objeto do desejo. Desta forma, o desejo em Freud aponta para uma direção de futuro. Contudo, os caminhos tomados pelo psiquismo nem sempre são simples e tranquilos; pelo contrário, grande parte das vezes não o são. Nesse sentido, as novas formações desejantes, supostamente capazes de realização, acabam se deparando com o advento da moralidade e das leis, acarretando o conflito entre desejo e proibição. A partir disso, Freud (1900/2006) ensina que o desejo, ao gerar um conflito psíquico, promove o recalque da representação conflitual que, atrelada a dado afeto, torna-se conflituoso. Como conteúdo inconsciente que passa a ser - impedido de advir à consciência -, o desejo busca sua satisfação por vias indiretas. Neste ponto, percebemos que, no texto freudiano, o desejo emerge por meio da dinâmica das formações de compromisso, que teriam por objetivo promover a realização do desejo, sem trazer à tona a proibição a ele atrelada: o tecido desejante se forma em conformidade com a teia fantasmática, e como recalco que é, o desejo necessita de formas camufladas a fim de se realizar.

Como vimos, Winnicott não nega essa dinâmica. Seu objetivo não é o desenvolvimento de uma teoria pautada no adoecer psíquico, mas sim nos processos próprios da saúde, o que aproxima suas considerações sobre o desejo mais a um desenvolvimento emocional do ser humano do que a um conflito psíquico propriamente dito. Neste sentido, em seu livro "Natureza humana" - composto por textos escritos em momentos diversos publicados postumamente - 1988, Winnicott propõe a passagem da necessidade ao desejo.

Na primeira mamada teórica²², inúmeros ensaios e erros de adaptação entre a mãe e o infante já ocorreram, o que acarreta o surgimento de algumas expectativas no bebê. Winnicott (1988/1990) afirma que, embora estas expectativas gerem complicações, se elas não forem demasiado grandes, algo extremamente simples se dá ou, melhor dizendo, algo natural. "É difícil encontrar as palavras exatas para descrever este simples evento; mas podemos dizer que em razão de uma vitalidade do bebê e através do desenvolvimento da tensão instintiva o bebê acaba por esperar alguma coisa." (WINNICOTT, 1988/1990, p. 122). Em virtude dessa expectativa de receber algo do mundo que poderá por fim à tensão instintiva crescente, ele se direciona para o mundo, buscando um suposto objeto capaz de saciar sua necessidade. Neste contexto, o autor afirma que o bebê está pronto para ser criativo. Mas a que estaria referida essa dita criatividade? Winnicott (1988/1990) pontua que a alucinação de um objeto poderia ocorrer caso houvesse material mnêmico para ser utilizado na criação de um objeto alucinado; mas, como se trata de uma primeira mamada teórica, este material não estaria disponível. O que está em jogo aqui é a possibilidade de criação do mundo pelo infante, de acordo com suas necessidades; é neste ponto, em que o bebê não apenas se apropria de algo mas o cria, que se encontraria a passagem da pura necessidade para o desejo.

Seguindo o proposto por Winnicott, teríamos então um certo desenvolvimento do desejo a partir da necessidade, o que pode vinculá-lo a uma certa tensão instintual que buscaria satisfação. Contudo, para além dessa ligação com algo que seria de certa forma inato, o desejo se configurará, acima de tudo, como expressão de um potencial criativo na medida em que seus objetos são constantemente criados e descobertos. Dito de outra maneira, a relação entre desejo e criatividade se coloca na medida em que o desejo implica a busca/produção constante de objetos capazes de promover sua realização, o que nos permite vislumbrar um movimento de criação no desejo. Desta forma, não é o seio que, graças à sua capacidade de satisfazer instintivamente o bebê, passa a ser desejado por ele, mas toda a vivência promovida por esse objeto, cuja imagem é então criada internamente, passando assim a ser buscado em um futuro. O seio é modificado a cada nova mamada, não apenas pelo modo como a criança é amamentada, mas também pela forma como ela experiencia essa amamentação. Logo, tanto no desejo quanto na criatividade poderíamos pensar na junção de

²² A primeira mamada teórica para Winnicott seria não apenas uma única experiência de plenitude utópica tal qual em Freud, mas o conjunto de uma série de mamadas. (WINNICOTT, 1988/1990)

algo interno e algo externo, a fim de criar objetos únicos para aquele sujeito, decorrentes não apenas de suas relações mas de suas experiências.

A criação desses objetos únicos nos leva a considerar o desejo paradoxalmente como sendo a raiz dos processos criativos e também se dando em decorrência destes. É claro que, em um primeiro momento, devido a suficientemente boa adaptação da mãe ao infante, o objeto do desejo é encontrado ao ser procurado. Mas, com o tempo, a criança torna-se capaz de suportar a ausência prolongada do objeto, pois adquire a confiança de que este será encontrado no mundo. Percorreremos os caminhos pelos quais o bebê adquire tal sentimento de confiança no mundo mais adiante.

The infant normally sees the pleasure which the body offers in dealing with anxieties, for satisfaction and pleasure mean to him that there is goodness in the world, so that he sets up good people and things inside him; this belief in things enables him to endure pain and frustration, which bring about badness, hate, and make him find bad people and things inside bad objects which he fears will destroy the good, and which he wants to get out of him if he can feel this may be done safely. (WINNICOTT, 1936/1996, p. 90)²³

Devemos ter em mente que o conceito de necessidade em Winnicott não se refere apenas às necessidades biológicas. Segundo Fulgencio (2013), em Winnicott nos deparamos com as ditas “necessidades do ego”, referidas às necessidades de ser, que por sua vez não dizem respeito à vida instintual. Este panorama nos lança no terreno psicoafetivo das relações de objeto. Para que tais relações sejam possíveis, o bebê, que inicialmente nada sabe de si ou do ambiente, deve ter alcançado uma certa distinção com relação a este. Seguindo sua argumentação, Fulgencio (2013) ainda afirma que, se por um lado, os instintos e o desenvolvimento da vida instintual são aspectos referentes ao desenvolvimento do ser humano, por outro, as necessidades do ego estariam referidas, pelo menos em um primeiro momento, às necessidades de ser que não são redutíveis à vida instintual. Tal consideração nos faz atentar para o fato de que, além de não se utilizar de um panorama metapsicológico de matriz freudiana, a problemática estudada por Winnicott se encontra remetida a questões próprias do desenvolvimento egoico. Isso implica no reconhecimento do indivíduo e do processo de construção de sua própria existência, e mesmo das falhas que podem se dar neste

²³ O bebê normalmente percebe o prazer que o corpo oferece ao lidar com ansiedades, pois a satisfação e prazer para ele significa que existe bondade no mundo, de modo que ele crie pessoas e coisas boas dentro dele; essa crença nas coisas permite que ele suporte a dor e a frustração, que provocam maldade, ódio e fazem com que ele encontre pessoas e coisas más dentro de objetos maus os quais ele teme que vão destruir o bem, e que queira sair de si se ele sentir que isso pode ser feito com segurança (WINNICOTT, 1936/1996, p. 90 [tradução nossa]).

percurso de *vir a ser*, deixando para um segundo plano, ou melhor, para um momento posterior do desenvolvimento, os dilemas inerentes a um conflito psíquico, tal qual foi amplamente trabalhado e discutido por Freud.

Retomando a questão do desejo, nos deparamos com as considerações de Phillips (1993/1996) referentes ao tédio, afirmando logo de início que: "Em qualquer discussão sobre a espera, ao menos em relação à criança, faz sentido falar do tédio porque a criança entediada está esperando, de forma inconsciente, uma experiência de expectativa" (PHILLIPS, 1993/1996, p. 99). É em decorrência da espera que se cria um intervalo, a partir do qual pode emergir algo próprio, permitindo que a criança se confronte com o objeto de desejo desconhecido. Diante do tédio, a única coisa que se pode esperar é o inesperado. A partir dos momentos de espera, de todos os objetos possíveis e dos que se constituem enquanto objeto de desejo, Phillips afirma que o que o infante entediado busca é a si próprio - o que concede uma faceta estruturante a esse estado. Em virtude desse intervalo em que nada solicita o infante, abre-se um espaço de criação, no qual, para além de criar objetos que venham a constituir-se enquanto desejáveis, a paradoxal criação e descoberta de si torna-se possível. Além disso, retornando a consideração do autor segundo a qual o tédio surge quando nada solicita a criança, é devido a isso que o momento de espera não é vivenciado como uma grande perda, mas enquanto interrupções, marco/intervalo/espera de uma coisa que antecede outra - o que, podemos acrescentar, também garante uma temporalidade à experiência.

A experiência de tédio e sua relação com o intervalo entre um desejo e outro - ou seja, um período de nada desejar -, nos leva a considerar que a noção de desejo em Winnicott adquire uma dimensão de presente não traçada em Freud. Afinal, para o pai da psicanálise, o desejo inconsciente, além de dar uma direção ao psiquismo, representando de forma antecipada sua realização, também é sempre algo que ainda virá, e que projeta o sujeito em um futuro almejado. Em Winnicott, por sua vez, depreendemos que o desejo se inscreve como a possibilidade de criação diante da solidão. O indivíduo tem de ser capaz de usufruir de seu estado de solidão mesmo diante da presença de outros (WINNICOTT, 1958/2007) para que possa produzir/desejar algo próprio, sem que responda apenas às demandas externas. Afinal, a capacidade de experimentar a solidão sem que esta seja catastrófica confere um valor especial à experiência, garantido pelo sentimento de sua apropriação. Nesse sentido, consideramos que a experiência de tédio reenvia o sujeito para o presente, neste intervalo onde a criação é possível, e em que a dimensão de futuro ainda não é representável, apontando para uma

potencialidade de um viver criativo no momento presente. É a partir da integração entre esses três momentos distintos, nos quais o intervalo entre o desejar se revela como central, que a vida adquire um ritmo e temporalidade próprios.

Propomos, então, aproximar os estados de tédio à expressão do potencial criativo da criança, postulado por Winnicott diante da primeira mamada teórica. Tal consideração se mostra frutífera na medida em que, nestes estados de tédio, a criança estaria constantemente à espera e à procura de algo, do desconhecido, do inesperado, do novo - algo que ainda poderá ser criado. Nesta linha, concebemos a "experiência de expectativa" da qual fala Phillips (PHILLIPS, 1993/1996) como o sentimento anterior ao processo de criação que possibilitará que a criança, em um estado de onipotência, crie o objeto capaz de satisfazer suas necessidades - em outras palavras, como o estado precursor do desejo.

Embora a falta tenha um papel primordial na formação do desejo para Winnicott, tal como para Freud, para aquele o desejo se encontra remetido à ideia de intervalo, a qual discutiremos mais adiante. Esta concepção aponta para a faceta criativa do indivíduo e seu movimento de busca e criação, seja do mundo, seja de seus próprios objetos de desejo.

1.2.3 - Seria possível trabalhar com o prazer fora de uma dimensão econômica?

A teoria winnicottiana objetiva sobretudo um estudo referente ao desenvolvimento emocional do indivíduo na saúde, suas necessidades e as falhas que podem se dar nesse processo de vir a ser. A fim de cumprir nossos objetivos, partimos de uma delimitação das ideias de satisfação e desejo - que se encontram extremamente próximas do prazer na obra freudiana -, estudando processos presentes na saúde a eles análogos ou que cumpram funções semelhantes, assim como suas distinções com relação ao modelo estabelecido pela psicanálise clássica. Isso nos conduziu a uma problematização dos dois primeiros conceitos fora de um paradigma metapsicológico²⁴, seguindo as linhas propostas em um desenvolvimento emocional tal qual pensado por Winnicott ao longo de seus escritos.

Ao nos dedicarmos ao estudo do prazer a partir da teoria winnicottiana, estamos nem mais nem menos do que investigando uma faceta outra do prazer que não o coloque em uma

²⁴ O paradigma metapsicológico se remete às perspectivas: 1) tópica, considerando o psiquismo como se fosse um aparelho psíquico dotado de instâncias; 2) dinâmica, tomando o psiquismo como se fosse movido por forças opostas, representadas pelas pulsões; 3) econômica, concebendo o psiquismo como se fosse movimentado por uma energia específica, a libido. (FULGENCIO, 2006)

posição necessariamente implicada em uma busca pela descarga. Em outras palavras, procuramos traçar um ângulo que, no que diz respeito ao prazer, permita lançar luz não apenas em sua íntima relação com a economia psíquica freudiana, mas ir para além dessa. Deste modo, estudar o prazer partindo de uma perspectiva winnicottiana que valoriza particularmente as relações e os processos decorrentes do desenvolvimento do indivíduo possibilita analisar e destrinchar o conceito não mais através da dinâmica promovida por uma economia psíquica, mas visando, sobretudo, os processos relativos à constituição e consolidação de um Eu no marco da intersubjetividade.

Daremos início à nossa argumentação tendo como base as considerações de Garcia-Roza (1986/1993), cujas ponderações nos direcionam à grande virada na teoria freudiana representada pela passagem do prazer enquanto processo para o prazer enquanto princípio organizador. O autor afirma que esta passagem se dá por meio da contenção do livre escoamento das excitações, ou seja, sua ligação, o que acarreta a mudança de um estado de pura dispersão pulsional para um estado de integração. Dito de outra forma, transforma a energia livre em energia ligada. Garcia-Roza (1986/1993) prossegue com sua exposição chamando atenção para o fato de que a noção de ligação em Freud não é adotada de maneira unívoca, sendo empregada tanto como referência ao processo secundário e ao Eu, quanto para se referir a mecanismos próprios do processo primário e estruturação de suas fantasias.

Depreendemos, assim, que, para Freud, o prazer (enquanto processo e enquanto princípio) estaria remetido à ideia de ligação. Isso soa um tanto quanto paradoxal, pois, apesar de atuar como um importante recurso organizador do aparelho psíquico e suas instâncias (GARCIA-ROZA, 1986/1993), o prazer também acarreta uma disjunção de energia por meio do movimento de descarga. Ora, o leitor pode estar se questionando se isso seria uma forma de anular nossas ponderações no que tange o prazer enquanto remetido a formas de ligação. Ao que nos restaria apenas responder de com uma negativa, afinal, como vimos, ligação pode assumir sentidos variados na obra freudiana e, de fato, embora o prazer para este autor se pautasse no movimento de descarga, tal movimento possibilita também a ligação com um objeto (seja ele real ou alucinado).

Neste ponto devemos realizar um grande, porém crucial salto em nossa argumentação, indicando a relação, presente na obra freudiana, entre prazer e pulsões de vida. É claro que levamos em conta que este é um paradigma completamente distinto do que nos propusemos a

trabalhar no presente texto; contudo, traçar relações entre as elaborações de Freud e Winnicott se enuncia para nós como o meio mais frutífero para alcançarmos nosso objetivo principal. Dito isso, teríamos em Freud o prazer associado a esta força motriz de vida. Como vimos, Winnicott é um autor que se dedica aos processos da saúde, da vida; e aqui, ao que tudo indica, somos direcionados para Freud - mais especificamente, para a estreita relação entre vida e ligação.

De fato, podemos pensar na própria teoria winnicottiana enquanto uma teoria das ligações. Indo mais a fundo em sua obra, percebemos que todas as ligações e as diferentes formas de relação se apresentam paradoxalmente como meios e fins tanto para o advir do indivíduo a um estado de ser, de existência, quanto para sua capacidade de expressão de um potencial próprio. No paradigma metapsicológico freudiano, o prazer se relaciona às forças de vida, de ligação em um sentido pulsional; em Winnicott, por sua vez, há uma estreita vinculação entre existência-vida-ligação e potencial de ser-criação.

Isso nos leva a reconhecer, no texto winnicottiano, o direcionamento de uma potencialidade de ser, à existência, à vida, à criação, colocando *a vida*, expressa por meio de um viver criativo que almeja a constituição de um ser, no lugar de motor dos processos do desenvolvimento. Considerando a potência à vida enquanto original, algo que mesmo nas mais severas patologias é protegido da aniquilação total através da preservação de um núcleo verdadeiro, somos levados a constatar que o prazer, para Winnicott, encontra-se remetido a esta potência de vida: um prazer que se expressa por via do encontro/construção de algo próprio, um prazer referido ao existir e sentir-se real. Neste sentido, podemos lançar luz sobre uma ideia de prazer que não diz respeito apenas ao movimento de descarga, mas se expressa também por meio da existência/potencialidade de ser e de uma expressão criativa.

No que diz respeito à sensação de existência, é o ambiente tranquilo proporcionado pelo *holding* e pelo *handing*²⁵ - que têm como função principal reduzir a um mínimo os conflitos aos quais o bebê deve reagir - que permite a construção do *self*, assim como a consolidação do sentimento de ser/de existir. A importância de um ambiente tranquilo, assim como a função essencial que a sensação de continuidade proporcionada pelo mesmo adquire no

²⁵ Os conceitos de *holding* e *handing* dizem respeito ao amparo e sustentação, físico e psíquico, oferecidos pelo cuidador ao bebê em um desenvolvimento saudável.

desenvolvimento do indivíduo winnicottiano, decerto contrasta com o lugar elevado atribuído à vivência de um estado de excitação na psicanálise clássica.

Embora não renegue a importância dos estados de excitação e todo o desenvolvimento dele inerente, conforme proposto por Freud, Winnicott atribui aos estados de tranquilidade uma função de pano de fundo fundamental sobre os quais a continuidade do ser pode ser adquirida, por meio da confiabilidade dos cuidados do meio. Neste sentido, podemos atestar que a relação entre prazer e movimento proposta por Freud se apresenta de maneira ampliada no pensamento winnicottiano. Winnicott positiva os estados de tranquilidade, concebendo-os como suporte para que os estados de excitação possam se configurar enquanto prazerosos ou mesmo como uma forma outra de experienciar o prazer. Isso se deve ao fato de que, embora em sua obra o prazer permaneça atrelado à ideia de um prazer erógeno proporcionado pelo movimento de descarga, também podemos encontrar nos processos inerentes aos estados de tranquilidade funções análogas à categoria de prazer.

Roussillon (2006) afirma que, apesar de inicialmente Freud apresentar o psiquismo e as quantidades como antagônicos, em 1895, com a introdução da ideia de período (FREUD, 1895/2006), se dá uma certa reconciliação entre ambas as partes. A harmonia entre quantidade e psiquismo se deve à ideia de ritmo, que garante um caráter intensivo ao processo, apresentando-se como a primeira relativização ou complexificação da ideia segundo a qual toda tensão seria *sempre* geradora de desprazer.

(...) num bom ritmo, num bom período, a quantidade torna-se aceitável para o sistema <...>; *em contrapartida, a disritmia constitui a quantidade como uma efração que <...> deverá descarregar*. Inversamente, é ao aceitar a lei do ritmo "biológico" que nos abstraímos da quantidade e temos acesso às qualidades psíquicas. Não seria essa "lei bio-lógica" também uma lei "materna", uma lei da relação com a mãe? (ROUSSILLON, 2006, p. 235 - grifos do autor)

O autor relembra ainda que foi neste momento da obra que Freud atribuiu à descarga também o valor de apelo em direção ao objeto. Sendo assim, teríamos no exterior um objeto que socorre e no interior um período que torna suportável o acúmulo de energia no aparelho; e, além disso, o período possibilita também que a criança busque no ambiente o objeto capaz de pôr fim à excitação. Este objeto estaria ligado à satisfação, da qual o infante possui um traço interno. É ao delinear o paralelo entre ritmo e traço internos e um objeto externo - capaz de gerar satisfação -, que nos aproximamos do paradoxo da satisfação winnicottiana: o objeto criado/encontrado. Embora um vislumbre superficial das teorias winnicottiana e

freudiana possam apontar para uma certa convergência neste ponto, isso não pode ser de fato afirmado, devido ao caráter móvel cuja ideia de período acarreta.

Logo, enquanto o movimento, perceptível pela introdução de um período de excitação, seria o protagonista do prazer alcançado em conjunto com a satisfação em Freud, para Winnicott essa satisfação só seria experienciada como tal a partir da continuidade e adaptação de um meio *tranquilo*. O que decerto não desconsidera que seja possível encontrar prazer no movimento de descarga, mas este deve se dar de forma integrada com a experiência de ser. Tais considerações apontam para uma proximidade da obra de Winnicott com os processos presentes na saúde (que seriam análogos à noção de prazer proposta por Freud), a uma certa experiência de tranquilidade, que torna possível a criação de si e dos objetos. Afinal, para Winnicott o motor do psiquismo não estaria remetido à vida pulsional, mas, antes disso, ao estar vivo e às potencialidades inatas ao indivíduo que possibilitam o curso deste por um processo de desenvolvimento rumo à existência. Desenvolvimento este que necessita de um ambiente que proporcione uma sensação de continente para o bebê, garantindo a continuidade de seu cuidado e satisfação de suas necessidades físicas e psíquicas.

Um ambiente não adaptado às necessidades do infante e que age de maneira intrusiva, além de não fornecer a sensação de continuidade ao sentimento de existência que aos poucos se forma, também inibe as expressões criativas do infante, fazendo com que este reaja ao mundo ao invés de criá-lo²⁶. Surgem então formações defensivas que têm por objetivo amenizar e suprir as falhas provocadas pelo meio, buscando proporcionar ao indivíduo a integração, estruturação e continuidade que não foi possível alcançar, assim como garantir a existência, cuja certeza que poderia ser tida como algo tão normal e natural, lhe foge.

Como dito ao longo deste capítulo, o sentimento de existência, o ser, para Winnicott é algo complexo. É o resultado de uma série de processos e aquisições que acarretará na capacidade de agir - ser alguém que age no mundo. Mas, e quando esses processos falham tornando a existência algo incerto, não dotada de uma continuidade? Para Winnicott (1960a/2007) existem duas possibilidades: o ser ou a aniquilação. O ser é alcançado por meio da experiência de continuidade, proporcionada por um ambiente bem adaptado; o sentimento de aniquilação, por outro lado, se dá em decorrência da impossibilidade de agir criativamente,

²⁶ Neste ponto, é válido lembrar que é a sensação de familiaridade e continência promovida por um ambiente adaptado o que garante que o ingresso do sujeito em uma realidade compartilhada não seja vivenciado como algo frustrante. Para Winnicott, a realidade não é sinônimo de limitação e frustração.

em uma realidade em que o indivíduo se expressa reativamente diante de um meio hostil. Nesse sentido, consideramos que a vida para Winnicott está relacionada à possibilidade de ser, e esta, por sua vez, diz respeito à capacidade de alcançar uma posição criativa.

Em síntese, somos levados a afirmar que, na teoria desse autor, o que está em jogo não se restringe às formas pelas quais o sentimento de existência pode ser adquirido, mas como tal sentimento se expressa através de uma produção criativa, ou seja, como a existência possibilita a expressão de um gesto espontâneo. De acordo com Abram (1996/2000):

Winnicott parece não ter sido capaz de salientar o suficiente que o **ser** se localiza no centro de qualquer experiência de vida. Na verdade, se o indivíduo não tiver a oportunidade de tão-somente **ser**, seu futuro não pode se mostrar promissor em termos de qualidade emocional de vida (p. 246 - grifos do autor).

Seguindo a discussão do paradigma da existência/não existência em Winnicott, devemos levar em conta que, para este autor (Winnicott, 1988/1990), a questão central não se encontra referida à dualidade entre pulsões de vida e de morte, conforme a proposta freudiana, mas remetida à contraposição entre existência e não existência: "Winnicott não considera que a vida advenha da não-vida, mas que o estado de ser advém de um estado anterior de não-ser, que ele também caracteriza como sendo uma *solidão essencial*." (FULGENCIO, 2012, p. 474 - grifos do autor). A partir desta perspectiva, Winnicott considera que "(...) o indivíduo emerge não do inorgânico mas da solidão" (WINNICOTT, 1988/1990, p. 155). Por conseguinte, ele concebe o estado de solidão como algo original no sentido de ser anterior à percepção da dupla dependência na qual o indivíduo se encontra imerso na saúde, a unidade dual mãe-bebê. Logo, ao afirmar que Winnicott é um autor o qual se dedica aos processos de vida, não estamos nos referindo a uma dualidade pulsional freudiana que não se aplica à sua obra, mas a uma vida que apresenta como principal potencialidade o ser; uma existência que, mesmo diante de falhas que acarretam uma resposta reativa, capazes de interromper o *processo de ser*, expressa também uma tentativa de manutenção/proteção de um núcleo que preserve este potencial²⁷.

Tendo em vista essas considerações, é certo afirmar que o foco do estudo das relações de prazer, na perspectiva winnicottiana, parece deslocar-se de um campo pulsional/econômico para uma matriz relacional. O que nos leva a concordar com a afirmativa de Fulgencio (2012) a respeito da teoria winnicottiana: "Trata-se, pois, não tanto de procurar uma descarga, mas

²⁷ Aderir a essa concepção, para além de um posicionamento teórico, representa uma ética que dota a clínica dos pacientes que apresentam uma fragilidade de uma potência à reparação das falhas e traumas sofridos.

um ponto com base no qual o *self* se afirma." (p. 477). Nesse sentido, devemos nos desprender de todo viés e concepções que atrelem o prazer à ideia de movimento de descarga proposta por Freud, ao buscar funções análogas a esta categoria na teoria de Winnicott.

Assim, concebemos o prazer não apenas articulado a uma ideia de movimento, mas também à de tranquilidade garantida por um meio bem adaptado. Concebemo-lo, ainda, não referido a um jogo de forças, mas aos próprios processos de vida, que são alcançados por meio da aquisição de um *self* capaz de garantir o status de ser e dos processos criativos que promovem a expressão deste ser. Em suma, concordamos com a afirmação de Lejarraga (2015), segundo a qual "Winnicott (...) amplia a ideia do prazeroso, apontando para formas de prazer que não podem ser reduzidas ao prazer instintivo sexual." (p. 47).

Capítulo 2 - Da satisfação ao prazer: uma perspectiva relacional

No primeiro capítulo, partimos de uma breve apreensão do conceito de prazer em Freud para em seguida traçarmos uma maior delimitação de seus possíveis correspondentes na obra winnicotiana. Para tal, nos propusemos a diferenciar três conceitos que podem apresentar dinâmicas interligadas. Estes seriam: satisfação, desejo e prazer. No presente capítulo, nos dedicaremos ao estudo de uma forma de prazer, encontrada no texto winnicottiano, que não se encontra remetida ao movimento de descarga e tampouco se expressa como um prazer sexual.

Tomaremos como ponto de partida a exploração do conceito de satisfação na agressividade primária. Tal ponto nos lançará no amplo terreno das relações precoces, no qual a satisfação adquire um colorido particular. Neste caso, satisfação de necessidades não é o mesmo que satisfação da pulsão, englobando modelos que não necessariamente se relacionam com o prazer tomado como movimento de descarga. Isso nos permitirá traçar distinções ainda maiores entre os dois conceitos (satisfação e prazer), o que tornará mais precisa nossa apreensão posterior sobre o prazer. Em um segundo momento, dirigiremos nossos esforços ao estudo dessa forma de prazer que, diferentemente daquela proposta pela psicanálise clássica, não se encontra pautada necessariamente em um movimento de descarga, estando remetida, antes, ao espaço potencial e à capacidade de brincar. Tendo em vista tais considerações, nos referiremos à analogia com o prazer²⁸, ao trabalhar com essa modalidade de prazer específica da terceira área da experiência²⁹, que, ao que tudo indica, aponta uma vertente não econômica da experiência de prazer.

Nesse sentido, vale ressaltar que concebemos o desenvolvimento emocional humano como resultado de processos³⁰ que ocorrem de forma concomitante e indissociável uns dos outros, se dando paradoxalmente com a complexificação de aquisições anteriores. Essa mudança de perspectiva do campo analítico nos impulsiona a um distanciamento do reinado

²⁸ Buscaremos traçar as linhas de uma modalidade de prazer que não esteja necessariamente atrelada a ideia de descarga. Como vimos no capítulo anterior, o termo prazer se encontra deveras vinculado a ideia de um de queda de tensão no aparelho psíquico proporcionada pelo movimento de descarga. É justamente neste sentido que nos propomos então a trabalhar com processos - presentes na saúde - análogos ou que cumpram funções semelhantes ao prazer a partir do texto winnicottiano. Isso nos conduziu a uma problematização do prazer, no capítulo anterior, seguindo as linhas propostas em um desenvolvimento emocional tal qual pensado por Winnicott ao longo de sua obra.

²⁹ Falaremos mais adiante sobre a terceira área da experiência.

³⁰ Os processos próprios ao desenvolvimento emocional são: 1) integração; 2) personalização; 3) realização. Ao fim de tais processos o sujeito seria então capaz de se circunscrever em seu próprio corpo, ter a noção de ser uma pessoa única e integral e se localizar no tempo e no espaço.

metapsicológico, no qual a pulsão é enunciada enquanto força motriz que impulsiona o sujeito e mobiliza sua dinâmica psíquica. Podemos afirmar que o lugar de protagonista ocupado pelo prazer na obra freudiana está remetido à própria vida em Winnicott, ou melhor, a um potencial de vida. É esta potencialidade para existir – a qual se apresenta como uma busca constante e cada vez mais elaborada –, que desencadeia os processos e aquisições que tornam cada indivíduo capaz de formações únicas, próprias. Dito isso, é certo afirmar que, ao nos dedicarmos ao estudo de uma analogia do prazer em Winnicott, nos desprendendo da ideia exclusiva de descarga, não estamos renegando toda a tradição freudiana; ao invés disso, propomos sua problematização e uma maior abrangência de suas implicações.

2.1 - O surgimento de um vir a ser a partir da agressividade primária

Ao dedicarmos nossos estudos aos períodos precoces do desenvolvimento humano a partir de um panorama winnicottiano, somos levados a considerar a existência de uma potencialidade particular de cada sujeito, que já estaria presente antes mesmo do nascimento. Este *algo que é próprio daquele bebê em particular* enuncia sua importância vital nos processos inerentes ao desenvolvimento emocional. Tais processos culminarão no sentimento de existência e, posteriormente, na constituição de uma identidade própria, que tornará possível para aquele indivíduo o agir no mundo. Visto isso, devemos ter em mente que o próprio desenvolvimento emocional não se deve apenas à potencialidade do bebê humano em direcionar-se para o mundo antes mesmo de ser capaz de reconhecer sua existência. Tal perspectiva confere lugar de destaque ao processo de "vir a ser" – sobretudo e principalmente, à disponibilidade e prontidão do ambiente em reconhecer o potencial próprio do infante e responder a ele de maneira totalmente única e particular. Ou seja, o potencial próprio do qual todo ser humano seria dotado tem de receber lugar e ser reconhecido para que possa culminar no surgimento de um indivíduo – indivíduo este que, para este autor, não está dado desde o início.

No texto winnicottiano, observa-se uma complexificação da experiência de satisfação, o que nos lança em um terreno mais amplo e denso no que tange à satisfação nos momentos precoces do desenvolvimento. Enquanto Freud propõe que a experiência de satisfação se dá primeiramente amparada na satisfação das necessidades pulsionais, Winnicott, por outro lado, embora não renegue as considerações freudianas, lança um olhar além. Ele nos apresenta todo um território, até então desconhecido, no qual essa relação inicialmente dual e indistinta entre

mãe e bebê pode florescer, dando origem a um indivíduo unificado, que habita seu próprio corpo e se encontra inserido em uma realidade compartilhada.

Ao seguir essa linha, nos deparamos com o surgimento de uma satisfação que se mostra fundamental para o desenvolvimento emocional, não se encontrando, no entanto, remetida à sexualidade. Referimo-nos aqui à satisfação encontrada na agressividade primária. Para que possamos explorar tal problemática, se fará necessário traçar duas importantes distinções: 1) entre sexualidade e potencial motor; e 2) entre agressividade e agressão.

2.1.1 - Uma delimitação do conceito de agressividade em Winnicott

Devemos reconhecer, com base em tudo o que vimos até aqui, que a existência, o *ser*, não é algo dado desde sempre. É o resultado de uma série de processos e relações. Uma das principais problemáticas trabalhadas por Winnicott trata da jornada de uma certa potencialidade de ser até sua constituição enquanto indivíduo capaz de se circunscrever em seu próprio corpo, ter a noção de ser uma pessoa única e integral e se localizar no tempo e no espaço (WINNICOTT, 1945/2000). Podemos afirmar que tudo isso se inicia de forma ocasional através de movimentos despropositais que o bebê realiza. Tal capacidade motora garante a relação inicial com um outro que, da perspectiva do bebê, é-lhe indistinto.

Neste sentido, podemos ser assertivos ao dizer que, na concepção de Winnicott, o indivíduo não é uma tábula rasa sobre a qual se inscreve uma história a ele imposta a partir do nada; pelo contrário, em todo *vir a ser* há algo ao mesmo tempo inato e único, a partir do qual o mundo reage de forma particular (WINNICOTT, 1950-55/2000). Tal entendimento permite pensar o indivíduo enquanto fruto do encontro de uma potencialidade, que lhe é própria, com o mundo a sua volta, nos levando a considerar que a expressão de uma singularidade, nos primórdios da existência, se dá pelas vias da agressividade primária – algo que, sem sombra de dúvida, pode soar estranho, radical e controverso, caso tomemos o conceito de agressividade como uma ação destrutiva, hostil, direcionada intencionalmente a um objeto.

Contudo, a definição winnicottiana de agressividade primária se distingue expressamente dessa concepção. Na obra de Winnicott, a agressividade primária se exprime pelas vias da motilidade, enquanto um movimento não intencional que provoca no cuidador uma resposta particular. É por meio da casualidade própria da expressão agressiva em seus primórdios que este "*vir a ser*" esbarra nos limites a ele impostos como condição do próprio

cuidado³¹. Visto isso, não podemos nos abster de afirmar o papel fundamental que a agressividade primária adquire para Winnicott no que diz respeito ao reconhecimento e à construção do mundo³².

O leitor pode levantar a seguinte indagação: se a agressividade primária remete à ideia de motilidade, meio pelo qual a descarga de um excesso pulsional se exerce, qual o valor da agressividade nas presentes considerações que buscam, justamente, pensar para além de uma economia psíquica pautada exatamente na descarga? Como ponto de partida devemos reconhecer que a ideia de descarga, em Freud, diz respeito à descarga de uma energia específica, ao rebaixamento do acúmulo libidinal que assola o aparelho, a qual, de fato, é alcançada também pela via motora. Contudo, tal afirmação não implica que a descarga libidinal seja a força motriz de todas as movimentações físicas do bebê nos primórdios de seu *vir a ser*, o que nos leva a considerar que, para discutir a questão da agressividade em Winnicott, devemos primeiramente traçar uma distinção entre a sexualidade e um potencial motor próprio do sujeito. Esta questão se encontra no cerne da distância teórica de Winnicott em relação à psicanálise clássica, nos permitindo afirmar que, no texto winnicottiano, ocorre um descentramento com relação à sexualidade e ao Édipo, que deixam então de ser concebidos como a base da subjetividade (LEJARRAGA, 2015).

Embora a noção de sexualidade seja reconhecidamente ampliada em Freud - não se restringindo à genitalidade -, para Winnicott, o que interessa ser estudado e observado no desenvolvimento primitivo é a esfera relacional. Apesar de Winnicott concordar com a postulação da sexualidade infantil conforme afirmada por Freud, esta se desdobra em paralelo com outros processos relacionados ao desenvolvimento. Neste sentido, o ponto que parece se sobressair para Winnicott é o fato de o bebê não dispor de um sentimento de integração, realização e personalização desde o princípio, o que acarreta um não reconhecimento das forças instintuais como próprias. Assim, concordamos com a afirmação de Lejarraga (2015), segundo a qual: "As urgências instintivas, desse modo, só podem se tornar significativas quando o bebê passa a ter existência psíquica, porque começou a desenvolver o *self*, a unidade psicossomática e a separação entre eu e não-eu" (p. 34). Ou seja, é a partir de um ambiente disponível e bem adaptado às necessidades do bebê que este poderá constituir um *self* a partir

³¹ Quando nos referimos a limites que se dariam em consequência do próprio cuidado, devemos ter em mente que eles não se configuram como fonte de frustração para o bebê. Limite, neste caso, se refere muito mais a algo capaz de conter e localizar o lactente, garantindo a ele a função de continente própria ao surgimento de um sentimento de continuidade de existência.

³² Essa questão será discutida mais adiante.

da experiência corporal e integração desta esfera em uma unidade psicossomática. Em decorrência da constituição do *self* uma diferenciação entre interno e externo torna-se possível, da mesma forma, a sexualidade pode ser integrada ao corpo erógeno do lactente. Outro ponto importante a ressaltar é o fato de que, o que é elaborado pela união de um psicossoma não é o corpo fisiológico, mas o corpo vivo, dotado de sensações, que serão integradas por meio de uma elaboração imaginativa que lhe conferem sentido (WINNICOTT, 1988/1990). Dito de outro modo, enquanto que, para Freud, o que está em jogo é a emergência de um Eu a partir da integração de diversas zonas erógenas, para Winnicott, o surgimento do indivíduo se dá em decorrência da constituição e elaboração de um corpo sensorial. Isso nos leva a considerar possível trabalhar com um potencial motor que não diz respeito à sexualidade infantil propriamente dita, concebendo o desenvolvimento sexual como uma consequência da motilidade, e não vice versa.

Embora devamos reconhecer uma proximidade entre sexualidade infantil e motilidade primária³³, não se trata necessariamente de algo unitário. Winnicott (1988/1990) sustenta a importância dos estados de excitação no direcionamento do sujeito à descarga e à satisfação. Contudo, esse potencial motor adquire em sua obra uma função muito mais ampliada e um papel de destaque no desenvolvimento emocional do indivíduo. Para o autor, a motilidade não é algo próprio apenas dos estados excitados, mas a expressão ímpar e casual deste recém-nascido que ainda *não é*, além de ser a primeira forma de contato com um mundo que lhe é ainda indistinto de si. "Em termos bem grosseiros direi que essa parte da motilidade *precisa de algo para empurrar*, caso contrário permanecerá sem experiências e constituirá uma ameaça para o bem estar. Na saúde, porém, por definição, o indivíduo sente o prazer de buscar a oposição adequada." (WINNICOTT, 1950-5/2000, p. 298, grifos do autor).

Tanto em Freud quanto em Winnicott, o modelo da sexualidade infantil é descrito pelo exemplo da oralidade. Porém, na obra de Winnicott, tal modelo é expresso por meio do encontro casual do infante com o seio³⁴, quase como um esbarrar com o objeto; um esbarrar que faz com que o bebê se surpreenda com sua descoberta e criação de algo até então inesperado. Todavia, esse movimento de esbarrar acidentalmente em algo que até então era

³³ Tal proximidade se deve às raízes da sexualidade que se encontram na impulsividade instintual, que, juntamente com os impulsos motores, geram os estados excitados do bebê e sua noção de estar vivo (LEJARRAGA, 2015).

³⁴ Não nos referimos aqui à concepção do seio como um objeto externo. Como a separação entre Eu e mundo ainda não foi alcançada, todos os objetos que entram em contato com o bebê ainda são tidos como indiferenciados a este.

desconhecido só é possível em um meio bem adaptado às necessidades do infante; em outras palavras, um ambiente de cuidado que o ampare tanto física quanto psiquicamente. Devido a esse espaço comum no qual se encontra a mistura dual mãe-bebê, Winnicott afirma que o bebê não existe³⁵. Sua não existência se deve justamente à impossibilidade, até o presente momento, da constituição de um *self* próprio. A presença da mãe como uma figura devotada a esse bebê é de extrema importância nos estágios iniciais do desenvolvimento. Isso se deve à não consolidação inicial de um *self* no infante, assim como ao seu estado inicial de não integração, personalização ou reconhecimento da realidade. Abram (1996/2000) aponta que a categoria de *self* se enuncia como algo emblemático na obra de Winnicott, por vezes se confundindo com o que seria o ego, e por vezes o ego sendo apontado como uma parte do *self*. De todo modo, o *self* se caracteriza por exprimir os aspectos da personalidade do indivíduo que poderíamos classificar como Eu, possibilitando assim a distinção entre Eu e não-Eu. É a expressão do verdadeiro *self* que permite que os eventos do mundo sejam vividos pelo indivíduo como experiências dotadas de um colorido próprio e particular. Vale a pena ressaltar também que, inicialmente, o *self* é principalmente corporal, sendo a partir dos cuidados maternos que se torna possível o habitar um corpo. Desta forma, o ambiente inicial surge no texto winnicottiano como proveniente de uma figura de cuidado pronta a suprir as necessidades do lactente, atuando como centro de gravidade ao psiquismo do bebê ainda em formação (WINNICOTT, 1956/2000).

O bebê irá até o seio quando faminto, lançando sobre este sua voracidade. Esta voracidade própria da relação indiferenciada do infante com o seio torna possível identificar a raiz voraz da agressividade primária. Sobre isso, Lejarraga (2015) afirma que a "(...) agressividade se encontra no impulso amoroso primitivo, cujo paradigma é a voracidade (...)\" (p. 111). Nesse sentido, a voracidade expressaria a união primária entre o par amor e agressão. Winnicott (1964/2012) aponta que, um dos mais importantes exemplos de conjunção entre agressão e amor se expressa no impulso da criança de morder: \"Por fim, integra-se no prazer que acompanha o ato de comer qualquer espécie de alimento. Originalmente, porém é o objeto bom, o corpo materno, que excita o morder e produz a ideia de morder. Assim, o alimento acaba por ser aceito como um símbolo do corpo da mãe, (...)\" (p. 108). Devido à adaptação da mãe ao seu bebê, esta lhe oferece o seio ao mesmo tempo que o infante o busca; concomitantemente, ao querer ser devorada por esta criança faminta, a mãe se oferece quando

³⁵ A célebre frase: \"Não existe essa coisa chamada bebê\" aponta para a não existência do bebê fora de sua relação com a mãe nos primórdios da vida (WINNICOTT, 1956/2000).

e onde é buscada. Quando essa experiência ocorre de forma tranquila, ou seja, a mãe não recebe a voracidade do bebê de forma paranoide, mas anseia também ser devorada pelo bebê³⁶, ocorre a experiência de ilusão.

É a partir do entrelaçamento entre o movimento de devorar o seio, próprio do infante, e o desejo de ser devorada da mãe, que a voracidade do bebê é estimulada, permitindo que o movimento agressivo inicial dê origem ao reconhecimento do mundo como algo distinto de si. Através desse contato seguro e agradável com o mundo real, o bebê é capaz de vivenciar a realidade; e, para além disso, é capaz de vivenciar algo de *si mesmo* no contato com esta. A aceitação, pela mãe, da voracidade do bebê, propicia um terreno fértil para que ele possa expressar os impulsos próprios de seu *self* em formação. Entretanto, não podemos afirmar que tal voracidade tenha uma intencionalidade destrutiva, visto que, neste momento, o bebê ainda desconhece tanto sua existência quanto a existência materna. Devemos entender que, na investida voraz do lactente ao seio, uma satisfação instintiva é buscada. Verificamos, como consequência, uma junção da motricidade a esse impulso amoroso primário, e podemos supor que a motricidade também encontra uma forma de expressão como potencial erótico (WINNICOTT, 1950-5/2000).

Esse ponto se enuncia como a fonte de uma maior delimitação de nossa discussão, permitindo distinguir mais precisamente a sexualidade do potencial motor na agressividade primária. Teríamos duas fontes principais pelas quais a agressividade primária poderia ser experienciada: 1) a motilidade propriamente dita, que necessita da oposição como contenção da força vital do infante que lhe garanta uma continência e limitação diante de sua não integração: "Se não existisse oposição, a motilidade do bebê se diluiria no vácuo, impedindo-o de tomar consciência de um mundo externo real." (LEJARRAGA, 2015, p. 112); e 2) a motricidade vinculada à sexualidade na busca por satisfação instintual (WINNICOTT, 1950-5/2000). Até mesmo na destrutividade, posteriormente expressa pela tendência antissocial, percebe-se a busca de algo, de uma porção de estabilidade capaz de suportar a tensão gerada pelo comportamento impulsivo (ABRAM, 1996/2000).

Neste ponto, levando em consideração a voracidade própria do encontro do bebê com o seio, devemos traçar a distinção entre agressividade na perspectiva winnicottiana e a agressão

³⁶ Quando a mãe se encontra inserida no estado de preocupação materna primária e se oferece a ser devorada pelo bebê, ela estimula seu potencial agressivo, ou seja, sua expressão particular no mundo, contribuindo assim para a formação e consolidação do seu *self*.

segundo a teoria freudiana. A agressividade primária em Winnicott é um conceito que consiste na expressão de um potencial vital através da motilidade. A motilidade, que está presente já no útero materno, possibilita o encontro do lactente com o ambiente, ainda em um estado de indiferenciação, dando início ao desenvolvimento individual a partir da relação de criação e descoberta do mundo. Agressão, por sua vez, se refere a um direcionamento ativo de hostilidade em direção a um objeto, além de ser particularmente relacionada, na psicanálise freudiana, a certas considerações sobre a pulsão de morte (FREUD, 1930/2010).

Neste último caso, a agressão se exprime como o montante dessa pulsão destrutiva que é direcionado para fora – entrelaçando-se com a agressividade -, sendo possível também voltar-se contra o interior sob a forma de autodestruição (problemática sobre a qual não nos aprofundaremos no presente texto). No que diz respeito à obra winnicottiana, reconhecemos a agressão como inerente a estágios posteriores do desenvolvimento emocional, em que o indivíduo já é capaz de se diferenciar do mundo a sua volta, assim como apresentar ambivalência com relação ao objeto externo. Além disso, podemos acrescentar que a agressão propriamente dita se inicia quando o indivíduo torna-se capaz de reparar os danos causados ao objeto.

Devido a não integração inicial do lactente, podemos considerar dois estados distintos deste e de sua relação primitiva³⁷ com o mundo: são os chamados estados calmos e excitados, que acarretam uma relação com dois objetos inicialmente distintos, a mãe-ambiente e a mãe-objeto.

(...) mãe-ambiente que Winnicott postulou para os primórdios da vida do bebê - a mãe de um período tranquilo para o bebê, que é o período de não integração, ao passo que a mãe de um período que for mais atribulado - a mãe-objeto - é, a princípio, experienciada pelo bebê como separada e distinta da mãe-ambiente. (ABRAM, 1996/2000, p. 49).

À mãe-objeto é direcionada toda a voracidade e destrutividade potenciais do bebê, que, diante da sobrevivência do objeto, torna-se possível o reconhecimento deste como algo externo. Dito de outro modo, é a sobrevivência do objeto aos ataques vorazes do bebê o que permite o seu reconhecimento enquanto real - no sentido de pertencer a uma realidade compartilhada -, além de, aos poucos, situá-lo fora do controle onipotente do infante. Na passagem do estado de dependência absoluta para a dependência relativa, dá-se a

³⁷ Referimo-nos aqui à relação primitiva na tentativa de ressaltar a vertente relacional deste momento inicial, sem com isso desconsiderar a não indiferenciação primária do infante com o mundo.

transformação de uma agressividade casual a uma agressividade intencional, e a destrutividade, cujas raízes se encontram fixadas no amor primário, desembocam na tentativa de reparação e na capacidade de concernimento.

A esse movimento de ataque à mãe e sua posterior tentativa de reparação - garantida pelo reconhecimento do sentimento de ambivalência com um objeto que agora é capaz de ser ao mesmo tempo amado e odiado - dá-se o nome de “círculo benigno”. Devido à possibilidade de reparar os danos causados ao objeto amado, graças à sua sobrevivência diante das investidas do infante, este último tende a ser capaz de expressar-se de forma mais audaciosa, ocorrendo o que Winnicott classifica como uma libertação da vida instintual do bebê (ABRAM, 1996/2000). O estabelecimento da confiança nesse círculo benigno permite que a criança torne-se capaz de se envolver, assumindo a responsabilidade por seus impulsos instintuais – o que corresponde a um dos elementos fundamentais do brincar e do trabalho.

Esse desenvolvimento implica um ego que começa a ser independente do ego auxiliar da mãe, e pode-se agora dizer que existe um lado de dentro do bebê e, por conseguinte, um lado de fora. O esquema corporal adquiriu existência e rapidamente desenvolve complexidade. De agora em diante, o bebê possui uma vida psicossomática. A realidade psíquica interna que Freud nos ensinou a respeitar converte-se numa coisa real para o bebê, que agora sente que a riqueza pessoal reside dentro do eu. Esta riqueza pessoal desenvolve-se a partir da experiência simultânea amor-ódio, a qual implica a realização de ambivalência, cujo enriquecimento e aprimoramento leva à emergência do envolvimento. (WINNICOTT, 1963/2007, p. 114).

Nesse novo estágio do desenvolvimento, o infante já é capaz de reconhecer-se em sua relação com um mundo dele diferenciado, pertencente a uma realidade, e apropriado de seu próprio corpo³⁸. Com isso, torna-se possível conceber também que a mãe-objeto, alvo dos ataques potencialmente destrutivos, é a mesma mãe-ambiente, que o conforta e o acalenta. Com a entrada do infante em um estado de ambivalência, e com o reconhecimento de que o objeto atacado é o mesmo que também é amado, ocorrem tentativas de reparação dos danos causados e o afloramento do sentimento de culpa³⁹. Em tal circunstância, se a mãe for suficientemente boa e, devido à dedicação desse estado particular, for capaz de sobreviver aos ataques do infante, recebendo de bom grado suas tentativas de reparação, estabelece-se o círculo benigno. Ou seja, primeiramente se estabelece a capacidade de concernimento, que se

³⁸ Não é nosso objetivo descrever os pormenores da passagem de uma dependência absoluta a uma dependência relativa.

³⁹ Abram (1996/2000) considera que a culpa inerente ao reconhecimento da ambivalência seria a única culpa verdadeira. Isso se deve ao fato de, uma culpa implantada, ou seja, inerente a uma moralidade estabelecida, ser reconhecida como falsa pelo *self* em formação.

refere a entrada do indivíduo no estado de ambivalência - no qual percebe que o mesmo objeto amado é também alvo de sua destrutividade -, trazendo a tona a culpa e capacidade de se preocupar com o objeto, sendo assim uma conquista adquirida a partir da distinção entre o infante e o mundo. Em decorrência do estado de concernimento se estabelece o círculo benigno, no qual realizam-se os movimentos de destruição e reparação do objeto. Vale destacar que "(...) a não-sobrevivência da mãe-objeto ou fracasso da mãe-ambiente em propiciar uma oportunidade confiável para a reparação leva à perda da capacidade de envolvimento e à sua substituição por angústias cruas e por defesas cruas, tais como a clivagem ou desintegração."(WINNICOTT, 1963/2007, p. 117).

Consideramos, assim, a agressividade primária não apenas como uma forma de expressão do potencial próprio do infante, mas também como a primeira busca pelo reconhecimento desta potencialidade através de sua necessidade de oposição como uma resposta particular a essas manifestações motoras. É esse direcionamento extremamente precoce, o qual expressa, desde os primórdios da vida, a potencialidade de existir, que o sujeito winnicottiano é dotado.

2.1.2 - A satisfação própria do encontro imerso na mutualidade

Após nos dedicarmos a uma maior delimitação do conceito de agressividade em Winnicott, torna-se possível a exploração de sua vertente relacional. Ao nos debruçarmos sobre o tema da agressividade primária, investigamos o papel que ela exerce no movimento simultâneo de encontro, descoberta e criação do mundo, ainda amalgamado ao indivíduo em formação. Como apontado na seção anterior, podemos trabalhar com duas raízes inerentes à agressividade primária. A primeira seria referente ao potencial motor desvinculado de um instinto sexual, e a segunda, à ideia de voracidade, ou seja, a motilidade em conjunto com um instinto sexual. Vale lembrar que a segunda vertente, ao mesmo tempo que segue as linhas de um desenvolvimento emocional, também se dá pela via de uma erogenização prazerosa para o lactente. Neste caso, nos ateremos apenas à primeira vertente da agressividade, que estaria desvinculada de uma sexualidade da qual possa emergir uma articulação com o movimento de descarga.

Seguindo o pensamento winnicottiano, a agressividade primária expressa a abertura do indivíduo a um mundo que ainda lhe é desconhecido nos primórdios da vida, manifestando-se como uma força que aguarda oposição. A resposta a este potencial próprio do infante -

desencadeada pela oposição promovida pelo cuidado materno - promove uma delimitação inicial do corpo e da própria existência do bebê, que esbarra com algo cuja existência ainda lhe é desconhecida, mas capaz de limitar sua ação corporal. Com o passar do tempo e a sustentação do bebê por uma mãe suficientemente boa (WINNICOTT, 1956/2000), que atua como continente para este vir a ser, as primeiras fagulhas que formarão o fogo primordial e particular da existência passam a emergir. Em decorrência desse movimento de esbarrar em algo que ainda não é reconhecido como externo e que, não obstante, limita, sustenta e acalenta, verifica-se a faceta paradoxal de tal movimento: ao mesmo tempo que cria, descobre o mundo a sua volta.

Num dos padrões o ambiente é constantemente descoberto e redescoberto a partir da motilidade. Aqui, cada experiência no contexto do narcisismo primário enfatiza o fato de que o indivíduo está se desenvolvendo no centro, e o contato com o ambiente é *uma experiência do indivíduo*. (WINNICOTT, 1950-5/2000, p. 297, grifos do autor).

É a partir dessa oposição – que sustenta, delimita e norteia –, que se constitui uma circunscrição primária da personalidade, a qual tornará possível um contato ainda indistinto com a realidade. É justamente a expressão de si, imersa na mutualidade, aquela capaz de garantir um contato com o ambiente, vivido como uma experiência do indivíduo. Verifica-se aí o alcance de uma vertente distinta da experiência pulsional de satisfação: uma satisfação que não se refere a uma economia pulsional, tampouco se expressa no alívio de tensão que desencadeia o prazer para Freud; mas uma satisfação que é possibilitada por um meio tranquilo e adaptado, que sustenta e responde à busca por oposição do bebê.

É em decorrência do potencial agressivo que, ao se manifestar, solicita da mãe cuidado, proteção e limite necessários nessa fase inicial, que o bebê começará a, muito precocemente, ser capaz de distinguir, ainda que de forma grosseira, os limites de sua própria ação corporal. A partir do movimento de oposição, o infante é capaz de experienciar⁴⁰ o primeiro contato com a realidade, ainda imerso juntamente com a mãe na não existência individual, num regime de mutualidade. Vale lembrar que, para Winnicott, a experiência da realidade é uma experiência de encontro, e, nesse sentido, algo satisfatório (PHILLIPS, 1988/2013). Isso nos coloca em um panorama no qual o contato com a realidade não é fonte de desprazer em

⁴⁰ Vale ressaltar que, embora para Winnicott a noção de experiência esteja vinculada a um Eu já constituído, também podemos nos referir à experiência nesse momento inicial. Quando o infante se encontra inserido em uma relação dual com seu cuidador que lhe fornece os aportes psíquicos necessários para que a realidade seja vivida como uma experiência única e particular, pensamos em uma experiência referida justamente à amálgama mãe-bebê.

decorrência de frustração, mas sim satisfação proveniente do desenvolvimento do sentimento de confiabilidade com o meio. Afinal, a realidade ainda indistinta, ao mesmo tempo que promove oposição, apazigua. Logo, podemos afirmar que o bebê winnicottiano é um ser sociável desde os primórdios de sua existência, buscando "(...) contato com uma pessoa, não a gratificação instintual de um objeto." (PHILLIPS, 1988/2013, p. 31).

A proximidade com o objeto, ainda desconhecido em sua individualidade, se inscreve não apenas como possibilidade de satisfação instintual, mas também pela própria relação. Esta, quando suficientemente boa, seria por si só algo satisfatório, capaz de garantir não apenas o sentimento de existência, mas também de que a vida é real e vale a pena ser vivida. Neste contexto, vale ressaltar que, para Winnicott, a própria satisfação instintual, a qual, como indicamos aqui, se vincula à força voraz da agressividade, só poderia ser experienciada enquanto tal se imersa em um campo propício ao desenvolvimento da relação. Isso se deve ao fato de ser o cuidado materno o que garante o desenvolvimento e enriquecimento de um *self*, que possibilitará, assim, o verdadeiro viver criativo, e não apenas a expressão de uma vida tomada pela avidez das constantes demandas instintivas.

O leitor pode estar se questionando se a proximidade entre sexualidade e potencial motor não estaria em jogo também no que estamos discutindo agora. Destacamos esta questão enquanto uma parte importante de nossas discussões; no entanto, responderemos ao perspicaz leitor que, apenas a atividade motora não necessariamente desencadeia uma satisfação aos moldes winnicottianos, ou seja, se o lactente expressar seu potencial agressivo na ausência do outro - o qual ainda lhe é desconhecido -, sua ação não encontrará oposição, não desencadeando, por conseguinte, satisfação na experiência.

A sensação de realidade advém principalmente da raiz motora (e sensorial que lhe corresponde), e as experiências eróticas com uma fraca participação do elemento motilidade não fortalecem a sensação de realidade ou de existir. De fato, tais experiências eróticas talvez sejam evitadas justamente por produzir no sujeito uma sensação de não existir, (...) (WINNICOTT, 1950-5/2000, p. 299).

Consideramos, assim, a satisfação inerente à agressividade primária como referida à expressão da potencialidade de vida, que se manifesta através da relação que se dá por meio desse encontro tão singular com um outro amalgamado. Ao propormos uma satisfação não vinculada a uma faceta erógena, mas proveniente dessa relação precoce, nos referimos não ao encontro em si, mas aos processos que este desencadeia e que tornam possíveis a configuração e consolidação de um sentimento de existência. Dito de outro modo,

percebemos que esse direcionamento à vida e a um existir próprio - que emerge da relação e se constitui como fonte de satisfação - é o propulsor da estabilidade e continência, as quais garantem, por sua vez, a gradual consolidação de um sentimento de existência e de um viver criativo. O lugar da satisfação não relacionada com a vertente sexual no desenvolvimento posterior implica no surgimento de uma terceira área da experiência na qual o brincar pode ser experienciado. Ou seja, a satisfação a qual estamos nos referindo prepara o terreno para que a experiência do brincar possa se apresentar para o indivíduo como uma faceta análoga ao prazer não atrelado a uma economia psíquica. Além disso, possibilita que, em um momento posterior, o indivíduo seja capaz de vivenciar o movimento de descarga não como algo angustiante ou desprazeroso, mas como fonte de prazer.

Ao propormos uma satisfação no encontro, não nos referimos a um encontrar o outro - que começa a se formar gradativamente como figura independente no decorrer do desenvolvimento emocional -, mas à possibilidade de, ao se deparar com os limites inerentes ao encontro com um mundo ainda desconhecido, seja possível deparar-se também com algo próprio, uma expressão do que chamaremos posteriormente de *self*. Afinal, como já dizia Winnicott, é "(...) *uma alegria estar escondido mas um desastre não ser achado*" (WINNICOTT, 1963/2007, p. 169, grifos do autor). Ou seja, mesmo nesta citação, na qual o autor se refere a um momento posterior do desenvolvimento, podemos verificar a importância do encontro, que pode ser alcançada no *holding* do adulto com o infante, sem que esteja em jogo uma corrente sexual da experiência. A satisfação alcançada na oposição promovida por uma figura adaptada estaria referida à sensação de existência⁴¹, que nesse momento inicial ainda não foi alcançada de fato, mas começa a emergir - um existir que não apenas se expressa no mundo mas é reconhecido e acolhido por este. É a estimulação do potencial agressivo que, através de uma resposta acolhedora do ambiente, proporciona ao infante o que podemos identificar como uma experiência de satisfação não sexual.

Outro ponto importante a se notar é o papel fundamental que essa relação ímpar adquire na constituição subjetiva. De acordo com Winnicott (1988/1990), as matrizes para a constituição de uma unidade psicossomática, a qual é fruto da junção entre psique e soma, é possibilitada pela constituição imaginativa das vivências somáticas na psique. Ou seja,

⁴¹ Vale lembrar que, em Winnicott, o existir se refere não apenas às aquisições estruturais próprias de um desenvolvimento emocional, mas também à capacidade de expressar algo próprio.

A base da psique é o soma, e, em termos de evolução, o soma foi o primeiro a chegar. A psique começa como uma elaboração imaginativa das funções somáticas, tendo como sua tarefa mais importante a interligação das experiências passadas com as potencialidades, a consciência do momento presente e as expectativas para o futuro. É desta forma que o *self* passa a existir (WINNICOTT, 1988/1990, p. 37).

Começa-se, através desse modo de relacionar-se com um ambiente ainda desconhecido, por meio de um corpo que ainda não é integral ou habitado, a traçar uma distinção primária da psique⁴². Esta (quer dizer, a psique), embora seja restrita a um funcionamento corporal, vê-se ampliada a todo um conjunto de sensações e elaborações de vivências corporais por sua vinculação com o soma. Visto isso, podemos compreender a afirmação de Fontes (2017), segundo a qual: "O corpo estava não somente na origem do psiquismo como faria parte da constituição do ego. Saía assim do dualismo corpo/mente, tornando caduca essa distinção" (p. 46).

A partir de tais considerações, podemos apreender o papel da agressividade primária, expressa através da motilidade, na supracitada constituição do indivíduo. Na medida em que ele expressa no ambiente seu potencial motor, demandando em troca oposição e cuidado, a mãe lhe direciona toda sua dedicação e disponibilidade, sustentando e apaziguando, limitando e dando contorno a seu corpo ainda não integrado: "Em circunstâncias favoráveis a pele se torna o limite entre o eu e o não-eu. Dito de outro modo, a psique começa a viver no soma e uma vida psicossomática de um indivíduo se inicia." (WINNICOTT, 1962/2007, p. 60). Esse processo gera, no corpo, sensações que possibilitarão o desenvolvimento de um crescente potencial elaborativo, capaz de conferir o sentido que gradativamente promoverá a integração entre essa psique ascendente e o soma aos poucos descoberto.

Nesse processo de localização da psique no corpo, como diria Winnicott, o bebê começa a experimentar movimentos espontâneos e se torna dono das sensações correspondentes a essa etapa inicial da vida. Segundo ele, a princípio trata-se de necessidades corporais, que gradualmente transformam-se em necessidades do ego à medida que da elaboração imaginativa das experiências físicas emerge uma psicologia. (FONTES, 2017, p. 66).

Da mesma forma, a ausência de um meio suficientemente bom e adaptado, capaz de promover continência ao existir que emerge da figura inicialmente dispersa e misturada ao ambiente, pode acarretar consequências catastróficas. Afinal, como já foi defendido ao longo do presente texto, o existir, *o ser*, não é dado desde sempre, e, neste sentido, podemos afirmar que o alvorecer psíquico tem início na casualidade do encontro com um ambiente indistinto –

⁴² "(...) a psique (especificamente dependente do funcionamento cerebral) liga o passado já vivenciado, o presente e a expectativa de futuro uns aos outros, dá sentido ao sentimento do eu, e justifica nossa percepção de que dentro daquele corpo existe um indivíduo." (WINNICOTT, 1988/1990, p. 46).

um encontro que, para além de localizar e descobrir o outro, constrói e inscreve o próprio infante. Logo, localizamos nessa relação amalgamada as raízes do nascimento psíquico.

A satisfação, nesse contexto, está referida à possibilidade de constituição individual a partir da experiência de mutualidade; do encontro com o outro inicialmente indistinto, que reconhece a singularidade do infante, gerando uma resposta única a este. Isso garante o suporte e oposição por meio dos quais o indivíduo em potencial pode se deparar com seus próprios limites, físicos e psíquicos, e o reconhecimento do limiar de seu próprio agir no mundo, culminando no brotar de uma existência que não apenas está ali, mas que é reconhecida enquanto tal.

2.2 - A continuidade de uma existência no intervalo entre estados calmos e excitados

Ao nos dedicarmos aos períodos precoces do desenvolvimento emocional do indivíduo, bem como às falhas provenientes deste momento primordial da constituição da existência, percebemos que as aquisições aqui alcançadas advêm de processos entrelaçados e interligados. Seguindo por essa via, não seria estranho pensar que, ao trabalhar com uma analogia com o prazer em Winnicott, também nos veríamos diante de tal característica. A satisfação não pulsional que localizamos na agressividade primária apresenta uma estreita relação com o que trabalharemos em seguida, ou seja, as raízes da transicionalidade e da criatividade como algo inteiramente novo. Em contrapartida, a constituição primária da ideia de limite, continência e oposição garantem a aquisição de um sentimento inicial de existência, seguindo para uma complexificação de aquisições futuras. Elas não serão adquiridas no contexto da dependência absoluta, mas sim em uma relação de dependência relativa. Desta forma, a fim de melhor elucidar esses dois pontos – paradoxalmente independentes e inter-relacionados –, nos propomos a trabalhar agora com os estados calmos e excitados, cuja distinção em um primeiro momento torna-se nítida graças ao estado de não integração inicial do bebê.

Winnicott (1945/2000) postula que, inicialmente, o animal humano se encontra em estado de dependência absoluta em relação ao meio, passando, ao longo de seu desenvolvimento, por alguns processos sucessivos e simultâneos. Esses processos seriam: 1) integração, a partir da qual o infante se torna capaz de se localizar como um ser integrado, em continuidade no tempo e no espaço e distinto do meio a sua volta; 2) personalização, na qual se dá a união do psicossoma, sendo adquirida a sensação de habitar um corpo; 3) realização,

na qual o indivíduo pode ter acesso à realidade compartilhada e se reconhece como inserido na mesma. Todos os processos elencados são possíveis graças à continuidade dos cuidados maternos, constantes e adaptados, que, ao suprir as necessidades do infante e possibilitar que este tenha a ilusão de que o mundo é criado por ele, gera um primeiro contato satisfatório com a realidade.

Como vimos, a princípio todo o percurso inerente ao desenvolvimento emocional é vivenciado pelo infante de forma corporal, por meio do movimento de oposição proveniente do encontro que, ao mesmo tempo que limita, constitui gradativamente o sentimento de existência em contato com a realidade. Neste ponto, teremos que dar uma pausa e realizar um breve retorno ao estado de pré-concernimento.

Inicialmente o bebê não alcançou o estado de integração, o que garante à figura materna um papel fundamental no desenvolvimento do lactente. Neste panorama, o cuidado, quando inserido em um estado de preocupação materna primária (Ver: WINNICOTT, 1956/2000), é capaz não apenas de sustentar e apaziguar o infante, como também de suprir suas necessidades, oferecendo-se ao mesmo tempo que é buscado. Sobre isso, Winnicott garante um lugar de destaque às necessidades egóicas. Estas não dizem respeito a um tipo de necessidade referido ao nível orgânico ou instintivo; mas a necessidades que dependem de um cuidado dotado de intimidade, no qual o infante pode ser envolvido pelo colo materno, sentindo os batimentos cardíacos da mãe, seu tom de voz e ritmo próprio. É a marca do cuidado constante, seguro e incondicional que se dá sobre o terreno da tranquilidade, permitindo que o bebê comece gradativamente a *ser*. O autor relaciona a incapacidade de satisfazer tais necessidades - que podemos caracterizar como afetivas ou emocionais – a sérios danos ao processo de amadurecimento, o que culminará nas angústias impensáveis.

Lejarraga (2015) acentua as diferenças entre as necessidades egóicas e os instintos sexuais, marcando que as primeiras não podem ser reduzidas às segundas. Enquanto as necessidades egóicas precisam de objetos (ambiente) constantes e dotados de previsibilidade, os objetos da pulsão são variáveis e contingentes. Além disso, as necessidades egóicas devem ser satisfeitas, caso contrário o indivíduo poderá sofrer graves danos em seu processo de desenvolvimento, enquanto que as pulsões jamais poderão ser plenamente satisfeitas. Devido a esse papel fundamental que as necessidades do Eu adquirem no processo de ser do infante, Winnicott garante a elas, inicialmente, uma relevância maior do que a própria satisfação

instintual. Tal consideração coloca os estados de tranquilidade, deixados de certa forma de lado pela psicanálise clássica, em um lugar de destaque. Nesses estados se dão processos basais na constituição da personalidade, garantindo um fundo de segurança e tranquilidade sobre o qual as experiências instintivas podem agir.

Logo, inserida nessa dinâmica, a mãe está preparada para oferecer ao bebê o que ele precisa dentro de um tempo que não torne a experiência traumática, possibilitando a instauração de um estado de ilusão no qual a realidade interna e externa seriam "(...) uma e a mesma (...)" (OGDEN, 1985/2013, p. 49), e permitindo, também, que a experiência de contato com o mundo se dê de modo tranquilo e protegido por uma teia de confiabilidade. Desta forma, é a superposição do anseio do bebê com a oferta, por parte da mãe, de um objeto capaz de saciá-lo, o que garante ao infante a ilusão de ter criado o objeto. E, a partir do entrelaçamento das duas vertentes da agressividade primária⁴³ em um desenvolvimento suficientemente bom, a potencialidade singular do lactente é estimulada, permitindo que os movimentos agressivos iniciais deem origem ao reconhecimento do mundo como algo distinto de si.

Winnicott (1945/2000) propõe que o processo de integração da personalidade está em constante desenvolvimento e poderá sempre regredir a um estágio anterior, no qual o sujeito pode se deparar com um sentimento de não integração. O infante passaria, neste caso, por momentos distintos, nos quais este bebê não seria o mesmo, e não reconheceria como os mesmos o objeto que o acalenta e o objeto a quem visa devorar (WINNICOTT, 1945/2000). Essa diferenciação se daria a partir dos estados tranquilos e excitados.

Graças à não integração própria dos momentos iniciais da vida, o infante não é capaz de manter uma continuidade de existência em seus diferentes estados, assim como ainda não é capaz de inferir que a mesma mãe-objeto atacada quando de seus estados de excitação é a mãe-ambiente que dele cuida nos estados de tranquilidade. Winnicott afirma que a criança "(...) ainda não considera importante o fato de que o que ela destrói quando excitada é a mesma coisa que ela valoriza nos calmos intervalos entre as excitações." (WINNICOTT, 1950-5/2000, p. 290). Neste ponto começa a emergir uma drástica diferenciação entre os estados tranquilos e os estados excitados.

⁴³ Como vimos na seção anterior, teríamos duas vertentes próprias à agressividade primária, uma ligada à excitação instintual e outra que se expressa através do puro potencial motor (WINNICOTT, 1950-5/2000).

Winnicott afirma que a agressividade dos estados excitados faz parte do amor. Isso de certo se deve à vinculação entre a voracidade e a força instintual que, embora inicialmente diga respeito ao terreno das necessidades, posteriormente findará na sexualidade, tal qual foi tão amplamente estudada por Freud e a qual não constitui nosso objeto de investigação. Já no que diz respeito aos estados tranquilos e sua relação com a mãe ambiente, emergiria um sentimento terno, segundo Lejarraga (2015). A autora afirma ainda que a vertente terna e a vertente erótica seriam heterogêneas, coexistindo de forma cindida. Elas se uniriam quando, em um momento posterior, o infante alcança um estado de integração, descobrindo que o objeto de sua afeição é o mesmo que ataca vorazmente.

A não integração inicial e a variação proveniente da oscilação entre estados de tranquilidade e excitação traz à tona a importância que a ideia de intervalo adquire na obra de Winnicott. Dito de outra forma, da não integração inicial advém o intervalo entre uma necessidade e outra a partir do qual surgem os estados de tranquilidade; um intervalo entre uma experiência de excitação vivida na unidade dual primária e a tranquilidade proporcionada pela sustentação, limitação e continência do outro acalentador que, no início, é indiferenciado do infante. Ou seja, é nesse intervalo que a experiência do bebê pode se constituir enquanto tal, dotada de uma temporalidade capaz de proporcionar sua integração nesses dois diferentes estados (excitação e tranquilidade). Poderíamos imaginar o emergir de uma ilha, que resiste tanto às grandes forças devastadoras da natureza quanto à calma de um oceano com o qual antes era indiferenciada. Neste contexto, somos levados a afirmar que é no espaço entre a calma dos estados de tranquilidade e os estados de excitação que, ao mesmo tempo que constrói, descobre o objeto, que a trama desejante pode ser fundada (PHILLIPS, 1993/1996), assim como o *self* poderá encontrar sua integração.

Seguindo para o estágio de concernimento, o infante já alcançou um estado de integração que lhe permite vislumbrar a figura materna como uma unidade disponível a ele tanto em seus estados excitados quanto em seus estados tranquilos. É nesse estágio que se estabelece o sentimento de culpa por seus ataques tanto físicos quanto fantasmáticos à mãe. Mais uma vez infere-se o papel importante que os estados de não excitação adquirem: afinal, é justamente nesses momentos de calma que o infante pode realizar tentativas de reparação à figura materna.

Cabe agora partirmos para a análise da expressão de um potencial de vida que podemos destacar na obra de Winnicott. Possibilitada pela emergência de um intervalo ao qual o infante tem acesso pelas vias da agressividade, é na terceira área da experiência que emerge o prazer do brincar (WINNICOTT, 1994). Afinal, é em decorrência da possibilidade de continuidade de existência, garantida pela sustentação e continência do infante nos estados de tranquilidade, que o indivíduo é capaz de suportar a alternância entre os estados de menor e maior integração. Ele consegue, assim, usufruir da terceira área da experiência de maneira criativa nos momentos de não excitação, criando algo de si em conformidade com o mundo.

2.3 - Uma terceira área da experiência

É pensando justamente na passagem da onipotência, na qual os eventos são decorrentes da criação do infante, a um estado onde o mundo já pode ser objetivamente reconhecido como independente da vontade do lactente, que Winnicott propõe a existência de um espaço potencial. Ele afirma que ao alcançarmos um status unitário ergue-se uma barreira que divide exterior e interior, cada qual com uma realidade própria. Considerar que esse mundo interno é historicamente constituído ao longo da vida do indivíduo, assim como dedicar-se à arquitetura dessa construção, foi um trabalho pioneiro de Winnicott. Ele abriu caminho para nos dedicarmos não apenas aos movimentos conflituosos do mundo interno, mas também perceber se é ricamente interligado, se suas bases são firmes ou mesmo se foi construído em uma região tão ameaçadora que deve ser trancado no núcleo da edificação, protegido dentro de um cofre das intempéries exteriores. Apesar de tais avanços fundamentais que suas considerações implicaram na teoria e na clínica, Winnicott considera que estudar essa faceta dual da realidade não seria suficiente. O autor afirma a existência de "(...) uma área intermediária da *experimentação*, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa" (WINNICOTT, 1953/1975, p. 12, grifos do autor).

Seguindo a ideia de intervalo, somos remetidos a uma das grandes inovações presentes no texto winnicottiano, a postulação de um espaço potencial. O espaço potencial é proposto por Winnicott como uma terceira área da experiência, na qual o sujeito pode ingressar na relação com os objetos e fenômenos transicionais. Estes se configuram como a primeira posse não-Eu do infante, com a qual, no entanto, ele não se vê ainda completamente diferenciado.

Introduzi os termos "objetos transicionais" e "fenômenos transicionais" para designar a área intermediária da experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a

projeção do que já foi introjetado, entre o desconhecimento primário de dívida e o reconhecimento desta (WINNICOTT, 1953/1975, p. 11).

É no espaço potencial - o qual o sujeito é capaz de recorrer a qualquer momento ao longo da vida - que as barreiras entre Eu e não-Eu se dissolvem, abrindo caminho para que o lactente projete algo próprio no contato com a realidade, conferindo a este espaço a característica de intermediário entre o interno e o externo, entre o subjetivamente concebido e o objetivamente percebido. É graças às características particulares dessa terceira área da experiência, em que não se é mais uma amálgama com o meio e nem se encontra completamente separado deste, que torna-se possível reviver um estágio de não integração anterior sem perder a já adquirida continuidade da existência⁴⁴. Ou seja, o intervalo que já podia ser vislumbrado na diferença entre os estados calmos e excitados – vivenciados por um infante ainda não integrado –, após a passagem para um estágio de integração posterior – no qual o indivíduo se encontra minimamente integrado –, pode ser experienciado em conformidade com um sentimento de continuidade. É justamente a integração que permite o sentimento de continuidade, alcançado a partir dessa comunhão de espaços entre.

A terceira área da experiência começa a ser formada desde os primórdios da vida do bebê, quando, graças à agressividade primária, ele é capaz de entrar em contato com o mundo, mesmo que ainda não haja barreiras entre sua existência potencial e um mundo até então desconhecido. Experienciar o espaço potencial se torna possível devido à continuidade dos cuidados de uma maternagem suficientemente boa. Providos de constância e adaptação às necessidades do bebê, a atenção de uma mãe suficientemente boa possibilita que o infante tenha a ilusão de que o mundo é criado por ele, garantindo um primeiro contato satisfatório com a realidade, oferecendo o seio onde e quando este é buscado.

Imagino este processo como se duas linhas viessem de direções opostas, podendo aproximar-se uma da outra. Se elas se superpõem, ocorre um *momento de ilusão* - uma partícula de experiência que o bebê pode considerar *ou* como uma alucinação sua, *ou* como um objeto pertencente à realidade externa. (WINNICOTT, 1945/2000, p. 227, grifos do autor).

⁴⁴ No que diz respeito à integração, Winnicott considera que este processo nunca é completamente finalizado, da mesma forma que é possível para o sujeito, na saúde, transitar ao longo do seu desenvolvimento entre estágios de maior e menor integração sem com isso se desintegrar. Vale lembrar que a não integração não é necessariamente agonizante para o sujeito, ao contrário da desintegração que seria da ordem das angústias impensáveis.

Após atravessar a experiência de ilusão na qual o bebê possuía o sentimento onipotente de criação do mundo e dos objetos⁴⁵, e, ademais, saindo de uma dependência absoluta com um sentimento de confiabilidade no ambiente, o infante é capaz de fazer uso de seu objeto transicional (WINNICOTT, 1953/1975), que representa a figura e os cuidados maternos. Este objeto estaria remetido ao que Winnicott define como uma terceira área da experiência. Seria ao mesmo tempo Eu e não Eu, representaria a maternagem suficientemente boa na ausência da mãe, além da capacidade do bebê de criar o que necessita (ABRAM, 1996/2000). O objeto transicional é capaz de ser amado e também resistir aos ataques da criança, tornando possível a atuação do bebê com a mãe-ambiente dos estados tranquilos e a mãe-objeto dos estados excitados.

Deste modo, a criança torna-se capaz não apenas de distinguir Eu e não-Eu, mas também de viver na terceira área da experiência, que possibilita que o interior e o exterior sejam interligados apesar de sua reconhecida separação. Isso nos leva a pensar que o espaço potencial, ao mesmo tempo que expressa uma capacidade de separação em relação ao ambiente, também torna possível uma maior vinculação com este, a partir do reconhecimento de sua mútua relação de independência relativa.

Devido à possibilidade de habitar esse espaço – em que é possível experienciar algo que não é nem unicamente seu, nem apenas do outro, mas que se encontra neste espaço intermediário no qual a relação se constrói –, consideramos que, para Winnicott, a realidade não é fonte de frustrações, mas sim algo prazeroso; mais especificamente, o espaço potencial é aquilo a partir do qual se dá não apenas a construção de seu existir particular⁴⁶, mas também a expressão e reconhecimento deste existir no mundo. Logo, o sentimento de continuidade da existência, que também põe em jogo o estatuto da experiência ao conferir ao sujeito a posse de seu próprio agir e relacionar-se com o mundo, é algo particular do espaço potencial. Justamente diante da capacidade de experienciar algo de si em conformidade com o mundo, em um intervalo no qual as barreiras entre Eu e mundo não precisam ser bem definidas, é que surge a possibilidade de criação de algo singular de maneira criativa no mundo. É nesse contexto que a terceira área da experiência traz consigo as questões do brincar e do viver

⁴⁵ Vale lembrar que é a provisão garantida por um ambiente suficientemente bom o que torna possível a saída do bebê de um estado de onipotência. Afinal, este ambiente o fez acreditar e ter esperança de que coisas boas podem vir de sua relação com o mundo.

⁴⁶ No que diz respeito à construção de uma singularidade em decorrência de relações primárias com o mundo, afirmamos que esse ponto se refere à questão da dívida apontada por Winnicott (1953/1975), conferindo a tal dívida o preço do próprio existir.

criativo, permitindo que, ao ingressar no terreno dos fenômenos transicionais, possamos vislumbrar como se dá de fato a experimentação desta área que culminará no interjogo dos fenômenos culturais (WINNICOTT, 1967/1975).

Nesse sentido, reconhecemos o espaço potencial como referido ao potencial de vida, apontado no presente estudo como a grande analogia com o prazer na obra de Winnicott, que não estaria relacionado necessariamente à ideia de descarga. "Desejo examinar o lugar, utilizando a palavra em sentido abstrato, em que permanecemos a maior parte do tempo enquanto experimentamos a vida." (WINNICOTT, 1971b/1975, p. 165).

2.3.1 - O brincar e o papel da criatividade

Um dos temas centrais, ao voltarmos nossa atenção para a apreensão do espaço potencial, se concentra na questão do brincar e do viver criativo. Partindo da ideia de criatividade temos que, para Winnicott, esta seria definida como "(...) um colorido de toda a atitude com relação à realidade externa." (WINNICOTT, 1971a/1975, p. 108). A criatividade ganha uma importância ímpar no texto winnicottiano, referindo-se a uma expressão própria do verdadeiro *self* que confere um colorido pessoal à experiência. É justamente a possibilidade criativa que garante a apropriação da experiência e o sentimento de que a vida vale a pena ser vivida. Deste modo, criatividade é sinônimo de saúde psíquica, ou seja, uma expressão do estar vivo. Afinal, enquanto é possível expressar seu potencial criativo no mundo, ainda há a esperança de que o ambiente possa ser bom, indicando assim uma imanente potencialidade de vida.

Como já foi citado anteriormente, o potencial criativo está presente desde os primórdios da vida do sujeito, sendo garantido por um ambiente que recebe as expressões do infante de forma adaptada, não se configurando nem como um ambiente ausente nos cuidados e nem como invasivo. Devemos reconhecer que a criatividade originalmente se expressa através da apercepção criativa, que seria justamente "(...) a experiência subjetiva que o bebê tem da mãe e do ambiente desde o início." (ABRAM, 1996/2000, p. 243), o que garante uma aproximação entre o que é vivido e o colorido pessoal que aos poucos vai sendo adicionado à experiência. Neste sentido: "É a partir do sentimento de haver criado o mundo que se estabelece tudo aquilo que é verdadeiramente importante" (ABRAM, 1996/2000, p. 89).

Contudo, um ambiente adaptado nem sempre está disponível para o infante; neste caso, o sentimento oposto, de inutilidade diante do mundo não adaptado, provoca uma sensação de

que nada importa, pois de fato não é possível reconhecer-se em seu viver. Sem a expressão de uma criatividade, a experiência não é apropriada pelo sujeito, o mundo se torna cinzento e o infante não tem esperança de que poderá adquirir algo de bom em sua relação com este mundo. Tudo o que poderíamos reconhecer como uma vitalidade do *self* passa a ser então protegido dos avanços do ambiente hostil em um núcleo que também o isola, podendo até mesmo não permitir o reconhecimento da realidade enquanto tal.

Em casos graves, tudo o que importa e é real, pessoal, original e criativo, permanece oculto e não manifesta qualquer sinal de existência. Nesse caso extremo, o indivíduo não se importa, de fato, de viver ou morrer. O suicídio pouca importância tem quando tal estado de coisas está poderosamente organizado num indivíduo, e nem mesmo o próprio indivíduo se dá conta do que poderia ter sido, ou do que foi percebido, ou do que lhe está faltando. (WINNICOTT, 1971a/1975, p. 113).

Afirmamos a criatividade como o viver em si, dotado de particularidades que nos são únicas; uma expressão livre e espontânea que constitui o viver como algo pessoal e próprio, quase como a impressão digital da existência. Tal ponto nos faz retornar para a questão do tédio apresentada no capítulo anterior. Assim como o tédio, a criatividade conduz o sujeito para o momento presente, o instante em que a vida é vivida, garantindo, com sua apropriação, o que poderíamos reconhecer como a sensação de bem-estar própria dos estados não excitados, conforme destacado por Freud em 1930 - tal qual apresentado no primeiro capítulo. Nesse sentido, o viver criativo se enuncia paradoxalmente como causa e consequência do verdadeiro *self*, na medida em que, ao mesmo tempo que se apresenta como forma de expressão do verdadeiro *self* a cada gesto, também garante a consolidação e reconhecimento deste. "O indivíduo capaz de espontaneidade, portanto, vive criativamente" (ABRAM, 1996/2000, p. 64).

Tendo em vista todas essas considerações, sustentamos que a criatividade se encontra referida ao intervalo do espaço potencial, no qual se inscrevem os fenômenos transicionais e a experiência do brincar. De acordo com Winnicott, o brincar é uma experiência criativa, capaz de garantir uma continuidade no tempo e no espaço, se configurando como uma forma básica do viver (WINNICOTT, 1971/1975).

O brincar foi destacado por Winnicott como uma das principais atividades referentes à saúde psíquica. Tal ponderação confere ao brincar winnicottiano uma importância terapêutica até então ausente. Enquanto outros autores, como Melanie Klein, trabalham com o brincar como uma forma de acessar as fantasias inconscientes da criança, para Winnicott o brincar é terapêutico em si (WINNICOTT, 1968/1975). Isso não significa dizer que o brincar não possa

ser utilizado como uma forma de acesso ao inconsciente. Muito pelo contrário, para Winnicott o brincar também apresenta essa faceta reveladora do conteúdo continuamente encoberto. Entretanto, não é seu objetivo interpretar o conteúdo para a criança, mas fornecer um ambiente em que possa ser experienciado e comunicado, favorecendo a criatividade do infante. No lugar de privilegiar o conteúdo trazido na brincadeira, o autor confere grande importância à experiência; no entanto, afirma que, quando a criança não é capaz de brincar, o papel da psicoterapia é justamente fornecer um ambiente no qual torne-se possível o desenvolvimento desta habilidade natural.

Neste ponto de nossas considerações, o leitor pode estar se perguntando: por que o brincar seria tão importante para Winnicott? Ou ainda, o que ele tem a contribuir na exploração de nossa temática central? Não devemos nos apressar a responder a esta última pergunta; contudo, a resposta da primeira se encontra mais próxima do que pode parecer. É no brincar que a criança realiza o interjogo entre o interno e o externo, usufruindo da terceira área da experiência de maneira criativa. Nesse sentido, o brincar se caracteriza pela possibilidade de inserir, na área da brincadeira, objetos ou fenômenos próprios da realidade externa, usando-os a serviço de sua realidade interna. Não recorrendo a formações alucinatórias, a criança traz para a realidade objetiva conteúdos próprios de sua vida psíquica, experienciando, com os objetos do mundo, uma dinâmica que até então estava restrita ao seu mundo interno: "No brincar, a criança manipula fenômenos externos a serviço do sonho e veste fenômenos externos escolhidos com significado e sentimento oníricos." (WINNICOTT, 1968/1975, p. 86). Além disso, Winnicott (1964/2012) destaca a relação do brincar com a aceitação de símbolos. Isso se deve ao fato de o brincar, como destacado anteriormente, se inserir na esfera do espaço potencial, no qual os objetos e fenômenos transicionais podem ser explorados pelo infante como um símbolo de sua relação com a figura materna. Logo, a capacidade de aceitar símbolos por meio do brincar apresenta à criança possibilidades infinitas de experienciar sua realidade psíquica pessoal, que, como destaca o autor, é a base de seu sentimento de identidade que se encontra em processo de desenvolvimento. Desta forma, Winnicott (1971/1975) afirma o lugar do brincar como ferramenta privilegiada por meio da qual o sujeito pode ser criativo e assim vivenciar sua personalidade integral.

Contudo, o brincar compartilhado não é possível desde o princípio. Inicialmente, o brincar é uma atividade solitária da criança⁴⁷ em seu contato com o mundo, experienciando e vivendo o interjogo do espaço intermediário no qual as barreiras entre Eu e o mundo tornam-se menos delimitadas, sem que a continuidade da experiência – que gradativamente confere uma unidade ao *self* – seja perdida.

O bebê encontra prazer intenso, até mesmo doloroso, associado à brincadeira imaginativa. Não há jogo estabelecido, de modo que tudo é criativo, e, embora o brincar faça parte da relação de objeto, tudo o que acontece é pessoal ao bebê. Tudo o que é físico é imaginativamente elaborado, investido de uma qualidade de primeira vez. (Winnicott, 1967/1975, p. 161).

Quando, em um momento posterior, o brincar pode ser compartilhado, a experiência do brincar não pode se basear em uma excitação instintual, ao contrário do que poderia ser esperado: "(...) quando uma criança está brincando, se a excitação física do envolvimento instintual se torna evidente, então o brincar se interrompe ou, pelo menos, se estraga." (WINNICOTT, 1968/1975, p. 67). Todavia, Winnicott (1958/2007) aponta a existência de um "orgasmo do ego". O "orgasmo do ego" é entendido como uma experiência altamente satisfatória, a qual sujeitos de alguma maneira inibidos em sua capacidade de satisfação instintual podem recorrer com grande frequência. Neste ponto, o autor se refere a experiências como ir ao teatro, ouvir um concerto, ter uma amizade e até mesmo o brincar da criança, afirmando que, através destas experiências, podemos reconhecer a ênfase que o clímax possui. No entanto, logo em seguida afirma:

Na minha opinião, se comparamos um brinquedo feliz de uma criança ou a experiência de um adulto em um concerto com a experiência sexual, a diferença é tão grande que não faria mal usar um termo diferente para a descrição das duas experiências. Qualquer que seja o simbolismo inconsciente, a quantidade da excitação física real é mínima em um tipo de experiência e máxima na outra. (WINNICOTT, 1958/2007, p. 37).

Tal ponto nos faz considerar que, o que está em jogo em um dito orgasmo egoico, é o reconhecimento de que essas experiências são fontes de satisfação para o sujeito – uma satisfação reconhecidamente não sexual, como defendemos no início deste capítulo. Portanto, o brincar não está referido a uma experiência instintual; para além disso, diz respeito a uma experiência de expressão, vitalidade e continuidade do verdadeiro *self*. Em consonância a isso, Lejarraga (2015) afirma que, na saúde, as práticas sexuais próprias da infância devem possuir

⁴⁷ O brincar, em um primeiro momento, só se torna possível graças a um adulto suficientemente bom que permite que a criança fique sozinha em sua presença. É a confiança de que o adulto estará disponível quando solicitado o que possibilita que a criança seja capaz de usufruir da solidão, a partir da possibilidade de estar só na presença de alguém (WINNICOTT, 1958/2007).

o status de brincadeiras sexuais, aludindo a um caráter terno que a concepção do brincar garante, remetendo à consideração de Ferenczi (1932/2011) segundo a qual a sexualidade infantil estaria inscrita na linguagem da ternura.

É justamente nesse sentido que o brincar se torna de extrema importância em nossas considerações. Afinal, traz à tona uma modalidade da experiência que não apenas não está relacionada à satisfação instintual, mas que também se dissipa diante da elevação desta excitação. A experiência de "(...) sentir prazer em brincar." (WINNICOTT, 1968/1975, p. 82) é algo que parece abarcar nossas proposições iniciais, além de apontar, através do terreno percorrido pelo desenvolvimento emocional e ressaltado no presente texto, para um caminho que se origina na satisfação inerente à agressividade primária e desemboca no prazer do brincar no espaço potencial.

Todas essas considerações nos permitem reconhecer, no brincar, o próprio "prazer da experiência", a partir do qual o indivíduo pode reconhecer o mundo e seus eventos como reais, com os quais é capaz de se relacionar e se comunicar. Abram (1996/2000) afirma ainda que o prazer no brincar é uma garantia de saúde na criança, pois sinaliza que ela está apta a criar um modo de vida particular, podendo assim se tornar um indivíduo. Afinal, para Winnicott, é a partir do brincar que o indivíduo é capaz de descobrir/constituir o *self*. Tudo isso graças ao desenvolvimento de uma terceira área da experiência, na qual é possível habitar um espaço intermediário no qual as barreiras entre o *self* e o mundo se rebaixam, mantendo um sentimento de continuidade de existência em meio a experiências compartilhadas. É, ademais, a capacidade de recorrer a um estado de menor integração sem que, com isso, se dê uma perda da continuidade de existência alcançada. Ou seja, o prazer aqui se dá na capacidade de o indivíduo usufruir da própria criatividade em seu interjogo com a realidade compartilhada. Sendo assim, concordamos com a afirmação de que Winnicott "(...) amplia a ideia do prazeroso, apontando para formas de prazer que não podem ser reduzidas ao prazer instintivo sexual." (LEJARRAGA, 2015, p. 47).

Capítulo 3 - Lançando um olhar sobre a problemática do prazer a partir da clínica

Fundado em 2002, o NEPECC (Núcleo de Estudos em Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade) tem como principal objetivo o desenvolvimento de projetos de pesquisa que atrelem teoria e prática em psicanálise, visando a construção de novos elementos conceituais extraídos diretamente de sua clínica. Em decorrência do objetivo proposto, seu modelo de pesquisa abrange tanto investigações teóricas quanto o atendimento de sujeitos com demandas de cuidado referidas ao perfil clínico das pesquisas em andamento. Neste contexto, o grupo de pesquisa realiza sincronicamente atendimentos com vários sujeitos que apresentam queixas em comum, buscando assim, a partir de um modelo sintomatológico, estudar dimensões próprias à dinâmica psíquica de cada sujeito, bem como a particularidade do sintoma em cada caso. Um ponto importante a ser destacado é que, embora os pacientes do NEPECC sejam atendidos por um único analista - cada qual responsável diretamente por um único caso -, nos utilizamos de um modelo de trabalho pautado na ideia de uma *clínica partilhada* (VERZTMAN, PACHECO-FERREIRA, 2017, no prelo). De acordo com esse modelo, os casos são trabalhados em conjunto, com a colaboração de toda a equipe de pesquisa, sendo realizados encontros semanais nos quais, além da supervisão clínica, também se dão estudos teóricos de temas relevantes tanto para os casos quanto para o desenvolvimento da pesquisa em si.

A pesquisa atual⁴⁸ objetiva avaliar aspectos do tratamento psicanalítico oferecido a até dez pacientes (no momento cinco indivíduos encontram-se em atendimento), pelo período mínimo de dois anos⁴⁹. São recebidos sujeitos que apresentam sintomatologia compulsiva, sejam eles diagnosticados com transtorno obsessivo compulsivo (TOC) ou não. A metodologia utilizada tem por vista uma pesquisa qualitativa a partir do “Estudo de Casos Clínicos Múltiplos”. A partir deste método, torna-se possível comparar subjetividades e experiências de sujeitos que apresentam uma configuração sintomatológica comum. Tal procedimento nos permite relativizar - no contexto de uma pesquisa qualitativa - a dinâmica encontrada em um único caso como modelo teórico, permitindo um olhar ampliado sobre

⁴⁸ O nome da pesquisa atual, que está em curso em 2018, é "Estudo psicanalítico das compulsões em pacientes com diagnóstico psiquiátrico de TOC e patologias afins: uma pesquisa exploratória".

⁴⁹ Este prazo inicial é estabelecido por meio de um termo de compromisso que, caso necessário, deverá ser atualizado após dois anos de atendimento.

determinada forma de expressão sintomática. Vale ressaltar que, ao comparar os casos atendidos pela pesquisa, nos propomos a tecer tais comparações no que tange à dinâmica em questão em cada caso, e não a uma comparação dos sujeitos em si. Isso permite, paradoxalmente, aproximar e distanciar uma mesma amostra de pacientes que apresentam uma queixa em comum. Na pesquisa que se encontra em andamento, o objetivo é traçar considerações a partir de três eixos principais: conflito psíquico, elementos narcísicos e manejo clínico⁵⁰.

Tendo em vista o modelo clínico apresentado, optamos por dedicar o presente capítulo ao estudo da modalidade de prazer que não se encontra necessariamente atrelada ao movimento de descarga, a partir de ilustrações extraídas dos casos atendidos pelo NEPECC, a fim de levar o leitor a conhecer as implicações e dilemas clínicos suscitados. Esse objetivo tornou-se possível graças à colaboração de todo o grupo de pesquisa - especialmente dos analistas responsáveis pelos casos atendidos -, não apenas no tocante à disponibilização do material referente aos atendimentos, mas também devido às discussões travadas ao longo da pesquisa. Os dados clínicos obtidos a fim de compor este capítulo se tornaram acessíveis por três vias: 1) pelos relatos periódicos dos casos, contidos em uma pasta de arquivos disponível aos membros do NEPECC; 2) através das supervisões clínicas dos casos; 3) como resultado de entrevistas semiestruturadas realizadas com todos os psicanalistas responsáveis pelo atendimento dos casos⁵¹.

Sabemos que os sintomas circunscritos na categoria de ato compulsivo foram densamente estudados pela psicanálise clássica através de sua presença na dinâmica da neurose obsessiva. Contudo, essa forma de expressão tem se enunciado como fonte de novos desafios para a clínica psicanalítica na contemporaneidade, nos fazendo repensar os próprios mecanismos e processos inerentes à vida psíquica, entre eles o prazer. Neste panorama, o agir compulsivo emerge como testemunho de uma forma de sofrimento que - diferente do proposto até então pela psicanálise freudiana -, não parece ser fruto da modalidade clássica de descrição do prazer⁵². Para sermos mais específicos, o agir compulsivo dos pacientes

⁵⁰ Essas e outras informações sobre o NEPECC, assim como as pesquisas desenvolvidas, se encontram disponíveis no site www.nepecc.psicologia.ufjf.br.

⁵¹ O roteiro elaborado para a entrevista realizada com os analistas responsáveis pelos casos teve por finalidade explicitar aspectos relativos à dimensão do prazer de cada paciente.

⁵² Seguindo as linhas de uma psicanálise clássica, a presença do sintoma compulsivo seria marcada por uma ampla atividade fantasmática, além de uma estreita relação com a esfera do pensamento.

contemporâneos não apresenta indícios de que traga, consigo, a marca de um agir constante, que se enunciaria como substituto do ato sexual, alcançando uma realização de desejo na esfera fantasmática.

A presente dissertação surge justamente de questionamentos referentes à questão do prazer suscitados por essa clínica. Afinal, se de fato a formação sintomática em pauta não apresenta uma íntima vinculação com a ordem do desejo ou da fantasia, seria esse sintoma capaz de desencadear prazer? Em caso negativo, onde poderíamos localizar o prazer na clínica desses pacientes? E ainda, se o sintoma compulsivo não se enuncia como formação de compromisso - hábil a realizar de forma indireta os desejos recalçados -, qual seria sua função? Esses casos nos permitem trabalhar com um prazer que não esteja necessariamente remetido à ideia de descarga?

Tais foram alguns dos questionamentos que moveram nosso percurso e desembocaram nas presentes considerações. Neste panorama, nos deparamos com sintomas compulsivos que marcam um estado de tensão quase constante, e, em alguns casos, com a incapacidade de experienciar momentos de tranquilidade. Sintomas esses que denunciam, a cada ato, a fragilidade em que se encontra a própria existência, ao mesmo tempo em que é através da sensorialidade, própria deste agir, que a vida se torna possível⁵³. Tal ponto nos leva a questionar o papel de autocura que essas formações sintomáticas podem apresentar. Essa indagação coloca-se como relevante na medida em que, como vimos no capítulo anterior, o corpo apresenta um papel fundamental para a constituição psíquica, que se dá inicialmente a partir do cuidado, suporte e amparo dedicados ao bebê. Esses sintomas, embora não sejam propriamente corporais, se expressam no corpo e pelo corpo, contribuindo assim para nossas ponderações de que eles apresentariam um importante papel nas tentativas constantes de alcançar certeza e continuidade da existência – que acreditamos serem faltosas ou frágeis nesses pacientes – sendo capazes, assim, de proporcionar uma experiência de que a vida vale a pena ser vivida.

Concomitantemente, essas formas de expressão inerentes à clínica do ato também paralisam o sujeito em um tempo presente, em que sua história parece se inscrever apenas no

⁵³ Tecemos essa afirmação na medida em que o ato compulsivo confere ao sujeito uma estabilidade e continuidade, que lhe falta, por meio de uma vivência corporal. Como vimos ao longo do capítulo anterior, é a partir da sensorialidade que o indivíduo pode ter acesso a –uma experiência de existência, vivendo, por conseguinte, em um mundo dotado de familiaridade do qual podem provir coisas e experiências boas.

aqui e agora, no qual passado e futuro são muitas vezes desprovidos de relevo ou um desencadeamento temporal habitual. Uma existência refém de um agir, que se apresenta como queixa fundamental do sofrimento dos pacientes. De fato, dos cinco casos atendidos atualmente pelo NEPECC que apresentam como queixa principal sintomas referidos à categoria do ato compulsivo⁵⁴, apenas dois relatam alívio após a realização dos atos ou rituais compulsivos. Nos demais casos, o sintoma compulsivo se torna fonte de angústia, mantendo os pacientes referidos a uma temporalidade própria – um tempo sem tempo, marcado pela presentificação da ação eterna.

A fim de analisar a questão do prazer que se coloca para nós nesses casos, utilizaremos alguns balizadores, que permitirão o vislumbre da problemática de uma maneira mais ampla. Tal metodologia decerto auxiliará no desenvolvimento de nossas premissas de forma mais profunda e completa, possibilitando o estudo dos pontos ressaltados em todos os pacientes. Buscamos desta forma verificar também se, apesar das particularidades de cada caso, o sintoma compulsivo é testemunho de uma dinâmica, de uma falha, de uma limitação ou, enfim, de uma potencialidade em comum.

3.1 - Uma existência marcada por um eterno presente

A questão da temporalidade é algo que se destaca na clínica dos pacientes atendidos pela pesquisa. Poderia parecer que o sintoma compulsivo põe em cena uma temporalidade acelerada, na qual o agir marca, tal qual um relógio, a passagem do tempo. Contudo, o que verificamos nos casos atendidos é um tempo lentificado, que remete os indivíduos a uma paralisação eminente. Uma vida incerta, que não carrega em si projeções consistentes de um futuro ao qual se deseja rumar, pois o próprio presente é incerto. Neste sentido, percebemos essa forma de expressão sintomática - representada por um agir compulsivo - como uma tentativa contínua de ancoragem ou garantia do sujeito, para ele mesmo, de sua própria existência e toda a dimensão de continuidade e limite que esta implica.

Podendo desfrutar fantasmaticamente de uma dimensão de futuro ou não, conseguindo localizar temporalmente os acontecimentos de sua vida ou não, sendo capaz de construir sua

⁵⁴ Por se tratar de casos distintos que apresentam sintomas dotados de singularidade, nos referiremos a sintomas compulsivos, no plural. Embora todos os pacientes atendidos pela pesquisa apresentem sintomas da ordem de um agir compulsivo, reconhecemos em cada paciente formas de expressão consideravelmente distintas umas das outras, assim como uma proximidade particular com a psicose, histeria, melancolia, estados *borderline* e neurose obsessiva.

narrativa a partir de uma linearidade temporal ou não, remetendo-se saudosamente a um passado ou mesmo retornando por meio do discurso a um já vivido de forma espontânea ou não – uma marca que se revela nos indivíduos atendidos pela pesquisa, ao trabalharmos a questão da temporalidade, é a exacerbação do presente. Essa presentificação remete a um tempo fora do tempo graças a sua lentificação – quase petrificação – em um hoje infundável, frouxamente vinculado a uma história organizada na sucessão de eventos.

Contudo, apesar disso, é possível percebermos a referência a um tempo bom, antes da doença – uma vida que fluiu antes do aparecimento dos sintomas –, e um momento posterior, no qual o surgimento dos sintomas leva à estagnação da vida. Os pacientes se referem, até mesmo, a uma esperança atemporal de usufruir de uma vida dita normal. Visto isso, lançamos a seguinte questão: a que se deve a capacidade do indivíduo de usufruir de uma temporalidade?

Vale lembrar que, na obra freudiana, a temporalidade é marcada por um passado mítico e indeterminado, a partir do qual traçam-se os fios que - tal qual o fio de Ariadne marca o caminho já percorrido por Teseu no labirinto do minotauro - guiarão o sujeito no sentido de fazê-lo alcançar satisfações futuras. Nesse sentido, o tempo freudiano é marcado por um passado ao qual se almeja retornar a partir da tentativa de sua repetição no futuro. Seguindo o pensamento deste autor, podemos pensar no presente como o tempo do conflito, do sintoma e da angústia. Visão que, embora possa soar um tanto pessimista, coloca o amanhã em um lugar de esperança enunciada pela dimensão desejante.

Em Winnicott, nos vemos diante de uma temporalidade remetida aos processos de integração tanto psicossomática quanto dos diferentes estados do bebê⁵⁵. São os processos inerentes ao desenvolvimento, naturalmente presentes na saúde, que possibilitam que uma potencialidade ou virtualidade comece a ser. É justamente a ideia de um conjunto de processos que se desenvolvem ao longo da vida - marcado pela expressão de um potencial verdadeiro que aponta para uma temporalidade sem delimitações claras entre passado, presente e futuro - o que encontramos na obra desse autor. Assim, a noção de tempo em Winnicott aparece como algo fluido e contínuo, no qual todas as diferentes dimensões temporais e potencialidades do indivíduo coexistem em um presente.

⁵⁵ Ao nos referirmos à integração dos diferentes estados do bebê, apontamos para a integração entre os estados de excitação e os estados de tranquilidade.

Logo, reconhecemos que, na obra winnicottiana, o presente se enuncia como o tempo no qual a experiência se dá, o que implica a integração entre passado, presente e futuro. Ou seja, a experiência emerge de uma gama de processos que não possuem um começo e um fim marcados taxativamente, se dando ao longo de toda a vida; uma experiência possibilitada por uma potencialidade passada e que concomitantemente permitirá a expressão dessa potencialidade posteriormente. Isso posto, somos levados a afirmar que a temporalidade winnicottiana está intimamente vinculada ao processo de integração e à experiência de continuidade. Sabemos que ambos não são dados desde o princípio, mas se configuram enquanto aquisições de um desenvolvimento saudável. "Como é fácil considerar óbvia a localização da psique no corpo, esquecendo mais uma vez que se trata de algo a ser alcançado." (WINNICOTT, 1988/1990, p. 143). É a partir da integração de uma unidade psicossomática, garantida por uma figura de cuidado bem adaptada, que tal processo se dá. Ao mesmo tempo, a experiência de existência que começa a emergir desse movimento também deve percorrer um longo caminho até que o infante seja capaz de alcançar sua continuidade.

O processo de localização da psique no corpo, ou seja, a integração em uma unidade psicossomática, se desdobra através de duas vertentes distintas:

(...) a pessoal e a ambiental: a experiência pessoal de impulsos e sensações da pele, de erotismo muscular e instintos envolvendo excitação da pessoa total, e também tudo aquilo que se refere aos cuidados do corpo, à satisfação das exigências instintivas que possibilitam a gratificação. (WINNICOTT, 1988/1990, p. 144).

Sobre isso, Winnicott afirma que o soma é a base da psique, que surge a partir da elaboração imaginativa das funções e funcionamento corporal: "(...) a psique (especificamente dependente do funcionamento cerebral) liga o passado já vivenciado, o presente e a expectativa de futuro uns aos outros, dá sentido ao sentimento do eu, e justifica nossa percepção de que dentro daquele corpo existe um indivíduo." (WINNICOTT, 1988/1990, p. 46). É através da junção tanto da anatomia quanto do potencial do indivíduo, que a indistinção entre psique e soma é colocada por Winnicott (1949/2000) como um desenvolvimento sadio, no qual o sentimento de existência se inscreve em uma dimensão corporal. Isso aponta para a consideração de que o *self* se encontra ancorado no próprio corpo, o que nos faz retornar à ideia de utilização do corpo pelos pacientes atendidos na pesquisa como uma forma de afirmação da própria existência.

Contudo, a princípio, o existir e habitar um corpo são transitórios e não integrados, sofrendo as alterações próprias dos estados de excitação e tranquilidade. A não integração

inicial faz com que o infante vivencie dois estados distintos e não integrados de existência. Isso nos permite notar a continuidade de existência como inerente tanto dos cuidados proporcionados por um ambiente adaptado quanto por um trabalho interno no bebê.

Destacamos que a concepção de tempo na obra winnicottiana é marcada pela possibilidade de viver uma experiência, o que só pode ocorrer no presente da mesma, acarretando uma integração entre passado, presente e futuro. Isso implica em considerar que as ações do indivíduo sejam realizadas almejando a possibilidade de vivenciar uma *experiência verdadeira*⁵⁶. Tal concepção se encontra presente ao longo de toda a obra do autor, a partir das considerações sobre uma potencialidade de existência que estaria presente desde a vida intrauterina. Dito de outra forma, a fonte da experiência que marca a temporalidade winnicottiana é o potencial próprio de cada um. Sabemos que a capacidade de viver verdadeiramente é algo que se enuncia em graus variáveis nos indivíduos, o que torna a ideia de experiência algo transitório e não permanente. Além disso, é justamente a garantia de continuidade de existência que possibilita que as diferentes dimensões temporais não sejam perdidas diante da impossibilidade de viver a todo instante uma experiência verdadeira.

Ao refletir sobre todo o processo pelo qual o indivíduo deve passar a fim de ser capaz de vivenciar uma experiência, fica claro que sua temporalidade não se resume à localização temporal dos fatos em uma ordem cronológica. Para além disso, o tempo, para Winnicott, é o tempo do *ser*, que, para ser alcançado, deve ser vivido integralmente em uma dimensão de continuidade não apenas entre os eventos acontecidos, mas na própria potencialidade do verdadeiro *self* que estará presente ao longo de toda a vida. Isso implica pensarmos a temporalidade em Winnicott como a capacidade do indivíduo de se apropriar de sua história e dos eventos dela integrantes.

Um dos pacientes atendidos pela pesquisa não enunciava, em sua narrativa no início do atendimento, uma dimensão temporal habitual, o que acreditamos decorrer de certas peculiaridades ligadas a uma *existência incerta*. Sua existência se expressava como algo frágil e descontínuo, o que aparecia em seu discurso como momentos de tédio, marcados por uma interrupção clara da duração de sua capacidade de ser. Inicialmente, o paciente discorria sobre uma dificuldade de ficar quieto, recorrendo a atividades dirigidas ao próprio corpo - as quais

⁵⁶ Por “experiência verdadeira” entendemos uma experiência própria do verdadeiro *self*. A noção de experiência foi trabalhada no capítulo anterior. No presente capítulo, nos ateremos apenas no que essa noção pode contribuir para pensarmos a questão da temporalidade.

eram desprovidas de pensamento, conflito ou qualquer sentido. Sentia-se impelido em realizar essas ações em seus momentos de tédio (como morder a palma da mão, por exemplo).

Contudo, ao longo dos atendimentos surgiu uma paulatina capacidade de usufruir dos estados de tédio, até então angustiantes. O paciente passou a se dedicar a novas atividades as quais ele experienciava como prazerosas - como desenhar, por exemplo. Desse espaço de criação, de desenhos e de si, emergiu a possibilidade de vivenciar uma continuidade de existência mesmo em momentos de menor excitação, possibilitando o surgimento de associações entre eventos presentes e eventos passados, assim como uma maior linearidade em seu discurso. A narrativa ganhou até mesmo uma potência descritiva, conseguindo trazer o cenário narrado pelo paciente para a sessão – recurso até então ausente.

Esse caso nos leva a conceber a temporalidade como fruto do processo de integração e da experiência de continuidade, a partir dos quais torna-se possível a manutenção de um sentimento de existência mesmo em uma ausência excitatória. Vale destacar que esse paciente, em particular, apresentava, no início dos atendimentos, um movimento de busca constante por excitações diversas – assistindo compulsivamente filmes pornográficos, por exemplo. Localizamos nesse movimento uma tentativa de delimitação e contorno, o que por si só se enunciava de maneira precária em sua vida. Ao longo desse atendimento, que se dá há quase cinco anos, por meio da capacidade de sentir-se vivo e existindo criativamente também diante dos momentos de tédio, foi possível alcançar uma sensação de continuidade e pertencimento do paciente em sua própria história - algo que passou a ser observável em sua narrativa.

Deste modo, o paciente tornou-se capaz de viver uma experiência integrada aos moldes da temporalidade winnicottiana. É devido a essa importante mudança na dinâmica do caso que as atividades prazerosas não relacionadas à antiga busca constante por excitações puderam emergir, nos levando a entender que esta dimensão do prazer necessita de um terreno no qual a *experiência de ser* possa ser desenvolvida e explorada. O recurso da escrita e do desenho, nesse caso, se revelaram como uma forma de expressão e reconhecimento do mundo interno do paciente em meio ao mundo externo - corroborando as considerações apresentadas no segundo capítulo da presente dissertação no que tange ao espaço potencial⁵⁷.

⁵⁷ Este ponto será discutido mais adiante.

3.1.1 - Os benefícios de uma existência paralisada

A discussão, levantada pela questão da temporalidade, sobre um prazer que não seja necessariamente atrelado ao movimento de descarga, se inscreve sob o signo da lentificação do tempo garantida por um agir contínuo. Essa questão é apresentada por Fédida (2009) em suas considerações sobre o estado depressivo⁵⁸. Através de uma aproximação entre "destinos geológicos da terra" e as formas de expressão do "*devir psíquico da humanidade*", o autor traça algumas aproximações entre o fenômeno da glaciação e uma certa paralisação do indivíduo em sua potencial conservação da vida: "A partir desse modelo das formas animais e vegetais, o "psíquico" pode, da mesma maneira, ser concebido como uma forma fixa de conservação da vida que é, no entanto, suficientemente plástica para dispor de uma capacidade de regressão." (FÉDIDA, 2009, p. 33).

Neste ponto, somos remetidos a uma das pacientes atendidas pela pesquisa, a qual, após um rompimento traumático, passa a apresentar sintomas compulsivos relacionados à checagem. A paciente procura constantemente por algo que foi perdido ou que teria caído dela em decorrência de sua movimentação, relatando uma rotina completamente lentificada pelo sintoma, desencadeando um grande medo de que sua vida seja por ele paralisada. Pensamos no sintoma dessa paciente como meio pelo qual a constância e a estabilidade diante de uma perda, que lhe é certa - a paciente não tem dúvida de que perdeu algo, ela tem certeza disso -, podem ser alcançadas. A paralisação adquirida por meio do sintoma, embora limite seu viver, lhe garante a segurança de um meio estável no qual a vida se torna possível.

É justamente diante da possibilidade de vivenciar um estado, no qual a estabilidade é encontrada em decorrência da paralisação, que se enuncia a função defensiva deste sintoma. Ele não se caracteriza pela promoção de uma experiência prazerosa, mas por uma tentativa de defesa constante contra um desmoronamento psíquico iminente. Essa paciente corrobora nossas considerações de que, para que possamos conceber uma modalidade de prazer não dependente do movimento de descarga, é necessário que uma certa estabilidade e continuidade do *ser* tenham sido alcançadas. Afinal, essa modalidade de prazer se encontra remetida às *experiências de ser*.

⁵⁸ Como será apresentado a seguir, embora se tracem algumas proximidades entre os sintomas compulsivos e a depressão no que tange à temporalidade, o lugar conferido ao agir em ambos os quadros traz à tona distinções consideráveis.

Tendo em vista este caso, somos levados às considerações de Fédida (2009). O autor coloca a paralisação e lentificação temporal como uma saída regressiva e conservadora da vida: "A fixação a certas formas - e também de certas formas - acontece conjuntamente com a regressão, que é o único processo possível de mobilização do vivo." (FÉDIDA, 2009, p. 34). Essa concepção de sintoma, que se expressa a partir do congelamento da temporalidade e sob a qual a vida pode ser protegida, não é algo contraditório ao pensamento de Winnicott, colocando-se, deste modo, a favor do que consideramos como um direcionamento geral de uma analogia do prazer contemplada em sua obra⁵⁹. Afinal, Winnicott se propõe a pensar o sintoma justamente em seu caráter defensivo de um potencial de vida inerente a todos os indivíduos. Visto isso, nos dedicaremos na próxima sessão a uma reflexão sobre o sintoma e o lugar de potencialidade que o mesmo pode adquirir.

3.2 - O sintoma enquanto potencialidade

A clínica na qual nos baseamos a fim de ilustrar e discutir as questões trazidas no presente capítulo, juntamente com todo o desdobramento teórico apresentado até o momento, nos leva a problematizar o lugar do sintoma nos casos atendidos. É claro que, com isso, não estamos de forma alguma negando o destaque conferido pela psicanálise às formações sintomáticas – o qual construiu toda uma disciplina que, ao invés de visar sua extinção, lhe dá voz, lhe confere sentido e função na dinâmica psíquica. Todavia, embora o sintoma supere em certa medida o lugar de corpo estranho (FREUD, 1910/2013) a ele atribuído⁶⁰, também carrega em si as marcas de uma parte do próprio sujeito com a qual não é possível entrar em contato diretamente sem que daí advenha a angústia⁶¹ e o desprazer. Logo, o sintoma se manteria, em certa medida, como um corpo estranho que, embora o psiquismo tente insistentemente modificar a fim de não provocar a emergência do conflito psíquico, não se cala, persistindo em sua expressão – seja por vias indiretas, silenciosas ou deveras complexas.

Neste panorama, consideramos *Introdução ao narcisismo* (1914/2010) uma abertura para novas ponderações e perspectivas no que tange o sintoma para a psicanálise. A proposição de um Eu sexualizado (ou libidinal) que deve receber investimentos externos -

⁵⁹ Este ponto foi apresentado no primeiro capítulo da presente dissertação.

⁶⁰ O estatuto de corpo estranho conferido à organização sintomática se deve a seu lugar enquanto expressão de um conteúdo inconsciente que não se encontra em conformidade com uma dinâmica psíquica permeada por uma série de pressupostos morais.

⁶¹ Nesta perspectiva, nos referimos à angústia de castração, trabalhada por Freud ao longo de sua obra.

parentais - a fim de se constituir enquanto tal, nos coloca diante de uma dimensão do próprio sujeito que, além de não estar dada desde o princípio, é aproximada da expressão sintomática na consideração de que o neurótico amaria seu sintoma como a si mesmo. Dito de outro modo, a proposta de um Eu sobre o qual os investimentos podem ser realizados - tanto por outros quanto pelo próprio sujeito - nos permite pensar em formações sintomáticas que tenham por vista justamente garantir o movimento de constituição e consolidação de uma certa identidade ou unidade.

Tal constatação leva a considerar o sintoma sob outra perspectiva, na qual não o remeteríamos apenas à formação de compromisso, mas a uma dimensão narcísica; um sintoma que não seria apenas um corpo estranho, mas uma parte vital que garante a sobrevivência do Eu. "O sintoma (...) assinalaria o fracasso em negociar o conflito. Mais que isso, ele seria organizador da personalidade, propiciando uma identidade ao sujeito, implicando o ambiente na medida em que ele tem algo de impositivo sobre este, o ambiente." (RAMOS, 2012, p. 250).

A partir dessas breves considerações introduzidas pelo texto freudiano, voltamos para Winnicott. Na obra deste último, a faceta defensiva proposta por Freud à categoria de sintoma é sustentada e elevada ainda mais, referindo-se, no início do desenvolvimento, a uma tentativa de defesa frente às falhas ambientais. Visto isso, o sintoma é entendido por Winnicott não como uma resposta criativa do indivíduo a essas falhas, mas como uma expressão reativa. Esta faceta reativa, ao mesmo tempo que protege o núcleo potencial verdadeiro do infante, também o isola, dificultando sua expressão no mundo.

Devemos nos ater a essa ideia: qual seja, a de um sintoma que protege e garante - mesmo que de maneira reativa - a existência de um indivíduo diante das falhas ambientais. Isso posto, temos o sintoma como uma tentativa constante - e fracassada - de lidar com as intempéries do desenvolvimento⁶², o qual tenta possibilitar não apenas a sobrevivência, mas a capacidade de viver e de sentir que a vida vale a pena ser vivida. Tal ponto nos leva a questionar se, de fato, o sintoma, conforme proposto por Winnicott, não carrega em si o potencial de vida próprio ao indivíduo. Essa indagação não se baseia apenas na função que o sintoma adquire para cada sujeito em particular, apesar de, nos casos atendidos pela pesquisa,

⁶² Vale ressaltar que, no que tange a clínica de crianças, Winnicott considera o sintoma uma formação patológica diante da fixação do infante em uma única formação sintomática, e não ao surgimento de sintomas em si.

nos depararmos com uma aparente desarticulação do tecido fantasmático ou desejante de fundo ou um sentido propriamente evidente. Do mesmo modo, a formação sintomática não se constitui de forma aleatória, mas em conformidade com a sua história. Justamente nessa faceta que, ao mesmo tempo, protege e isola, tentando insistentemente suprir falhas e garantir a vida, é que vislumbramos o papel potencial do sintoma enquanto esforço de reconstrução, continuidade e integração.

Torna-se necessário traçarmos um paralelo entre o sintoma compulsivo e o estado de depressividade⁶³ apresentado por Fédida (2009). Para este autor, a depressividade traz consigo a criatividade do infante a partir do contato com seu mundo interno, se posicionando enquanto uma forma de "(...) constituição da experiência de perda e da transformação da vivência interior por ela." (FÉDIDA, 2009, p. 28). Com isso, ele propõe, seguindo as linhas do pensamento de Winnicott, que a capacidade depressiva ou a própria experiência de retraimento promovem um direcionamento à sua vida interior, possibilitando a emergência de uma atividade criativa pela via do pensamento e da ilusão: "(...) a descoberta da ausência como volta da presença é, de fato, a modalidade primordial da existência do outro como liberdade de si." (FÉDIDA, 2009, p. 29).

Seguindo essas considerações, tomamos o sintoma em sua dimensão potencial de preservação da vida. Tal perspectiva não se contrapõe à consideração de que o sintoma seria uma formação defensiva ante as intempéries do desenvolvimento. Também ressaltamos o papel de autocura que essa forma de expressão carrega consigo, de maneira contínua, a partir da tentativa de redução das falhas sofridas pelo indivíduo. Em outras palavras, essa perspectiva coloca o sintoma não apenas em um lugar marcado pela defesa e reatividade, mas também enquanto uma forma de expressão única, encontrada pelo indivíduo diante das adversidades de seu sofrimento.

Ao nos direcionarmos à questão da depressão⁶⁴, embora possamos traçar alguns paralelos entre ela e os casos atendidos pela pesquisa – como, por exemplo, uma lentificação e massificação do tempo –, podemos encontrar também diferenças. Dentre elas, destaca-se o

⁶³ Destacamos que o estado (ou humor) depressivo se enuncia atualmente ou já se insinuou em algum momento na história da maioria dos pacientes atendidos pela pesquisa atual do NEPECC.

⁶⁴ O enfoque na problemática da depressão se dá a partir da observação de que quase todos os pacientes atendidos pela pesquisa ou já receberam algum diagnóstico de depressão ou já apresentaram um humor depressivo. No único caso em que não há indícios de um quadro depressivo, houve uma tentativa de suicídio anterior que ainda se configura como um terreno nebuloso.

fato de que a ação, no caso da depressão, tem a função de encontrar uma saída potencial deste estado. Fédida (2009) afirma que alguns pacientes deprimidos podem se utilizar de um agir compulsivo desvinculado de qualquer dimensão fantasmática ou da esfera do pensamento a fim de negar o próprio psiquismo, consideração com a qual concordamos apenas em certa medida. Não descartamos a possibilidade de o sintoma compulsivo emergir a partir de uma depressão ou como uma forma de expressão da mesma. Contudo, não estamos de acordo com a consideração segundo a qual esse sintoma atuaria no sentido de negar o psiquismo. Compreendemos os atos compulsivos, nesses casos, como um modo de expressão que busca restabelecer - ou até mesmo construir - uma consistência narcísica não garantida. Neste sentido, o ato não possui a função de negar o psiquismo, mas de reafirmar o potencial próprio daquele indivíduo que o mantém vinculado e rumando à vida.

Retomando a questão do agir de acordo com Fédida e conforme discutido anteriormente no que se refere ao tédio: a ação se inscreve como abertura ao surgimento de novas possibilidades para um indivíduo que se encontra de fato paralisado. "*Agir* é deixar aparecer novos horizontes temporais, novas potencialidades. Agindo, o corpo descobre que cada ação evoca outras ações, por vezes simultâneas, e a ação efetuada modifica, por sua execução, o corpo todo." (FÉDIDA, 2009, p. 23, grifos do autor). Esse agir que promove não apenas uma expressão, mas uma possibilidade de comunicação - consigo mesmo e com um interlocutor - não é observado, em seu modo usualmente caracterizado, entre os pacientes atendidos pela pesquisa - especialmente no início do tratamento.

3.2.1 - Uma forma de comunicação

Tal ponto nos faz retornar novamente à perspectiva relacional, na qual a comunicação é algo fundamental: comunicação do verdadeiro *self* e uma capacidade de expressão criativa com um interlocutor capaz de ouvir, acolher e responder a essa movimentação constante que busca oposição, assim como o infante em sua agressividade primária; oposição que reflita o que dele próprio está expresso naquele gesto, que garanta um contorno, uma delimitação e uma continuidade para além do agir constante (WINNICOTT, 1967a/1975). Nesse sentido, reconhecemos que o trabalho com os pacientes atendidos na pesquisa se inscreve nas linhas do afeto, um afetar e um deixar-se ser afetado. O desenvolvimento de tal relação permite a criação de um ambiente a partir do qual o sentimento de confiança, decorrente do cuidado, possa se constituir, possibilitando a emergência de uma continuidade que não precise ser

reafirmada a todo momento. "A depressividade inerente à situação analítica tende precisamente - como viu Ferenczi - a devolver as ressonâncias e as tonalidades daquilo que se nomeia vida." (FÉDIDA, 2009, p. 59).

Isso nos leva a um dos casos atendidos pela pesquisa, no qual o paciente relata grande interesse pela atividade de escrita e leitura, porém não se dedica a elas pois acredita que não teria um público interessado. Ao ingressar em um curso que lhe demandava dedicação a essa área da criação por meio de colagens e desenhos, o paciente começa a levar o material que produz para a sessão. Podendo falar sobre suas criações com a analista, o paciente começa, gradativamente, a partir desse movimento criativo, a ser capaz de vivenciar os intervalos entre as excitações não mais como algo que põe em xeque a própria existência, mas como um intervalo no qual pode expressar seu mundo interno na realidade compartilhada.

É interessante notarmos também que sua narrativa se desprende dos comportamentos compulsivos, se abrindo para um mundo - até então inexplorado - no qual é possível manter a experiência de ser, mesmo na ausência de estímulos excitatórios. Esta é uma mudança particularmente importante no caso desse paciente: os estados de tédio, vivenciados nos intervalos entre os comportamentos compulsivos, cedem lugar a momentos nos quais ele se torna capaz de experienciar a si mesmo. Tal possibilidade de vivenciar uma faceta própria se coloca na oportunidade de dedicar-se a atividades que passam a ser reconhecidas como prazerosas, mesmo diante da ausência excitatória.

Seguindo as considerações de Winnicott apresentadas ao longo da presente dissertação, acreditamos que a criação de um espaço de confiança em análise - no qual o paciente foi capaz de expressar seu mundo interno pela via do desenho e da escrita, sendo acolhido por uma figura atenta e disposta -, tenha sido de grande importância no caso em discussão. Afinal, é a partir do acolhimento e reconhecimento da parcela de si que se encontra presente na criatividade que o indivíduo é capaz de se constituir, dando contorno a seu corpo e afetos. Essa oferta por parte da analista permitiu ao paciente vivenciar o mundo como algo positivo, do qual não é preciso se proteger a todo momento, pois coisas boas também podem vir da relação que gradativamente se constrói. Neste sentido, reconhecemos o sintoma do paciente como um movimento inicial rumo a essas aquisições e desenvolvimento de si em um terreno que permite a vivência de uma modalidade outra de prazer que não a remetida ao movimento de descarga.

Tendo em vista tudo que foi considerado até o momento, reafirmamos o sintoma enquanto potencialidade, ou seja, uma tentativa de cura produzida pelos próprios pacientes, recebendo assim uma posição de destaque, a qual lhe é creditada não apenas um sentido, mas um lugar, um movimento e uma expressão que se destinam sobretudo a garantir a vida do indivíduo. Entendemos que esse modo de conceber o sintoma se enuncia como algo fundamental ao nos deparamos, na clínica, com sintomas que não apresentam uma ligação clara com um pano de fundo desejante ou uma construção fantasmática, como observado na clínica das neuroses clássicas. A visão alternativa que propomos, no tocante ao sintoma, nos permite compreender um propósito outro para as formações sintomáticas que não a expressão de um conflito psíquico inconsciente, mas remetidos à própria potencialidade de ser do indivíduo, atuando ativamente na manutenção da vida e continuidade psíquicas.

Dito isso, somos levados a tratar o sintoma não como um corpo estranho, mas como dotado de uma positividade ímpar. Apostamos na consideração do sintoma como marca de uma batalha traçada diariamente, como sustentação de uma existência que, sem defesas, poderia desmoronar. Em outras palavras, destacamos a faceta sintomática - que já se encontrava, em certa medida, presente nas considerações freudianas (FREUD, 1914/2010) - não apenas remetida a uma formação de compromisso ou conflito psíquico, mas também como potencialidade que marca uma existência constantemente ameaçada, sendo, desta forma, uma tentativa de autocura. De acordo com essa perspectiva, o sintoma passa a ser considerado como algo estruturante e vivo, apresentando-se, muitas vezes, como aquilo que mantém os vínculos do indivíduo com a vida, conferindo o mínimo de sentido possível para que ele sobreviva à aniquilação ou ao sentimento de inconsistência.

Cabe destacar que, na obra winnicottiana, o ambiente recebe um lugar de evidência no que tange a possibilidade de construção de sentidos, manutenção da vida e continuidade de ser. Afinal, como vimos no capítulo anterior, esse ambiente é um grande mediador inicial entre potencialidade de ser e um mundo que lhe é ainda indistinto, sendo justamente o acolhimento à potencialidade própria do indivíduo, juntamente com uma resposta à sua motilidade, o que permite que gradativamente este se torne capaz de se relacionar com o mundo e atribuir-lhe sentidos. Percebemos que os pacientes que apresentam como marca principal uma queixa relacionada ao agir compulsivo atuam em sua formação sintomática justamente como o bebê cuja integração, consistência e continuidade são incertas. Isso nos

leva a considerar o sintoma compulsivo como uma tentativa de suprir falhas ambientais já ocorridas, assim como de garantir constantemente aquisições que não foram desenvolvidas.

Neste caso, a aniquilação do sintoma não é sinônimo de cura – muito pelo contrário, pode representar uma quebra da mínima continuidade e segurança de existência adquiridas: "(...) fora de qualquer avaliação de resultados que pode ser benéfica uma reformulação de uma problemática onde ‘cura’ não quer dizer ‘cura de sintomas’, mas sim a capacidade de *fazer coexistir no sujeito percepção interna de sua identidade e loucura criativa.*" (FÉDIDA, 2009, p. 122, grifos do autor). Essa questão nos remete ao projeto terapêutico traçado por um dos pacientes atendidos pela pesquisa. Devido a uma vida repleta de atos e rituais compulsivos, o paciente se queixa do tempo que perde tanto ao realizar tais ações quanto ao checar o posicionamento de determinados objetos. Certo dia, ele relata ter tido uma ótima ideia: comprou uma caixa de isopor pequena, na qual um de seus livros - o qual o paciente tinha de conferir se se encontrava em determinado lugar, alinhado e intacto - cabia perfeitamente. Desta forma, não precisaria checar a posição do livro a todo momento. Diante de tal resolução, o paciente traça o objetivo de transformar sua "loucura" em uma "loucura pragmática", a qual, por um lado, não inundaria seus dias de atos e rituais contínuos, mas por outro, não eliminaria seu sintoma.

Vale notar que, para o paciente, o sintoma opera como um mecanismo de defesa capaz de garantir contorno e estabilidade à sua existência. O papel estruturante que o sintoma adquire o protege de uma angústia impensável referida justamente à inexistência de barreiras com relação à figura materna. Logo, reconhecemos nessa formação sintomática uma modalidade de prazer relacionada à própria delimitação e limite de si, criando um espaço no qual é possível conviver com a mãe - que auxilia o paciente na realização de seus rituais compulsivos -, paradoxalmente em conjunto e em separado, visto que ele não toca na figura materna. Tudo isso nos leva a afirmar, portanto, que o sintoma é vida, é único e particular, é positivo e é o próprio indivíduo.

3.3 - O sintoma compulsivo e o campo do sexual

Analisaremos agora a relação entre excitação e sexualidade na forma de expressão sintomática que, ao que tudo indica, não se constitui como uma formação de compromisso a partir da qual um desejo inconsciente pode encontrar sua realização, mesmo que de maneira indireta. Tendo em vista a neurose obsessiva como uma construção freudiana (CASTEL,

2011; 2012), na qual ocorre uma íntima relação entre a esfera do ato e a esfera do pensamento, o movimento de descarga se apresenta como uma realização de desejo através da fantasia. O lugar de substituto de um desejo sexual recalcado que o sintoma adquire na dinâmica obsessiva acaba por colocá-lo em posição de destaque, passando a representar a própria vida sexual do paciente neurótico.

Já descrevi a tendência geral da formação de sintomas na neurose obsessiva. Ela consiste em dar cada vez mais espaço à satisfação substitutiva, às expensas da frustração. Graças ao pendor do Eu para a síntese, os mesmos sintomas que originalmente significavam restrições do Eu assumem depois o sentido de satisfações, e é inegável que este último significado se torna pouco a pouco o mais influente. O resultado desse processo, que cada vez mais se aproxima de um completo fracasso do empenho defensivo inicial, é um Eu bastante restrito, obrigado a buscar suas satisfações nos sintomas. (FREUD, 1926/2014, p. 55-56).

Neste contexto, é possível verificar uma íntima relação entre o sintoma e a expressão de uma sexualidade reprimida, a qual, devido ao seu caráter conflitual, não é capaz de encontrar uma descarga direta, recorrendo à formação sintomática. "Duas impressões surgem de imediato deste breve panorama dos sintomas obsessivos. A primeira é que aí se trava uma contínua luta contra o reprimido, cada vez mais desfavorável às forças repressoras; a segunda, que Eu e Super-eu participam enormemente da formação dos sintomas." (FREUD, 1926/2014, p. 48-49). Contudo, no que tange a sintomatologia obsessiva, o movimento de descarga não se dá na ritualização ou no ato em si, mas em toda a dimensão do pensamento que se encontra atrelado ao agir compulsivo inscrito em um contexto desejante. Dito de outra forma, o movimento de descarga que é sentido como prazeroso na neurose obsessiva é proveniente das construções fantasmáticas traçadas a partir de um pano de fundo desejante. Nesta continuidade, o ritual obsessivo se inscreve como substituto do ato sexual, que possibilita que o desejo recalcado seja realizado na fantasia.

Essas breves considerações nos permitem traçar importantes distinções entre a neurose de transferência freudiana em questão, que apresenta como marca o agir compulsivo atrelado a um pensamento obsessivo, e os casos atendidos pelo NEPECC, cuja queixa principal gira em torno de atos e rituais compulsivos. Diferente do observado na neurose obsessiva, os casos atendidos pela pesquisa não apresentam uma íntima relação com a esfera do pensamento, conforme postulado pela psicanálise clássica - ou seja, o campo da representação. Mesmo os pacientes que vinculam os atos e rituais obsessivos a alguma formação da ordem do pensamento (dois pacientes apresentam uma vinculação desse tipo), esta se expressa de maneira mais frouxa e fluida. Visto isso, também não é possível constatar um tecido desejante

ou fantasias dotadas de complexidade como suporte para essas formações que, quando presentes, se expressam de maneira direta, não conseguindo o paciente justificá-las, elaborá-las ou desenvolvê-las. Os sintomas se manifestam, então, como uma comunhão de atos, aparentemente sem justificativa fantasmática ou sem estarem atrelados à ordem do desejo. Esses dados nos levam a considerar que as formações sintomáticas em consideração não estão atreladas a uma dinâmica conflitual pautada no encontro entre um desejo sexual e um conjunto de limitações morais próprias àquele sujeito.

Portanto, torna-se necessário refletir sobre o papel da sexualidade em tal contexto. Algo interessante a ser notado a este propósito é que, mesmo diante de relatos de fantasias ou experiências sexuais propriamente ditas, para os pacientes atendidos, o sexual não parece remetido ao modelo freudiano clássico - no qual, a partir de uma elevação de tensão se dá um movimento de descarga que é tido como prazeroso. Ao invés disso, a sexualidade se enuncia como um meio, e não como um fim, o que nos direciona ao pensamento de Winnicott, para quem a sexualidade em si é uma aquisição.

3.3.1 - A ideia de sexualidade integrada em Winnicott

Na obra winnicottiana, nos deparamos com uma ideia de sexualidade integrada, na qual a satisfação instintual deve se dar conjuntamente com a experiência de ser⁶⁵. Nos casos atendidos pela pesquisa, mesmo quando em um estado de excitação sexual, o que se dá é uma busca de si neste sexual. Dito de outro modo, o que esses indivíduos buscam em suas experiências sexuais - sejam elas na fantasia ou na realidade compartilhada -, parece ser, antes, da ordem de uma busca por delimitação, contorno e identidade do que o ápice de uma descarga sexual. Nesse sentido, reconhecemos no apelo ao corpo, muito mais do que no ato sexual propriamente dito, um recurso desses pacientes para lidar com uma existência tão incerta e não garantida. Contudo, não é o estado de excitação o que possibilita que o indivíduo constitua e tenha acesso a uma dimensão de si, acessível por meio da previsibilidade, continuidade e sustentação própria aos estados de tranquilidade. Por mais que a excitação esteja presente nos pacientes, ela se encontra afastada de uma apropriação da experiência

⁶⁵ Isso pode ser constatado a partir das considerações realizadas no capítulo anterior sobre a questão da agressividade. Como vimos, a agressividade primária em Winnicott seria provida de duas vertentes distintas, porém interligadas. Enquanto uma se encontra atrelada ao desenvolvimento da sexualidade na busca por satisfação instintual, a outra diz respeito a um desenvolvimento inicial do *self* a partir do movimento de oposição à esfera corporal promovido por um ambiente suficientemente adaptado.

intrínseca ao desenvolvimento satisfatório de um *self* verdadeiro, o que faz com que esses momentos de excitação sejam vivenciados como algo intrusivo ou angustiante⁶⁶.

O apelo ao corpo aparece em um dos casos como uma tentativa de quebrar um estado de tédio que o paciente começa a experimentar no decorrer dos atendimentos. Sua queixa inicial se referia ao assistir compulsivo de filmes pornográficos acompanhado de masturbação. O paciente relatava precisar sempre de estímulos novos para conseguir se manter excitado, o que o fez migrar dos vídeos heterossexuais aos vídeos homossexuais, levando-o a se questionar até onde poderia chegar a sua busca por novos estímulos. Ao mesmo tempo que essas experiências de busca constante são referidas como capazes de proporcionar prazer, a necessidade de estar sempre diante de novos estímulos emerge em seu discurso como algo angustiante, denunciando a incapacidade inicial de vivenciar sua continuidade de existência em meio aos estados de tranquilidade.

Fomos levados a pensar que a tentativa de permanecer em um estado de excitação contínuo aplaca uma certa perda de contato consigo mesmo, experienciada nos intervalos entre as excitações. No decorrer dos atendimentos, percebemos um movimento na tentativa de alcançar delimitação, continuidade e um existir garantido pela vivência e exploração de sensações corporais, mesmo em um estado de não excitação⁶⁷. O paciente nomeia e dá contorno a uma parte até então estranha de seu corpo, uma "afta", transformando a sensação indefinida em algo próprio, lhe conferindo um lugar e a possibilidade de explorar uma vivência corporal de maneira prazerosa e também através da dor. Isso nos remete à própria concepção, trabalhada por Winnicott, de uma existência psíquica que se dá inicialmente através de uma vivência corporal e sensorial, assim como a posterior ancoragem da psique no corpo. Neste caso, observamos que, a partir de uma exploração do próprio corpo no intervalo entre os estados excitados promovidos pela masturbação, o paciente pôde testar e reconhecer os limites de seu corpo e de sua própria ação sobre este (o paciente também tinha o comportamento compulsivo de espremer espinhas). A partir dessa vivência no corpo e pelo

⁶⁶ Trabalharemos a questão da angústia mais adiante.

⁶⁷ Consideramos a utilização do corpo, neste caso, como um recurso criativo do indivíduo diante de uma fragilidade de existência, a partir de sintomas que lhe conferem um contorno, limitação e possibilidade de explorar uma existência através da corporeidade.

corpo, tornou-se possível suportar os estados de tédio, além de identificar-se com os outros que lhes eram, até então, estranhos e não familiares⁶⁸.

Em Winnicott (1988/1990), os estados de excitação não são toda a vida do indivíduo; estes vêm e vão, sendo construídos sobre um fundo de tranquilidade no qual há um outro tipo de relacionamento. Ou seja, de acordo com esse autor, para que a vivência de uma experiência excitatória seja satisfatória, ela deve se dar sobre um terreno no qual uma relação suficientemente boa possa se estabelecer:

As experiências de tranquilidade não se reduzem a ser os espaços intervalares dos estados excitados, desempenhando papel primordial na experiência de ser do bebê, base da constituição do *self*. Nos estados tranquilos, a mãe deixa de ser objeto, tornando-se uma mãe-ambiente, que cuida da sustentação do manejo global. (LEJARRAGA, 2015, p. 38).

O ambiente/mãe atua como o meio a partir do qual o bebê se torna capaz de vivenciar os rascunhos de uma experiência de existência, promovidos pelo manejo e sustentação corporal a ele direcionados. Todos esses cuidados se dão em um estado no qual a mãe não apenas se encontra disponível, mas disposta a atender as necessidades físicas e egóicas do infante. É essa presença e sustentação reais que, gradativamente, permitem a emergência de um sentimento de existência que já não depende mais estritamente do conjunto refinado de cuidados a fim de afirmar-se.

Vale destacar que essa relação suficientemente boa deve estar presente em uma experiência satisfatória, seja ela de tensão ou de tranquilidade, não sendo algo que se restringe apenas aos estágios iniciais nos quais a figura materna se encontra inserida em uma contínua mutualidade com o bebê. É uma forma de se relacionar verdadeiramente - no sentido de um verdadeiro *self* -, que se funda nos processos vitais iniciais do infante, mas que se mantém presente e em desenvolvimento contínuo ao longo da vida. Ela passa pelo campo de um espaço potencial, no qual pode-se usufruir do interjogo entre o que sou Eu e o que é o mundo, e culmina na inserção em um meio cultural, onde as ferramentas que possibilitam a expressão e reconhecimento de si na própria relação são desenvolvidas e sofisticadas (WINNICOTT, 1967/1975).

Sobre isso, reconhecemos que, nos casos atendidos, os indivíduos almejam uma experiência de encontro, de intimidade e reconhecimento muito mais do que um encontro

⁶⁸ O paciente passa a ler livros de autoajuda escritos por pessoas com os mesmos comportamentos que ele.

sexual satisfatório com o outro - o que inscreve a própria sexualidade no campo das relações, a partir das quais seria possível confrontar-se consigo mesmo. Por esse ângulo, as relações satisfatórias seriam aquelas nas quais torna-se possível sua expressão e reconhecimento pelo outro que, seguindo um modelo anterior, mas agora não mais completamente adaptado às suas necessidades, o recebe, acolhe e dá lugar à expressão de sua potencialidade. A relação satisfatória dá contorno a uma dimensão de si capaz de conferir ao vivido o caráter de experiência de ser, sendo reconhecido como uma expressão de si, e não uma imposição do meio. Assim: "A comunicação é significativa e verdadeira para o bebê porque ele pode ter a experiência de algo próprio: sua criatividade espontânea." (LEJARRAGA, 2015, p. 39).

A sexualidade para esses pacientes está mais relacionada à busca por um encontro satisfatório, no qual seria possível uma certa espontaneidade - visto que são encontros capazes de possibilitar alguma criação própria ao registro da fantasia, mesmo que de maneira não muito ampla, extensa ou desenvolvida. Cabe, a esse propósito, apresentar o caso de uma das pacientes atendidas pela pesquisa, a qual narra o cuidado oferecido por seus profissionais de saúde como se eles nutrissem algum tipo de interesse para além de seu bem estar. Embora a vivência fantasiosa dessa sensualidade proporcione prazer à paciente, se apresenta como algo um tanto quanto infantilizado e que parece não ter muito espaço em sua vida. A paciente possui uma rotina completamente restrita por suas compulsões e rituais, não apresentando uma produção fantasmática elaborada ou que se estenda aos demais campos de sua vida.

Contudo, ela não apenas é capaz de falar sobre o que seria uma relação satisfatória - a paciente narra a vontade de ter alguém que lhe faça companhia, cuide e garanta uma certa subsistência⁶⁹ -, como também consegue expressar algum conteúdo fantasmático, mesmo que este não se enuncie como uma produção rica e ampla, amparada na figura dos que dela cuidam. Essa dinâmica indica uma sensualidade e vitalidade, assim como um movimento criativo, ainda que quase ausentes na vida da paciente. Isso nos leva a considerar o campo das relações como um terreno fértil, no qual, e a partir do qual, o sujeito pode criar e constituir-se, tanto no que diz respeito ao seu desenvolvimento emocional quanto à riqueza e elaboração de seu mundo interno. Visto isso, cabe problematizar o lugar ocupado pela sexualidade nesses casos, que parecem acentuar muito mais a possibilidade de um encontro satisfatório como

⁶⁹ A paciente é interditada.

algo prazeroso do que o movimento de descarga proporcionado pela elevação excitatória propriamente.

É através das fantasias que essa relação satisfatória torna-se possível: um outro fantasiado que se distingue das relações reais que os pacientes vivenciam. Deste modo, acreditamos que o campo do sexual, neste caso, abre espaço para a expressão criativa de uma vitalidade que, para alguns indivíduos, se mostra como a única – e extremamente rápida – saída criativa e satisfatória que o paciente é capaz de encontrar; um campo no qual torna-se possível esboçar seu desejo, mesmo que este ainda se enuncie como algo frouxo, descontínuo e incerto. Esses momentos de maior vitalidade - como podemos chamar -, nos quais o discurso foge de uma paralisação e enclausuramento, revelam-se como centelhas potenciais de que há uma existência própria para além do sintoma, remetendo ao terreno esperançoso de uma vida menos limitada e mais espontânea.

Levando em conta essas considerações, somos direcionados a outro dos casos atendidos pelo grupo, no qual a paciente relata uma questão sexual presente desde sempre. Contudo, em decorrência da morte de seu companheiro, e o desencadeamento de um estado depressivo, o campo do sexual se torna achatado: a paciente passa a sofrer uma inibição sexual que acontece no momento do luto, devido à impossibilidade de encontrar uma descarga sexual inscrita em uma relação tão satisfatória como a que tinha com o parceiro⁷⁰. Diante dessa impossibilidade de uma relação sexual tão satisfatória como a que tinha com o antigo marido, a questão da compulsão emerge com grande força na tentativa de proporcionar um movimento de descarga e aplacar a angústia que a aflige. Uma angústia que remete a sua vontade de morrer e ser enterrada com o amado, o que leva a paciente a afirmar em diversas ocasiões que “já morreu, só esqueceu de se deitar” – apontando, assim, para uma perda não apenas do outro, mas também de si mesma diante do falecimento do marido.

No relato da paciente, o sintoma compulsivo emerge como algo presente desde sempre ao longo de sua vida, porém em menores proporções. Enquanto ela tinha um campo sexual mais explorado e vivido, e o prazer se encontrava presente nas relações sexuais, o sintoma compulsivo não ocupava um espaço tão exacerbado. Um ponto importante, no que tange esse caso, é o lugar de destaque que a sexualidade ganha no que diz respeito à sensação de

⁷⁰ O antigo companheiro é descrito como uma figura idealizada, o único que a compreendia, alguém que sempre estava presente, etc.

vitalidade. Por tratar-se de uma paciente que expressa um humor depressivo, a vitalidade parece escapar. Contudo, em determinada sessão, ela relata ter voltado a sentir vitalidade depois de muito tempo, quando um homem lhe deu uma "imprensada" em um meio de transporte público, o que ela relata como algo extremamente prazeroso, capaz de dizer que ainda há vida nela.

Logo, a paciente chama nossa atenção para o fato de o sexual ter uma dimensão capaz de trazer à tona uma sensação de vitalidade perdida. No entanto, a faceta de um encontro que se enuncia como prazeroso e satisfatório emerge como figura de destaque nesse caso, nos fazendo considerar - seguindo as asserções winnicottianas - a ideia de uma sexualidade integrada, na qual a corrente terna e sexual se encontrariam em comunhão. Seguindo as linhas de uma agressividade primária, tal qual apresentado no segundo capítulo, essas duas vertentes se desenvolveriam, paradoxalmente, de maneira independente e interligada.

3.3.2 - Angústia

Vamos nos dedicar, agora, à questão da angústia, relatada anteriormente como algo observado na clínica dos pacientes atendidos pelo NEPECC, seja diante da impossibilidade de realização do ritual compulsivo, seja em decorrência da sensação de aprisionamento que este sintoma confere. Ao nos voltarmos para as proposições freudianas, percebemos que, embora Freud faça referência a outros tipos de angústia, seu quadro final se encontra remetido à angústia de castração. Ou seja, à limitação imposta ao desejo da criança pela figura materna, colocando-se assim como uma barreira na própria relação entre o infante e sua primeira figura de amor (FREUD, 1924/2011). Neste panorama, a formação sintomática emerge, para Freud (1926/2014), como uma tentativa de aplacar a angústia de castração. Esta formação defensiva intenta afastar a angústia, tornando não acontecido um trauma vivenciado.

Mas, se nos perguntamos o que o Eu teme por parte do Super-eu é um prosseguimento do castigo da castração. Tal como o Super-eu é o pai que se tornou impessoal, assim também o medo da castração pelo pai transformou-se em angústia social indeterminada ou angústia da consciência. A angústia é a reação à situação de perigo; dela é poupado o Eu ao fazer algo para evitar a situação ou subtrair-se a ela. (FREUD, 1926/2014, p. 68).

E ainda:

Poder-se-ia dizer, então, que os sintomas são criados para evitar o desenvolvimento da angústia, mas isso não nos levaria a enxergar profundamente. É mais correto dizer que os sintomas são criados para evitar a *situação de perigo* que é sinalizada pelo desenvolvimento da angústia. Nos casos até aqui examinados, porém, esse

perigo era a castração ou algo dela derivado. (FREUD, 1926/2014, p. 68, grifos do autor).

É justamente nessa última citação de Freud que estão contidas nossas considerações. Afinal, a angústia a qual nossos pacientes estão referidos parece relacionada não a uma ameaça de castração, mas às ditas angústias/agonias impensáveis, conforme pensadas por Winnicott. As angústias ou agonias impensáveis são provenientes de uma falha no desenvolvimento emocional, em que o ambiente não se encontra disponível em um intervalo superior ao suportado pelo infante (1967/1975). O meio que falha na sustentação desse *vir a ser* provoca uma quebra em sua sensação de continuidade, desencadeando sensações como o "cair para sempre". Winnicott apresenta essas agonias impensáveis como fruto de uma falha ambiental já vivenciada, a qual, embora sofra tentativas de reparação, não poderá ser definitivamente apagada (WINNICOTT, 1960/2007).

Como foi dito anteriormente, os casos que trazemos a fim de ilustrar o presente capítulo denunciam sintomas compulsivos nos quais não é observada uma vinculação com a fantasia ou, ainda, esta se enuncia de maneira frouxa e pálida, se comparada à relação entre sintoma e fantasia na neurose. Além disso, percebemos que as formações sintomáticas tornam possível o estabelecimento de uma relação de proximidade com o outro, que de outra maneira não seria possível, promovendo uma certa experiência de continuidade que, em tais pacientes, é extremamente precária. Notamos neles que o alívio alcançado em decorrência da realização dos atos e/ou rituais se deve à possibilidade de, por meio destes, poder descarregar uma intensa angústia que os aflige. Acreditamos que essa sensação de alívio, decorrente da sintomatologia compulsiva observada, seja proveniente da possibilidade de aplacar o segundo tipo de angústia – referida a uma existência não assegurada, eternamente equilibrada às margens do abismo do ser.

Nos casos em que o ato compulsivo desencadeia alívio, notamos que é a partir da excitação que o indivíduo pode vivenciar alguma forma de experiência e sentir-se vivo - indicando assim sua função na constante tentativa de autocura dos pacientes por nós atendidos. Ou seja, o sintoma compulsivo, em tais casos, se apresenta como uma tentativa de auto-reparação, na qual busca-se promover a segurança necessária a partir da qual a existência possa ser minimamente assegurada, possibilitando que experiências de ser sejam de alguma forma vivenciadas, e assim o indivíduo possa também ter acesso a essa modalidade outra de prazer que não se exprime através do movimento de descarga ou de satisfação libidinal.

Visto isso, observamos também que, em alguns dos casos atendidos pela pesquisa, o sintoma compulsivo se enuncia unicamente como fonte de angústia e sofrimento. São atos realizados quase sem intervalos, denunciando momento a momento não apenas a fragilidade à qual a existência desses indivíduos se encontra remetida, mas também a sua insuficiência em alcançar a continuidade, amparo e segurança para sua sensação de ser. Em suma, verificamos, nestas compulsões - que desencadeiam uma angústia acentuada -, uma tentativa fracassada de aplacar a angústia diante da precariedade de existir em continuidade.

Neste ponto, somos remetidos a um dos casos atendidos, no qual o paciente faz referência a um enorme vazio e angústia, justificando seus complexos rituais como tentativas de apaziguar esses sentimentos que surgem desatrelados de qualquer pensamento. A capacidade de realização dos rituais por completo, de forma adequada, proporciona ao paciente sensação de alívio - embora esta sensação não seja nomeada e nem percebida, pela terapeuta, como fonte de prazer. Outro elemento a ser destacado, a propósito desse caso, é a identificação do paciente com a figura do "Homem dos ratos" e com a psicanálise, a partir de sua vida ritualizada. Tais pontos garantem ao paciente uma identidade e possibilidade de delimitação e localização, algo que por vezes parece lhe escapar.

Por outro lado, devido ao caráter específico de seus rituais, estes por vezes tornam-se extremamente difíceis de serem realizados. Após uma série de repetições e tentativas fracassadas de realização dos rituais, é chegado um momento em que o paciente desiste e abre mão daquilo, ficando extremamente angustiado. Este elemento em particular nos faz entender não apenas o sintoma compulsivo como uma forma de aplacar uma angústia inerente ao perigo constante ao qual se encontra remetida a própria existência, mas como uma tentativa positiva de encontrar delimitação, contorno e continuidade. O sintoma atua, assim, ao mesmo tempo como medida preventiva e forma de escoamento da agonia impensável que assola seu viver.

Vale notar que, ao mesmo tempo que os sintomas compulsivos enunciam uma importante função contra a emergência de uma angústia não remetida à castração, essa angústia também aprisiona e paralisa o sujeito no próprio sofrimento. Em um tempo inexistente e concomitantemente infinito, tal qual Prometeu, os pacientes se veem acorrentados a ações constantes, incessantes, que, assim como o fígado do personagem

mitológico que se regenera diariamente ao ser devorado por um corvo, também se mostram incapazes de remediar as falhas sofridas no seu desenvolvimento emocional primitivo.

Sendo assim, diante da precária integração de sua sexualidade, reconhecemos que o prazer, para esses pacientes, se encontra remetido muito mais à possibilidade de experienciar um sentimento de ser, integração e continuidade, do que a uma descarga sexual propriamente dita. Deste modo, os sintomas se inscrevem em tais quadros como formas pelas quais uma certa estabilidade, capaz de proporcionar experiência remetida ao *self*, podem se dar, não se configurando em si como o melhor exemplo do que classificamos aqui como analogia do prazer, mas, decerto, como tentativas de alcançar um estado em que esta modalidade de prazer se tornará possível.

3.4 - O prazer na relação com o outro

Procuramos observar como é vivenciada a relação com o outro pelos pacientes atendidos pela pesquisa, e no que esta relação contribui para a emergência de um prazer não remetido ao modelo da descarga. Consideramos essa questão fundamental, na medida em que, como vimos ao longo do segundo capítulo, é a partir de uma distinção mínima entre o Eu e o outro que surge o espaço no qual o indivíduo é capaz de experienciar um prazer próprio da continuidade inerente à relação e, também, de vivenciar uma possibilidade de expressão própria de um estado de tranquilidade. É neste estado no qual o infante não se encontra sujeito a excitações, que torna-se capaz de entrar em contato consigo mesmo e seus conteúdos internos em um campo mediado por uma alteridade que afirma o espaço potencial como um lugar de troca no qual uma relação de fato pode ser estabelecida. Vale lembrar que esse processo parte inicialmente de uma união dual com o outro que acolhe o gesto espontâneo do bebê, ao mesmo tempo que lhe proporciona limite e contorno, mesmo em estados nos quais a excitação não se encontra presente. Em um dado momento, esse outro torna-se alguém distinto, com quem ainda é possível se relacionar e expressar algo próprio.

Depreendemos que o indivíduo winnicottiano adquire o estatuto da existência a partir de um contato satisfatório com o ambiente. Vale ressaltar que tal afirmativa não desconsidera a existência de um potencial próprio de cada indivíduo, muito pelo contrário, é justamente graças à capacidade do ambiente de receber, acolher, dar corpo e lugar a essa potencialidade que o existir torna-se possível. Nesse sentido, a existência, para Winnicott, se encontra referida justamente à capacidade de viver e de se expressar criativamente.

Contudo, inicialmente, a existência deve ser a todo momento assegurada por uma figura de cuidado a quem o bebê depende de forma irrestrita (WINNICOTT, 1965/2013). Essa figura assume a função de ambiente capaz de suprir as necessidades do infante. Ao garantir que as necessidades físicas e egoicas possam ser satisfeitas, é estabelecida uma experiência de continuidade no existir - tanto em estados excitados quanto em estados de tranquilidade. Essa questão, como vimos, merece destaque no que se refere à clínica dos pacientes atendidos pelo NEPECC: para eles, a experiência de existência parece não estar garantida, o que os faz lançar mão dos sintomas compulsivos como uma tentativa de assegurar a existência que parece, entretanto, constantemente ameaçada.

Visto isso, reconhecemos uma certa indistinção dos pacientes os quais atendemos com relação à figura do outro. Em alguns casos, o outro não apenas é indiferenciado, mas até mesmo inexistente enquanto alguém capaz de desejar e querer coisas de maneira independente. É possível verificar também, em alguns casos, o sintoma compulsivo atuando como um mediador dessa relação tão indistinta; ou ainda, um movimento de busca por distinção provocado pela própria formação sintomática. Isso fica claro em um dos pacientes atendidos, o qual apresentava, no início do tratamento, uma relação completamente indistinta com a mãe. Quando, no primeiro atendimento, a analista lhe faz perguntas das quais não sabe a resposta, o paciente afirma: “minha mãe é quem melhor me conhece”, sugerindo que a analista direcione tais perguntas à mãe.

No decorrer do processo analítico esse quadro sofre modificações, e uma separação entre ele e a mãe passa a se esboçar; contudo, a indiferenciação com relação à mãe é algo que ainda se encontra presente: quando questionado sobre algo, o paciente normalmente usa o pronome *nós*, se referindo a ele e à mãe. Nesse sentido, seu sintoma compulsivo⁷¹ parece atuar justamente como uma barreira mediadora nessa relação. Isso nos faz perceber essa forma de expressão subjetiva não apenas em sua capacidade de trazer à tona a possibilidade de inscrição e construção de um limite que localiza e constitui o indivíduo; mas, conseqüentemente, confere uma independência, identidade e externalidade à figura do outro.

Essa questão aparece em outro caso atendido pela pesquisa, no qual o paciente não era capaz de encontrar familiaridade com os outros à sua volta. O outro era percebido tanto como

⁷¹ Este paciente apresenta uma série de atos e rituais compulsivos, dentre eles: checagem se um determinado livro se encontra alinhado e no lugar certo, rituais no banho, rituais envolvendo programas de televisão, etc.

intrusivo quanto como inexistente pelo paciente, não havendo fronteiras claras, mas uma mescla de intrusão e mistura. Além disso, as tentativas de interação do paciente eram marcadas por uma posterior sensação de vazio que o impeliam ao agir compulsivo. Ao longo dos quase cinco anos de atendimento, tornou-se perceptível uma mudança nesse sentido. Inicialmente, o paciente retratava não ser capaz de reconhecer no outro nenhum tipo de familiaridade. Em um momento posterior, esse reconhecimento passou a se expressar através da percepção de que ele é uma pessoa e que as outras pessoas também são pessoas: "Os outros pensam, eu nunca imaginei que os outros pensassem, nunca imaginei que os outros também pensassem", disse ele certa vez.

A maior percepção do outro começou a se dar a partir do ambiente seguro proporcionado pela terapia, e posteriormente por meio de leituras - com as quais o paciente era capaz de encontrar familiaridade através de seu próprio sintoma. Concomitante a essa percepção e distinção do outro, se deu uma diminuição dos sintomas compulsivos do paciente, que se tornou capaz de delimitar melhor suas próprias fronteiras com relação a um mundo anteriormente indistinto de si. Em outros termos, ele acabou por tirar de cena o recurso do sintoma compulsivo, que se amparava em uma dimensão corporal como uma forma de experienciar essa delimitação e existência.

Os dois casos narrados remetem à ideia estabelecida por Winnicott de um afastamento da parte verdadeira de si, que poderia se dar em maior ou menor grau. Direcionando-nos para essa problemática, entendemos que é através da apercepção criativa, ou seja, a experiência subjetiva que o indivíduo tem do ambiente desde o início (ABRAM, 1996/2000), que o desenvolvimento pode se dar. Isso implica em dizer que é a partir de um ambiente que permite a expressão e vivência da criatividade potencial do infante que se torna possível o emergir do sentimento de que a vida vale a pena ser vivida. "O que chama a atenção aqui em termos de 'ser' é 'ao olhar sou visto, então existo'. O bebê depende de ser visto (e precisa adaptar-se a isso) pela mãe para sentir-se vivo." (ABRAM, 1996/2000, p. 243). Ou seja, a capacidade do sujeito não apenas de existir, mas de sentir-se real é possibilitada pela atenção especular que lhe é direcionada pelo meio. O reconhecimento pelo olhar não diz respeito apenas ao recebimento de um olhar desadaptado ou esvaziado, mas a um olhar capaz de reconhecer e dar lugar às particularidades daquele infante (WINNICOTT, 1967a/1975).

O papel do reconhecimento por parte do ambiente nos leva a discutir o prazer narrado por quase todos os pacientes em comparecer à terapia. Acreditamos que o prazer associado à análise se deva à possibilidade de compartilhar algo próprio com um interlocutor com quem pode-se falar livremente. Um dos pacientes, por exemplo, ressalta a importância desse espaço no qual pode "falar tudo" e ser compreendido por alguém que fala a mesma língua que ele. Ele manifesta interesse pela psicanálise que, neste contexto, se inscreve como algo fundamental e estruturante em sua vida – não apenas como ferramenta que torna possível o estabelecimento de uma certa familiaridade a partir de uma língua comum, mas também como tendo um importante papel no processo de separação em relação à figura materna.

Esse processo de separação se dá na medida em que a distinção com relação à mãe começa a se enunciar por intermédio da presença da analista como um interlocutor com quem pode-se falar de algo de extrema importância para o paciente e, ao mesmo tempo, desconhecido pela mãe: “Ela não entende o que é um imperativo superegoico, ela desconhece o poder do inconsciente.”. O paciente estabelece uma diferenciação entre "o mundo cotidiano do senso comum", em que a mãe habita, e "o mundo científico", no qual "nós da psicanálise" habitamos. Nesse caso, cabe pensarmos também o lugar da psicanálise enquanto espaço potencial, a partir do qual torna-se possível realizar o estabelecimento de uma relação não invasiva e distinta entre analista e analisando, e a possibilidade de falar de si e ser compreendido em seu discurso ao mesmo tempo em que se respeita as regras desta relação: “Eu não posso xingar nem bater na senhora.”. Deste modo, traça-se, testa-se e brinca-se com os limites que gradativamente podem ser constituídos.

Outro aspecto a ser realçado, no que se refere aos pacientes atendidos pela pesquisa, é o fato de a dimensão de apropriação da vida ser extremamente frágil e não garantida – o que pode ser relacionado à dificuldade, ao menos no início dos atendimentos, de serem capazes de viver de maneira criativa. Logo, percebemos que a tão almejada sensação de que "a vida vale a pena ser vivida" parece lhes escapar, fazendo surgir, dos relatos, frases ou sentimentos como: "Eu não suporto existir.", dito certa vez por um dos pacientes.

Winnicott (1988/1990) aponta que, devido à incapacidade do bebê em estabelecer um contato com a realidade externa, o infante não necessariamente morre. Ao invés disso, desenvolve-se uma base débil para o viver que persiste; o que acarreta dizer que essa falha exacerba uma existência cindida. Em outras palavras, teremos de um lado a vida privada do

infante, que se enuncia por seu potencial criativo, e do outro um falso *self* que se relaciona com a realidade de forma passiva e reativa (WINNICOTT, 1952/2000). É claro que devemos ter em mente que tais proposições de Winnicott levam em conta que essa cisão se dá em graus variáveis, se encontrando presente de maneira mais ou menos acentuada em todos os indivíduos.

No grau extremo de cisão, a criança não tem qualquer razão para viver. Nos níveis menos elevados existe um certo sentimento de futilidade relativo à vida falsa, e uma busca incessante daquela outra vida que seria sentida como real, mesmo que levasse à morte, por exemplo através da inibição. (WINNICOTT, 1988/1990, p. 128).

A capacidade do indivíduo de superar as intempéries próprias do processo de desenvolvimento apontam para um núcleo potencial verdadeiro em busca de uma possibilidade de expressão. Isso torna-se visível nos pacientes atendidos que, mesmo diante de uma vida limitada e muitas vezes imersa em uma série de atos e rituais aos quais são incapazes de atribuir um sentido ou uma formação fantasmática que os justifique, também expressam em alguns momentos algo que lhes é próprio. Apesar disso, a comunhão de atos representa um movimento paradoxal que, ao mesmo tempo que se mostra como uma saída criativa que busca a consolidação e continuidade de uma existência que podemos entender como não garantida, também protege e distancia esse potencial próprio - desencadeando a sensação de aprisionamento e paralisia atribuída ao sintoma. Percebemos, também, que a capacidade de viver criativamente, mesmo que por intervalos mínimos entre uma ação e outra, se revela como algo satisfatório em alguma medida, emergindo a partir da possibilidade de limitação e separação de um outro com o qual os pacientes apresentam, como marca, uma relação amalgamada e muitas vezes indistinta.

Segundo Winnicott (1952/2000), o surgimento de um ser se torna possível graças ao centro de gravidade, que se localiza não no indivíduo, mas na estrutura ambiente-indivíduo. Logo, é partindo de um conjunto de cuidados proporcionados por um meio suficientemente bem adaptado que, aos poucos, a existência potencial pode começar a ser. Winnicott afirma ainda que o desenvolvimento não se dá de forma fácil, devido às oscilações entre os estados de ser, por um lado, e as ansiedades e estado paranoide, por outro, que ocorrem logo após a primeira integração. É o cuidado proporcionado ao bebê o que impede o desencadeamento de um sentimento de desintegração, assim como a perda do contato que gradativamente se estabelece entre psique e soma:

O ser humano agora passa a desenvolver uma entidade a partir do centro pode localizar-se no corpo do bebê, começando assim a criar um mundo externo ao mesmo tempo que adquire uma membrana limitadora e um interior. (...) Até que ponto isso pode nos decepcionar é demonstrado pelo fato de que muitas vezes o que acreditávamos ser um bebê revela-se posteriormente, através da análise, um ambiente desenvolvendo-se falsamente na forma de um ser humano, ficando o indivíduo em potencial oculto em seu interior. (WINNICOTT, 1952/2000, p. 166).

O sentimento de confiabilidade, garantido pelo ambiente indistinto ao indivíduo em formação, possibilita que este possa relaxar, vivenciando sua capacidade de ser, mesmo quando nos estados de tranquilidade. Estados estes nos quais a não integração pode ser experienciada sem angústia, graças à continuidade da sensação de ser - ainda que o indivíduo se encontre diante de uma ausência de excitações. Deste modo, temos que, para Winnicott, a relação com o outro é satisfatória e prazerosa em decorrência da possibilidade de troca do verdadeiro *self* com o mundo. A possibilidade de ser visto nisso que lhe é mais particular, próprio e único, contribui ativamente para a constituição de um sentimento de ser dotado de uma segurança capaz de resistir aos estados de não excitação, permitindo que o indivíduo encontre a si mesmo, de maneira integral, na continuidade entre os estados de tensão e de tranquilidade - o que, para o autor, seria um indicativo de saúde psíquica.

3.5 - Um prazer não restrito ao movimento de descarga

Todos os pontos discutidos até o momento traçam, em conjunto, a imagem de indivíduos dotados de um sentimento de inconsistência, isto é, de incerteza com relação a si mesmos. Esses pacientes apresentam uma faceta outra do agir que parece não dizer respeito ao modelo da descarga, tal como proposto pela psicanálise clássica. As diferentes dimensões analisadas indicam uma temporalidade distinta e uma incapacidade – ao menos no início dos atendimentos –, de possuir relacionamentos dotados de possibilidade de troca com o outro.

Algo que se destaca nos casos atendidos é o fato de que os sintomas, em sua maioria, não apresentam uma forte vinculação com a esfera do pensamento ou do desejo – o que nos leva a pensar que eles não consistem em uma formação de compromisso. Mesmo nos casos em que os sintomas trazem consigo alguma forma de expressão que pudesse apontar para uma formação desejante como pano de fundo, esta surge de maneira frouxa e desbotada. Contudo, o lugar de estruturação que tais sintomas adquirem é notável: eles parecem ter uma função defensiva que, embora não se configure como fonte de prazer em si, garante certa estabilidade e continuidade que permitem a esses indivíduos continuarem existindo. Sem dúvida, uma existência que não é garantida nem assegurada de partida, lentificada a ponto de parecer

paralisada e imutável, presa em um presente de sofrimento quase interminável. Apesar disso, é nas pequenas brechas que emergem da comunhão de atos e rituais, que toma a vida destes indivíduos, que podemos vislumbrar uma faceta prazerosa de seu viver.

Conforme trabalhado no segundo capítulo da presente dissertação, consideramos a experiência própria ao espaço potencial como uma forma de prazer apresentada por Winnicott que não acarreta, necessariamente, em um movimento de descarga. Esta forma de prazer traz, como marca, a capacidade de vivenciar um interjogo entre algo que é próprio (interno) a cada indivíduo e algo externo. É através da possibilidade de usufruir do espaço potencial que o sujeito pode expressar algo que lhe é particular no contato com o mundo, e, ao mesmo tempo, ser reconhecido por isso. A capacidade de habitar esse espaço permite que ele, já minimamente distinto do mundo a sua volta, possa se relacionar com o mesmo sem ser invadido ou se perder nessa relação. É uma relação de continuidade que lhe permite vivenciar estados de menor integração sem que, com isso, experiencie o sentimento de desintegração, fazendo uso do mundo externo a fim de dar vida ao seu mundo interno. Tais considerações nos fazem conceber esse estado como uma grande capacidade de expressão do potencial de vida do indivíduo, possibilitando que ele se sinta real⁷² e sinta que a vida vale a pena ser vivida; afinal, é possível encontrar e criar familiaridade entre si e o mundo.

Desta forma, trazemos o brincar como modelo desse meio de experienciar o prazer a partir da expressão própria de um potencial de vida criativo: "A característica essencial do que desejo comunicar refere-se ao brincar como uma experiência, sempre uma experiência criativa, uma experiência na continuidade espaço-tempo, uma forma básica de viver." (WINNICOTT, 1968/1975, p. 84). Visto isso, no brincar, o indivíduo pode ser criativo, utilizando sua personalidade integral e, assim, sendo capaz de descobrir seu verdadeiro *self* (WINNICOTT, 1971/1975), o que confere ao brincar a capacidade de expressão criativa do indivíduo. Além disso, é graças à capacidade de expressão criativa em conformidade com o potencial verdadeiro que Winnicott (1971/1975) localiza, no brincar, a única forma possível de comunicação – exceto a comunicação direta, que seria própria à patologia ou a estados extremos de imaturidade. Logo, essa forma de prazer se enunciaria paradoxalmente tanto como um modo de expressão criativo, quanto como meio a partir do qual é possível acessar um potencial próprio.

⁷² "Sentir-se real é mais do que existir; é descobrir um modo de existir como si mesmo, relacionar-se aos objetos como si mesmo e ter um eu (*self*) para o qual retirar-se, para relaxamento." (WINNICOTT, 1967a-/1975, p. 185).

Um relato interessante é trazido por um dos pacientes cuja vida é tomada por atos e rituais compulsivos. Ele narra com prazer o que gostava de fazer antes de ficar "louco", referindo-se a uma série de jogos e brincadeiras infantis que realizava na infância como uma criança normal com outras crianças normais. Tal descrição nos leva a considerar que, antes da doença, o prazer e as experiências de satisfação se davam a partir da troca com o outro. Esse mesmo paciente atualmente só esboça algum tipo de prazer ao relatar suas experiências sexuais fantasiosas/delirantes ou ao ir à terapia⁷³. Outra questão a ser destacada, no que se refere ainda a este caso, é a utilização do humor, tanto pelo paciente quanto pela analista. Essa ferramenta se revelou como uma forma de comunicação na qual torna-se possível trabalhar com toda a sua "loucurada" no ambiente analítico. Da mesma forma, o humor se mostra uma ferramenta de delimitação, a partir da qual o paciente pode experimentar e testar os limites de sua relação analítica, assim como a terapeuta também pode trabalhar com este ponto tão fundamental para esse caso em particular.

Devemos ressaltar também a estreita relação que o prazer adquire com a satisfação – relação a qual poderíamos classificar como de codependência. Como vimos, para Winnicott, a satisfação seria vivida por duas vias: a primeira vinculada a uma satisfação libidinal e a segunda por meio de um movimento que busca oposição. É pelo encontro com o cuidador, que se oferece enquanto força de resistência à ação do bebê através de seu cuidado, amparo e limitação, que o infante tem seu primeiro contato com a realidade e um certo contorno de sua experiência corporal, contribuindo assim para a instauração de um sentimento de si, bem como a todos os processos inerentes ao desenvolvimento emocional. Da mesma forma, nas experiências próprias ao espaço potencial, além de uma possibilidade de expressão criativa e interjogo entre Eu e não-Eu, o indivíduo também é capaz de experienciar um sentimento de continuidade de existência através da relação com o outro. Aqui, o *self* já se encontra mais assegurado, sendo possível ao infante regredir a um estado de menor integração sem perder a dimensão de quem se é.

Isso posto, percebemos que, nos casos atendidos, a possibilidade de dar lugar no mundo a algo de si, de vivenciar o espaço entre o interno e o externo, surge como algo extremamente prazeroso para os pacientes, muitas vezes sendo a única forma de obter satisfação, mesmo não estando disponível a princípio. Verificamos o trabalho do sintoma, no que tange ao

⁷³ "Doutora, quando eu vejo a senhora todos os dias, quer dizer, às quartas feiras...".

estabelecimento de uma continuidade e segurança no existir, como uma preparação preliminar do terreno sobre o qual essa forma de prazer, inerente à troca com o outro e reconhecimento de si por este, pode ser experienciada. Seja através de filmes, nos quais alguma fantasia pode encontrar material para se expressar, seja por meio de aulas que se enunciam como uma ferramenta para voltar a fazer atividades que antes da doença eram prazerosas - ou poderiam inclusive se constituir como porta de saída desse estado de aprisionamento -, ou até mesmo na terapia, enfim, em todos esses casos, a esfera do brincar e do espaço potencial se apresenta como fonte de prazer e satisfação para esses indivíduos. Tal dimensão surge como algo, de fato, dotado de grande potencialidade, capaz de tirar o paciente de um estado de paralisia e abrir o campo da criação, onde os limites da compulsão parecem menos rígidos e marcados. Uma via, em suma, por meio da qual se torna possível a comunicação verdadeira com outros indivíduos – vistos agora como pares; um lugar em que é possível misturar-se sem se desintegrar:

É com base no brincar, que se constrói a totalidade da existência experiencial do homem. (...) Experimentamos a vida na área dos fenômenos transicionais, no excitante entrelaçamento da subjetividade e da observação objetiva, e numa área intermediária entre a realidade interna do indivíduo e a realidade compartilhada do mundo externo aos indivíduos. (WINNICOTT, 1971/1975, p. 107).

Uma das pacientes atendidas pela pesquisa se refere ao seu trabalho com grande prazer e satisfação, afirmando amar fazer o que faz e ser muito feliz quando consegue desempenhar um papel ou trabalhar com o teatro. Relaciona estar no palco com a ausência do TOC, como se atuar a redimisse de todo o sofrimento do sintoma e das escolhas desastrosas que localiza em sua vida pessoal. Podemos destacar a profissão da paciente como algo que lhe permite usufruir de um espaço de criação e expressão criativa e ser reconhecida por isso; um trabalho que lhe proporciona transitar entre sua vida e a vida que confere aos personagens que interpreta, sendo ao mesmo tempo dois e um, sem com isso deixar de ser ela mesma, uma atriz. Essa paciente apresenta de forma clara a faceta prazerosa do interjogo entre o interno e o externo, próprio ao espaço potencial. Através da atuação, torna-se possível viver os próprios dilemas que marcam sua interioridade no mundo, sobre um palco que lhe permite ser vista, reconhecida e aplaudida. A profissão dessa paciente se destaca como um ponto interessante, apresentando-se como uma ferramenta que permite que os outros não apenas lhe garantam lugar a partir do reconhecimento de sua figura própria, promovido pela atuação, mas também possibilita um interjogo de identificação com os espectadores, que podem usufruir junto com ela desse espaço intermediário no qual a relação torna-se possível.

A partir das vinhetas apresentadas, podemos perceber o lugar de valoração que adquirem as atividades que permitem aos pacientes vivenciar o espaço no qual uma troca verdadeira é possível. Da mesma forma, é interessante notarmos que, em nenhum dos casos, os sintomas compulsivos se estendem até essas atividades prazerosas, que passam a marcar de forma nítida uma distinção entre um presente petrificado e um passado saudoso ou a esperança de um futuro melhor. Além disso, a dimensão da troca, na qual não apenas torna possível uma expressão criativa, mas também - e esse ponto emerge com grande relevo - um reconhecimento acolhedor desta criatividade. Ou seja, não basta apenas a possibilidade de realização de um gesto espontâneo, devendo este contar com um interlocutor capaz de recebê-lo em sua particularidade.

A somação ou reverberação depende de que o indivíduo possa ter refletida de volta a comunicação (indireta) feita ao terapeuta (ou amigo) em quem confia. Nessas condições altamente especializadas, o indivíduo pode reunir-se e existir como unidade, não como defesa contra a ansiedade, mas como expressão do EU SOU, eu estou vivo, eu sou eu mesmo (Winnicott, 1962). Nesse posicionamento tudo é criativo. (WINICOTT, 1971/1975, p. 93).

Reconhecemos que a possibilidade de usufruir do prazer próprio dessa dimensão, que não pode ser localizada espacial ou temporalmente, necessita de uma mínima segurança de que sua existência não será perdida no envolvimento e troca com o outro. Devido a isso, acreditamos que a questão do reconhecimento é muito importante. Afinal, é diante da possibilidade de reconhecimento de nossos limites e singularidade por um outro que estes são internamente constituídos, permitindo que uma troca verdadeira e não invasiva seja possível, assim como a capacidade de viver criativamente, ao invés de reagir a uma ritmicidade ditada pelo meio. "O paciente não pôde repousar, devido a um fracasso das provisões ambientais, que desfez o sentimento de confiança." (WINNICOTT, 1971/1975, p. 92). Somos então levados a destacar a importância da confiança e esperança no meio, para que a existência não se perca na ausência de excitações; para que se possa, também, tirar proveito dos estados de relaxamento nos quais a área da criação pode ganhar vida e se constituir, possibilitando, assim a emergência de um indivíduo que é, em uma continuidade integrada entre os intervalos e as excitações.

Considerações finais

Conforme trabalhamos ao longo da presente dissertação, o indivíduo advém de uma situação de dependência primordial, na qual a importância do cuidador é ressaltada não apenas por suprir as necessidades biológicas do infante, mas também por proporcionar-lhe um ambiente capaz de acolher e sustentar a emergência de sua potencialidade de ser, garantindo, assim, um terreno fértil para que possa florescer. É devido a todos os processos próprios ao alvorecer psíquico que o indivíduo alcança a tão almejada existência, sendo, em decorrência do desabrochar desta potencialidade que lhe é própria, que ele se torna capaz de agir de maneira criativa no mundo. "Hoje, desejo dizer: 'Após ser - fazer e deixar-se fazer. Mas ser, antes de tudo'" (WINNICOTT, 1971a /1975, p. 138).

Seguindo as considerações de Winnicott, entendemos que a vida inicialmente diz respeito a um potencial, que, em contato com um ambiente indistinto, alcança gradativamente sua expressão como fruto do próprio cuidado, emergindo daí um indivíduo – um ser que não é originalmente garantido, tampouco deve sua constituição apenas à capacidade do ambiente de saciar suas necessidades instintivas. O indivíduo winnicottiano é fruto do cuidado e sustentação proporcionados pelo ambiente, que lhe garante um meio acolhedor no qual sua criatividade primária é reconhecida e delimitada. Desta forma, a existência e suas particularidades se devem, sobretudo, à satisfação das necessidades do ser, próprias ao potencial de existência do lactente. É através do desenvolvimento emocional primitivo - que se torna possível graças aos cuidados adaptados e previsíveis - que essa potencialidade inicial pode constituir-se como um indivíduo que *é* (WINNICOTT, 1945/2000). Essa ideia nos permite compreender a afirmativa do autor de que tudo começaria no ser (WINNICOTT, 1971a /1975), não considerando o ser como algo dado, mas como uma aquisição e construção a partir das quais é possível usufruir de uma experiência de imersão cultural reconhecendo-se e agindo no mundo.

Como vimos, é a partir de uma vivência corporal que se dá a constituição e emergência de um *self*, conferindo um lugar de destaque ao corpo no processo de desenvolvimento emocional (WINNICOTT, 1949/2000). A sensação de continuidade e integração são adquiridas justamente em decorrência deste cuidado previsível e confiável dedicado ao infante por uma figura a ele suficientemente adaptada. Tal ponto nos permitiu traçar algumas

considerações em paralelo com questões clínicas trazidas por meio de ilustrações dos casos atendidos pelo NEPECC no terceiro capítulo desta dissertação.

Os sintomas compulsivos apresentados pelos pacientes indicam que a esfera corporal é amplamente requisitada. Defendemos que esta forma de expressão sintomática, que se exprime por meio do corpo, é capaz de fornecer uma segurança mínima a partir da qual a vida torna-se possível. Tal ponderação nos permite lançar um olhar distinto sobre a formação sintomática, que, mesmo se constituindo enquanto um mecanismo com função defensiva, se manifesta como um potencial de vida inerente ao indivíduo, sendo assim dotada de positividade. É claro que devemos ter em mente que a segurança para a existência alcançada pela via sintomática é relativa, marcada pela incerteza que se inscreve em uma temporalidade distinta, fixada em um eterno presente - sendo, apesar disso, capaz de distanciar o indivíduo das ditas agonias impensáveis.

O sintoma apresenta, assim, uma faceta paradoxal que, ao mesmo tempo em que se enuncia como uma resposta defensiva, garante a sobrevivência do indivíduo. Isso nos leva a pensar o sintoma como expressão de uma força de vida própria à potencialidade verdadeira do ser. Neste contexto, embora não discordemos de Winnicott no que tange a concepção do sintoma como uma defesa caracterizada pela reatividade, entendemos que isso não inviabiliza a consideração desta forma de expressão como capaz de trazer consigo também a marca do próprio sujeito. Tal afirmação garante ao sintoma um lugar dotado de positividade, sendo por vezes - como é o caso de alguns de nossos pacientes - a única forma pela qual podem acessar uma faceta que lhes é própria, um contato consigo mesmos que, embora se dê pelas vias da reatividade e do enclausuramento, também possibilita a eles que se mantenham minimamente integrados e vinculados à realidade compartilhada.

Este ponto nos leva a pensar a formação sintomática como um ato de esperança a partir do qual o verdadeiro *self* persiste, aguardando um momento propício em que possa se manifestar espontaneamente. Os atos compulsivos se configuram, portanto, como uma expressão criativa do *self*, capazes de promover um sentimento de apropriação, antes de tudo, de si mesmo. Reconhecemos, nestes termos, os atos e rituais compulsivos apresentados pelos pacientes atendidos pelo NEPECC como tentativas de possibilitar um sentimento de continuidade de existência a partir do qual o prazer próprio ao interjogo entre Eu e mundo possa ser experienciado. Em suma, uma modalidade de prazer que - conforme apresentada,

discutida e trabalhada na presente dissertação - não se inscreve apenas no movimento de descarga, mas na possibilidade de vivenciar algo de si e ser reconhecido por essa expressão verdadeira.

Todas as considerações traçadas em referência à criatividade e possibilidade de expressão de um gesto espontâneo nos lançam em um terreno de tranquilidade onde o verdadeiro *self* pode ser experienciado. É justamente sobre estas linhas que se inscreve o modo de prazer trabalhado na presente dissertação – modo este que contrasta com as ideias de movimento, descarga e excitação, vinculadas tradicionalmente ao conceito de prazer. A fim de evitar confusões com o modelo proposto pela psicanálise clássica, tornando mais simples a distinção desta outra forma de prazer, propomos que ela seja nomeada de *prazer da experiência*. Acreditamos que tal nomenclatura facilite a utilização e descrição do tema aqui trabalhado em estudos futuros, demarcando sua distinção em relação a uma economia psíquica e metapsicologia freudianas, na qual o prazer se encontrava fundamentalmente atrelado até então.

Contudo, é importante reconhecermos também que tal nomenclatura não é suficiente para abarcar o refinamento e complexidade de todos os processos descritos na presente dissertação, devendo ser utilizada com certa cautela e de maneira contextualizada. Nossa argumentação se direciona no sentido de conceber o *prazer da experiência* como uma forma de expressão e reconhecimento de si, entendendo esta modalidade de prazer como uma operação na qual a existência é afirmada e em certo ponto garantida. Ao mesmo tempo, é a sensação de continuidade da existência que permite ao indivíduo relacionar-se verdadeiramente com o mundo, encontrando nos objetos externos maneiras que tornam possível a representação de seu mundo interno⁷⁴. Isso coloca o *prazer da experiência* não apenas nas linhas do desenvolvimento individual, mas também na capacidade de construção e inserção no panorama ampliado do meio cultural.

Logo, ao nos referirmos ao *prazer da experiência*, nos direcionamos a algo próprio dos estados tranquilos, que se exprime através do viver criativo e da capacidade de realizar trocas

⁷⁴ A partir da capacidade de relacionar-se com o mundo como algo distinto de si, obtendo nos objetos externos uma forma de representar seu próprio mundo interno, é que o indivíduo se torna capaz de usufruir de uma relação de objeto propriamente dita – isto é, realizando trocas com outros sem que, com isso, perca de vista a dimensão de existência já adquirida.

com o mundo, a partir das quais a própria relação se inscreve⁷⁵. Uma expressão de si que, seguindo os moldes do desenvolvimento emocional primitivo (WINNICOTT, 1945/2000), deve ser reconhecido (WINNICOTT, 1967a/1975). É a possibilidade de habitar o mundo enquanto um indivíduo, cuja existência não se encontra constantemente ameaçada, e a capacidade de vivenciar algo próprio neste contato, o que permite que a vida seja experienciada como algo prazeroso. Tal modalidade, própria ao viver, é o que nomeamos de *prazer da experiência*.

⁷⁵ É no movimento de trocas com um mundo diferenciado ao indivíduo que localizamos o protótipo da própria relação, na medida em que elas, as trocas, permitem que algo próprio seja depositado, acolhido e reconhecido no meio compartilhado.

Referências Bibliográficas

- ABRAM, J. *A linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 1996/2000.
- ANTONELLO, D. F. A repetição e seus destinos na obra de Freud. 2011. p. 120. *Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 2011.
- BRUM, S. O estatuto do prazer em Freud. 2016, p. 62. *Trabalho de conclusão do curso de Graduação em Psicologia - Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 2016.
- BREUER, Josef, FREUD (1895[1893]), Sigmund. Estudos sobre a histeria. *São Paulo: Companhia das letras*, vol II, 2016.
- CAROPRESO, F.; SIMANKE, R. T. Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana. *Ágora, Rio de Janeiro*, v. IX n. 2, p. 207-224, jul/dez 2006.
- CASTEL, P.H. *Âmes scrupuleuses, vies d'angoisse, tristes obsedes*. Paris: Ithaque, 2011.
- _____. *La fin des coupables et le cãs paramord*. Paris: Ithaque, 2012.
- FÉDIDA, P. *Dos benefícios da depressão: elogio da psicoterapia*. São Paulo: Escuta, 2009.
- FERENCZI, S. (1932) Confusão de línguas entre crianças e adultos. In: *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FONTES, I. *A descoberta de si mesmo*. São Paulo: Ideias & letras, 2017.
- FREUD, S. (1984). As neuropsicoses de defesa. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol III. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol IV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1900). A interpretação dos sonhos In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol IV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Completas*. vol VI. São Paulo: Companhia das letras, 2016.
- _____. (1909). O homem dos ratos. In: *Obras Completas*. vol IX. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

_____. (1910). Cinco lições de Psicanálise. In: *Obras Completas*. vol IX. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

_____. (1911). Formulações sobre os dois princípios de funcionamento psíquico. In: *Obras Completas*. vol X. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____. (1914). Introdução ao narcisismo. In: *Obras Completas*. vol XII. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____. (1915). Os instintos e seus destinos. In: *Obras Completas*. vol XII. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Obras Completas*. vol XIV. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____. (1923). O Eu e o ID. In: *Obras Completas*. vol XVI. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

_____. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: *Obras Completas*. vol XVI. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

_____. (1924a). O problema econômico do masoquismo. In: *Obras Completas*. vol XVI. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

_____. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In: *Obras Completas*. vol XVII. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

_____. (1930). O mal-estar na civilização. In: *Obras Completas*. vol XVIII. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

FULGENCIO, L. Críticas e alternativas de Winnicott ao conceito de pulsão de morte. In: *Àgora, Rio de Janeiro*, v. XV, n. especial, p. 469-480, dez 2012.

_____. Pode haver uma ciência psicanalítica sem uma metapsicologia especulativa? In: *Scientiae studia, São Paulo*, v. XI, n. 3 p. 491 - 510, 2013.

_____. Winnicott e uma psicanálise sem metapsicologia. In: *ResearchGate*, jan, 2006, p. 1 - 16. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/255991888_Winnicott_e_uma_psicanalise_sem_metapsicologia> Acesso em: 04/08/2017.

GARCIA-ROZA, Luiz A. *Acaso e repetição em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986/1993.

_____. *Introdução a metapsicologia freudiana, vol 3: Artigos de metapsicologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995/2008.

GONDAR, J. Sobre as compulsões e o dispositivo psicanalítico. In: *Ágora, Rio de Janeiro*, v.IV, n.2, p. 25 - 35, jul/dez 2001.

GREEN, A. O outro e a experiência de <<self>>. In KHAN, M. *Psicanálise: Teoria Técnica e Casos Clínicos*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 1-18 , 1974/1984.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins e Fontes, 1982/2012.

LEJARRAGA, A. L. *Sexualidade infantil e intimidade: diálogos winnicottianos*. Rio de Janeiro: Gramond, 2015.

OGDEN, T. H. The mother, the infant and the matrix: interpretations of aspects os the work of Donald Winnicott. In: ABRAM, J. *Donald Winnicott today*, New York: Routledge, p. 46-72, 1985/2013.

PHILLIPS, Adam. *Beijo, cócegas e tédio*. São Paulo: Schwarcz LTDA, 1993/1996.

_____. Winnicott. São Paulo: Ideias e letras, 1988/2013.

RAMOS, G.A. *Obsessão e psicanálise depois de Freud*. São Paulo: Editora campinas, 2012.

ROUSSILLON, R. *Paradoxo e situações limites da psicanálise*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1991/2006.

_____. La dépendance primitive et l'homosexualité primaire en double. In: *Revue française de psychanalyse*, Paris, v. LXVIII, n. 2, p. 421 - 439, 2004.

_____. L'object, l'experience de satisfaction et l'intelligibilité. In: *Revue française de psychanalyse*, Paris, v. 65, n. 4 p. 1379 - 1387, abr/jun 2001.

VERZTMAN, J.; PACHECO-FERREIRA, F. O sintoma compulsivo na contemporaneidade: estudo comparativo de casos à luz da teoria psicanalítica, 2017, no prelo.

WINNICOTT, D. W.(1936) Contribution to a discussion on enuresis. In: WINNICOTT, D. W. *Thinking about children*, Massachusetts: Addison-Wesley, p. 151-156, 1996.

_____.(1945) Desenvolvimento emocional primitivo. In: WINNICOTT, D. W. *Da pediatria à psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago, p. 218-232, 2000.

_____.(1949) A mente e sua relação com o psicossoma. In: WINNICOTT, D. W. *Da pediatria à psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago, p. 332-346, 2000.

_____.(1952) Ansiedade associada à insegurança. In: WINNICOTT, D. W. *Da pediatria à psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago, p. 163-167, 2000.

_____.(1953) Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*, Rio de Janeiro: Imago, p. 10-47, 1975.

_____.(1955[1950]) A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In: WINNICOTT, D. W. *Da pediatria à psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago, p. 288-304, 2000.

_____.(1956) A preocupação materna primária. In: WINNICOTT, D. W. *Da pediatria à psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago, p. 399 - 405, 2000.

_____.(1958) A capacidade de estar só. In: WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação*, Porto alegre: Artmed, p. 79-87, 2007.

_____.(1960) Distorções do ego em termos de falso e verdadeiro *self*. In: WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação*, São Paulo: Artmed, p.128-139, 2007.

_____.(1960a) Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação*, Rio de Janeiro: Imago, p. 38-54, 2007.

_____.(1962) Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação*, Porto alegre: Artmed, p. 55-61, 2007.

_____.(1963) Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In: WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação*, São Paulo: Artmed, p.163-174, 2007.

_____.(1964) Raízes da agressão. In: WINNICOTT, D. W. *Privação e delinquência*, Rio de Janeiro: Imago, p. 102-110, 2012.

_____.(1965) *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins e fontes, 2013.

_____.(1967) A localização da experiência cultural. In: WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*, Rio de Janeiro: Imago, p. 108-138, 1975.

_____.(1967a) O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*, Rio de Janeiro: Imago, p. 108-138, 1975.

_____.(1968) O brincar (Uma Exposição Teórica). In: WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*, Rio de Janeiro: Imago, p. 108-138, 1975.

_____.(1971) O brincar (A atividade Criativa e a Busca do Self). In: WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*, Rio de Janeiro: Imago, p. 108-138, /1975.

_____.(1971a) A criatividade e suas origens. In: WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*, Rio de Janeiro: Imago, p. 108-138, 1975.

_____.(1971b) O lugar em que vivemos. In: WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*, Rio de Janeiro: Imago, p. 165-174, 1975.

_____.(1988) *Natureza humana*. Rio de janeiro: Imago, 1990.

_____. Notas sobre o brinquedo In: WINNICOTT, D. W. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, p. 49-52, 1994.